A. HERCULANO

CARTAS
DE VALE DE LOBOS

★ ★

(4.º Vol. das Cartas)

ao 3.º Duque de Palmela
e a José Cândido dos Santos

PREFACIADAS E ANOTADAS
POR
VITORINO NEMÉSIO

LISBOA
LIVRARIA BERTRAND

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/cartasdevaledelo02herc

RB183 .C36

CARTAS
DE VALE DE LOBOS

A. HERCULANO

CARTAS
DE VALE DE LOBOS

★ ★

(4.º Vol. das Cartas)

ao 3.º Duque de Palmela
e a José Cândido dos Santos

PREFACIADAS E ANOTADAS
POR
VITORINO NEMÉSIO

LISBOA
LIVRARIA BERTRAND

Composto e impresso na
IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL
R. da Alegria, 30 — Lisboa

O RETIRO

EM *28 de Novembro de 1871*, UN CAMPAGNARD DE LA BANLIEUE DE SANTAREM *(que sabia o seu francês!) respondia às seguintes indiscreções francesmente formuladas, entre outras, numa folha do álbum* Confissões *que lhe enviara uma senhora*[1]*:*

VOTRE OCCUPATION FAVORITE? — *Le travail libre aux champs.*

VOTRE IDÉE DU BONHEUR? — *Le bonheur est une ombre qu'on poursuit à tâtons dans les profondeurs de l'avenir.*

OÙ PRÉFÉRIEZ VOUS VIVRE? — *Où je suis.*

VOS POÈTES FAVORIS? — *Hélas! Je ne lis plus les poètes.*

VOS PEINTRES ET COMPOSITEURS FAVORIS? — *Dieu, qui a composé les tableaux du lever et du coucher du soleil dans ce pays de collines, peuplé d'arbres clairsemés, est aujourd'hui mon peintre: le rossignol qui chante au clair de la lune, par une nuit de prin-*

---

[1] *D.ª Camila Ribeiro de Faria.*

temps, perché sur le peuplier gémissant, et penché sur le ruisseau qui murmure, est mon seul musicien.

VOTRE NOURRITURE ET VOTRE BOISSON FAVORITES? — *Les beefstecks, de l'eau rougie et des fruits.*

QUELLE EST VOTRE SITUATION D'ESPRIT ACTUELLE? — *C'est trop long pour une ou deux lignes.*

QUELLE EST VOTRE DEVISE FAVORITE? — *Peut qui veut. Tout le monde désire: seuls les grands caractères veulent.*

Não é preciso ler o nome de «Vale de Lobos» no rodapé da folha para identificar o «camponês do arrabalde de Santarém» com Herculano[1]. *E se não está aqui positivamente a chave do famoso «retiro», excepcionalmente se concentram nesta «confissão», a que felizmente o levou a sua benevolência para com os costumes da sociabilidade romântica, os ingredientes do estado de espírito do retirado. E isso mesmo apesar do prudente* — «c'est trop long» — *que, com mais forte razão, nos devera advertir dos perigos de entrar, de fora e* a posteriori, *em selva tão obscura e remota.*

Mas a necessidade de explicar o que geralmente pareceu, no grande homem, uma insó-

---

[1] *Em carta a D. António Alves Martins, então Bispo eleito do Algarve, Herculano assina-se «o seu» «hoje quase bestificado amigo* / O lavrador dos Bairros de Santarém». *De outras vezes: «um pobre rústico dos bairros», «barrão dos Sítios», etc.*

lita mudança de rumo, além de tentadora é biogràficamente necessária. Um contemporâneo com as responsabilidades de Ramalho Ortigão chegou mesmo a escrever, a poucos dias da sua morte: «a isolação de Herculano não é um simples episódio biográfico, é um facto social, é um dos mais tristes fenómenos da decadência portuguesa. O exemplo do solitário de Vale de Lobos *será profundamente nocivo, se não for cabalmente explicado como uma fatalidade sociológica». Isto, depois de haver emprazado supostos cúmplices da «fuga» neste tom perentório: «A elaboração psicológica das causas que levaram o espírito de Herculano a quebrar as suas relações mentais com a sociedade, é um importante estudo a que se acham obrigados aqueles que viveram na intimidade e na confidência do grande escritor». E, cominatório: «A sociedade precisa de saber que grau de responsabilidade lhe cabe no emudecimento dessa voz».*

«Decadência»... «Fatalidade sociológica»... Quem decaíu, no retiro? Herculano, que o elegeu, ou a sociedade portuguesa, que a tanto o teria obrigado? Mas, se houve fatalidade, como pedir-lhe a explicação a simples testemunhas de vista do seu inexorável cumprimento? E porque não chamar um sociólogo,

que, trabalhando sobre matérias do extrarrádio de uma estrita pessoa, explicaria porventura o seu gesto pelos avatares da sociedade, e os avatares da sociedade pelo índice do seu gesto?...

Creio que foi Fidelino de Figueiredo quem melhor pôs o problema[1]*: «teceram-se numerosas subtilezas de sentido transcendente, sem que ninguém explicasse a sua retirada para Vale de Lobos pela hipótese razoável de um descanso, tornado oportuno e legítimo». «A admiração apologética e incondicional atribui por vezes sentidos ocultos ou complexos ao que é corrente e fácil». A admiração — e a má vontade... Alguém já dera, aliás, pelo ovo de Colombo, — e alguém com a autoridade da posição de Ferrer, confidente e «colega lavrador» do «solitário», para quem o verdadeiro móbil do retiro foi o amor à vida rural*[2]*. Baltasar Osório*[3] *também lhe encontra, entre outros possíveis motivos, o amor à natureza, senão o propósito de «convencer, com o próprio exemplo, que Portugal podia erguer-se da sua possível decadência, arroteando os bal-*

---

[1] Estudos de Literatura, *I*, *p.* 167.

[2] Elogio, *pronunciado no Instituto de Coimbra.*

[3] Panegírico, *proferido na Academia das Ciências de Lisboa, pp. 25-26.*

dios, dedicando-se à vida industrial e agrícola» [1].

Mas o que se pode chamar a «crítica do retiro» é órgão que, geralmente, só conhece dois registos: o gravemente censório e o agudamente triunfal. Poucos se mantém na zona média e desenvolutiva do teclado. Ramalho já em vida do escritor se distinguira entre os cavos... A esse respeito, a grande geração de 1865 divide-se nìtidamente em dois campos: um, em que alinham Teófilo com as suas diatribes de historiador do Romantismo, Eça com a sua ironia distante e mundanamente respeitosa de quem a si próprio desenfadadamente se filiava na escola «romanisca ou romancisca», e Ramalho pelo que se viu e vai ver; outro, em que enfileiram Antero e Oliveira Martins, subjugados pela grandeza moral e doutrinária do homem, embora distantes dele em ideias, e ainda muito mais em crenças [2]. *Antero nunca se pronunciou expressa-*

[1] *Herculano escreve, no opúsculo sobre* Propriedade Literária: *«o homem de engenho preferiria o trabalho braçal, que fortifica os membros e prolonga a vida, às contensões do espírito que a devoram». Na* História de Portugal *diz que o amir Hixiam I «fazia da agricultura o seu principal deleite».*

[2] *Das relações entre Herculano e Antero ocupei-me especialmente num estudo publicado na revista* Seara Nova.

mente sobre o retiro, que nos lembre; e Oliveira Martins, no seu admirável perfil do Portugal Contemporâneo, *intencionalmente intitulado* O Solitário de Vale de Lobos, *levou-o à conta de movimento de um carácter protestatário e grave, a quem a solidão dá perspectiva e confirma na íntima inteireza. Não lhe escapando o lado das solicitações rurais, Oliveira Martins viu-as actuando na contextura de «português velho» que Herculano compartilhava com Sá de Miranda e outros «chamorros» como «D. João de Castro da burguesia do século XIX».*

Ramalho nutria um velho azedume de globe-trotter *contra aquele sedentário profético — «um grande historiador, que deixou de fazer história para fazer azeites» e que «agora está sepultado nas antecipações da posteridade». «Não se compreende definhando de tristeza em Vale de Lobos o sr. Herculano, porque ele não venceu, não conquistou, não concluiu a sua obra: abandonou-a apenas, retirou-se, foi-se embora». «Pobre homem sem fé! que pensarão do teu martìriozinho de álbum, da tua pequenina cruz de berloque, aqueles que realmente tiveram um martírio e uma cruz?...» E, citando Spinosa, Campanella, Rousseau, nega-lhe o direito de «vir à mocidade com o*

seu pessimismo», — como se Herculano não continuasse a ter sempre uma palavra de alento para os novos, quando posto em contacto com algum deles[1]*!*

Um sinal claro, aliás, de que o pessimismo de Herculano estava longe de diminuir a exemplaridade positiva que a sua pessoa e obra tinham para os rapazes espiritualmente crescidos no período de Vale de Lobos está no facto do aparecimento de uma revista, que suponho coimbrã, mas impressa no Porto em Janeiro de 1878, intitulada HERCULANO, Revista Quinzenal à Memória de A. H.; *redactores, Teixeira de Carvalho e Almeida Chaves (substituído por Henrique Marinho). Nela colaboraram João de Deus, Gomes Leal, Sampaio Bruno, Joaquim de Vasconcelos, Leite*

---

[1] *Por exemplo, na estreia literária de Pedro Ivo. Embora tencione ocupar-me à parte e longamente da história do prestígio de Herculano e da voga dos seus livros, não acho inútil deixar aqui uma lista de composições e de obras que lhe foram dedicadas. Rebelo da Silva,* Ódio velho não cansa e José Xavier Mousinho da Silveira *(in-*Varões Ilustres, *p. 143); J. Ramos Coelho,* Almeida Garrett *(in-*Prelúdios Poéticos, *pp. 27-35); Bulhão Pato,* Paquita *(1856); Camilo,* Espinhos e Flores *(drama, 1857); Antero,* Flebunt euntes, *1864* (Odes, *XVIII); Ernesto Biester,* Uma Viagem pela Literatura Portuguesa Contemporânea; *Oliveira Martins,* História de Portugal.

de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Tomás Ribeiro, Fialho, etc. Aí se diz: «*Filhos predilectos das ideias de tão insigne personagem, tomamos para título desta publicação* — HERCULANO, *consagrando devotamente as nossas lucubrações à memória do nosso insigne Mestre*».

É certo que Ramalho também admira no Herculano produtivo da Ajuda «*o inimitável mestre*», *desadorando apenas o* «*objecto passivo e inerte de uma designação ascética, imposta pela banalidade retórica dos noticiários* — o solitário ilustre!» *Foi esse, pois, que faltou às obrigações do seu génio, que se desdisse e abjurou...*

Com Ramalho faz coro Adolfo Coelho quando escreve[1], *já repeso talvez do seu discipulato de 1878:* «*Séneca suicidou-se porque a morte lhe era imposta; comparar a retirada do nosso Aquiles para Vale de Lobos, — para ali fabricar azeite e rever preguiçosamente os seus* Opúsculos *e compor mais alguns, reunir enfim as aparas da sua atinga oficina, — a um suicida estoico só pode explicar-se por grande confusão de ideias, como a com que pretenderam fazer do nosso homem um discípulo*

---

[1] Alex. Herc. e o Ensino Públ., *p.* 117.

de Kant». E, numa Nota Marginal [1], *sustentando que «quem se sinta um pouco Herculano não se meta a azeiteiro»: Herculano «abdicou e homiziou-se, levando para a sua tebaida a crença na fatal ruína». «As suas ideias exclusivas», «o seu racionalismo frio», «a sua compreensão formal das coisas», «o granítico sistema das suas ideias» não o deixavam entender os homens novos. Silva Cordeiro, pelo contrário, escreve: «O isolamento é para os espíritos um vento agreste, mata os fracos e dá aos fortes a consciência do seu valor»* [2].

Adolfo Coelho foi humoralmente beliscado por uma inofensiva e incidental pilhéria de Herculano sobre a «glótica», a que o próprio Eça, companheiro do filólogo nas Conferências do Casino, chamava «nome de ciência bárbara», embora desvanecido com o camaradagem do Átila [3]. *Reagindo assim — ele que enfileirava entre os rendidos moços da revisti-*

---

[1] O INSTITUTO, *vol. 84.º, p. 27.*

[2] A Crise nos seus Aspectos Morais, *p. 56.*

[3] *Eça, pintando o ambiente de alvoroço intelectual da Coimbra do seu tempo, diz que os rapazes citavam «nomes de ciências bárbaras: glótica, filologia». (Algures. Citamos de memória). Herculano, convidando em 1872 José Basto a ir a Vale de Lobos: «É preciso vir ouvir para Maio ou fins de Abril a glótica dos nossos rouxinóis».*

nha-capela — que admira que O Ermita do Chiado, *no* Garrett, Herculano e Castilho, *chamasse ao segundo da tríade «o Hamlet que faz negaças ao público da beira do seu sepulcro», comparando-o a um «santão intratável da Arábia Pétrea»? E concluía: «Pois se Herculano julga o país moribundo porque lhe não acode e se retira? Egoísmo!» Estas e outras o fariam escrever*[1]*: «Há anos que trato apenas das minhas couves e dos meus achaques de velho, vivendo completamente estranho à política»; «sou, em suma, um desses indiferentistas ou maus cidadãos que constituem espantosa maioria no país».*

Ainda na contemporanidade do mestre, Camilo, — por quem ele quebrara lanças para o fazer colocar na Biblioteca do Porto, recebendo do seu recomendado, em sinal de gratidão, um cão de guarda ao retiro, — ora invoca o aborrecimento de Herculano levando-o nas longas noites de Inverno a reunir os Opúsculos, *para explicar o seu próprio fastio em Seide*[2]*, ora diz*[3] *que «ganhara amor ao dinheiro com que se erguem socalcos e se benfeitorizam os pingues mananciais do óleo —*

---

[1] *A Filipe de Carvalho,* Cartas, *I, pp. 147-148.*
[2] Prelúdio *aos* Serões de S. Miguel de Seide, *1885.*
[3] Cancioneiro Alegre.

que eu não digo «azeite» para sustentar estilo bem penteado».

Mas o processo censório do retiro não fez concluso nos coevos. Por uma gradação cronológica insensível, vemos: João Penha insinuar[1] *que Vale de Lobos foi uma sinecura comprada com dinheiro de D. Pedro V; Mendes Correia concordar com Ramalho em que Herculano faleceu verdadeiramente quando se retirou; Hipólito Raposo afirmar que ele «não resistia aos vícios do seu tempo e fugia do seu posto, desertando covardemente para os olivais de Vale de Lobos»*[2]. *Augusto Gil, esse adopta uma opinião temperada*[3] *ao explicar a «renúncia do Mestre» «por uma tríplice causa: a austeridade pessoal, o desprendimento de chochos galardões oficiais e — porque não? — uma certa dose de despeito» contra a «reacção» e o êxito das Conferências do Casino... Se isto «o não foca em estoico» — conclui — «evidencia-o como um homem de outros tempos». E até um estrangeiro, o alemão Hardung, em artigos da* GAZETA DE COLÓNIA *sobre* Portugal na Alemanha, *aludia risonhamente ao retiro de Vale de Lobos. Liberato*

---

[1] BIBLOS, *vol. I, pp. 23-26.*
[2] DIÁRIO DE NOTÍCIAS *de 29-11-1909.*
[3] O INSTITUTO, *vol. 84.º, pp. 286-287.*

Bettencourt[1] *atribui causas múltiplas ao «condenável retiro», entre as quais um «amor excessivo à sua grande pessoa literária».*

Nunca Herculano se magoou com interpretações humorísticas do seu acto, a não ser quando a injustiça ou a malsinação despontavam — e, ainda assim, à parte caso que exigisse reparo de honra, o seu lema era calar. Com as pilhérias do azeite até parece que intimamente exultava. Quando Rafael Bordalo lançou O Calcanhar de Aquiles, *com caricaturas acompanhadas de escritos dos próprios visados, gizou (demos a palavra a Gomes de Brito, que conta o lance) um Herculano «azeiteiro ambulante, com as latas ao ombro, e a panela dos pingos, com o funil competente em uma das mãos, enquanto que, dirigindo-se à mercearia de Jerónimo Martins, dizia com a outra* adeus... *à Academia, a cujo portal se amontoavam espavoridos e terrificados diversos académicos, Viale, Silva Túlio, Latino e outros». Sondado Herculano, Gomes de Brito apresentou-lhe na Livraria Bertrand o jovem caricaturista, que sacou a sua obra da pasta. «Não me esquecerá nunca a vermelhidão» do retratado, diz Gomes de Brito. Mas riu mui-*

[1] Psicologia de Alex. Herc.

to... «As vezes que disse — «Sim, senhor! Sim, senhor!» passando o lenço pelo nariz, obrigado da inclinação da cabeça sobre o balcão» onde estavam as estampas. Como Bordalo insistisse por uma autorização escrita, que Herculano achava escusada, mandou-lha de Vale de Lobos, para acompanhar aquela «caricatura que de nenhum modo ofende o meu carácter moral», com «sinceros parabéns pelas provas que dá de talento num género em que os nossos artistas não me parece terem sido até aqui excessivamente felizes» [1].

Do lado benévolo ou simplesmente objectivo as explicações pululam. Ao número dos íntimos há a acrescentar Casal Ribeiro, que vê no retiro «uma consciência reclamando paz». Bulhão Pato, minuciosa e animada testemunha dos anos maduros do mestre, sempre um tanto inclinado às hipérboles e às aproximações de grande efeito compara-o ao de Tasso em Sorrento, ao de Lamartine na Procida — e ao simples apego de Garrett ao Vale de Santarém. Esta predilecção romântica pelas solidões voluntárias levou também Rodrigues Cordeiro, nos excelentes apontamentos biográficos que publicou no seu Almanaque de Lembran-

[1] *1870. Vid. Gomes de Brito,* Alex. Herc., *pp. 41-43.*

ças de 1878, *a notar a coincidência toponímica do refúgio de Herculano com a propriedade comprada e restaurada por Chateaubriand de volta da Terra Santa em 1811.*

Os grandes retiros exemplares ocorriam naturalmente quando se projectava no lavrador intelectualmente inapetente a imponência do historiador, do romancista, do poeta e do polemista que se batera com denodo por causas perfilhadas pelo escol liberal do país e cujas ressonâncias pessoais divertiam e acaloravam a plateia política e literária. Assim se formou a aura do cidadão impoluto, do profeta e do justo, sem que a este aliás se descontassem frequentes excessos de amor próprio, como os do caso do conflito com Macedo, guarda-mor da Torre do Tombo. O próprio Herculano, no precioso e quase desconhecido inquérito caracterológico do álbum das Confissões, *honrando* sur le champ *a escolha da «lealdade» como sua virtude favorita escrevia a seguir à pergunta* — «Le trait principal de votre caractère?» — : «Le peu de retenue dans l'indignation». *E, quanto à sua famosa vontade brônzea: «De mais tenho eu cedido ao impulso de momento, às exuberâncias do coração ou do espírito: de mais tenho sacrificado a minha grande ambição do esquecimento a certa fraqueza de*

uma índole que alguém supõe forte e enérgica porque, neste país, a craveira por onde se medem os caracteres é excessivamente baixa» [1].

Mas o sentimento dessa exacerbação, por parte do público, não podia corrigir imediatamente o ímpeto do aplauso ao inconformista, senão que o contágio dela o tornava mais quente e repetido. Pinheiro Chagas, escreve no Elogio: «*A luta não o prostrou, enervou-o*», — *o que não é inexacto.* «*Ia-se a Vale de Lobos como antigamente a Delfos, ouvir as palavras do oráculo*» — *escreve Anselmo de Andrade* [2]. *E António Sérgio* [3]: «*Assim Vale de Lobos se tornou um símbolo, cuja alta força sugestiva seria possível exemplificar nos nossos próprios contemporâneos*».

E este é o facto espiritual relevante implexo no retiro, independentemente da sua motivação psicológica: um homem singular, devotado à arte e ao pensamento, amante da justiça, da verdade e da pátria, que ao topo de uma carreira fulgurante e agitada emigrara do borborinho e relegara a vida intelectual para segundo plano, num lugar que lembrava às gerações ainda românticas a Tebaida ou o

---

[1] *A Delfim Maia,* Cartas, *I, p. 185.*
[2] Alguns Homens, *p.* 57.
[3] Ensaios, *II, 1.ª ed., p. 20.*

Ponto Euxino, e que não podia deixar de significar para as posteriores um recesso radiante.

Döllinger reflecte, por uma simples e tardia carta ao seu remoto correligionário português, o respeitoso sentimento de uma penumbra espiritual carregada de sentido: «*Em Junho de 1876 escreveu-me que se tinha retirado para a solidão, a gozar dos últimos anos da sua vida; que vivia no campo, longe do movimento político e literário do seu país, quase esquecido do mundo, só lembrado às vezes em círculos literários*»[1]. *E até uma estrangeira medianamente informada da vida portuguesa, Madame Adam*[2], *pôde afirmar que* «le dernier trait de la vie d'Herculano donne à sa grande figure une magesté touchante».

A generalidade dos letrados criados no dogma romântico do herói incompreendido — herói pela intensidade larmoyante *da representação do bem — tendiam à atitude exclamativa de Maria Amália Vaz de Carvalho ao escrever*[3]: «*Mas ninguém soube o que o grande Desiludido sentiu ou pensou, nesse ermo a que se recolheu por ódio ao mundo e desprezo aos*

---

[1] Elogio, *pp. 38-39.*
[2] La Patrie Portugaise, *p. 383.*
[3] Jornal do Comércio, *28-6-1888.*

vãos esforços humanos!» Os mais clarividentes, porém, ficam-se numa adesão preferencial razoável. Entre esses, Jaime de Magalhães Lima, que com tão autêntica espiritualidade tratou da figura de Herculano num volume que alinha com o de António de Serpa entre os raros livros bons que lhe são consagrados, não foi isento de uma visão sublimante, que os factos em muito contrariam. Se podemos admitir que o retiro «foi o facto capital da vida de Herculano», no sentido de vertente da sua jornada no mundo (e ainda assim correndo o risco de minimizar o exílio de 1831), já não podemos aderir a essa espécie de eleusismo que Jaime de Magalhães Lima revela ao afirmar que nunca se saberá «o impulso íntimo que o levou a Vale de Lobos». Dos diversos sentimentos admitidos pelo saudoso ensaísta, «o afecto que» «arrastou Eurico para a solidão» só é admissível como vocação solitária própria, projectada como ideal de vida na conduta de uma personagem de romance do «eu». Aí pára a analogia. Desmentindo o possível «desgosto de amor» está o casamento de Herculano concomitante com o retiro, e as circunstâncias afectivas (o contrário do amante desiludido e desesperado) que, na carta a Soure que adiante transcrevemos, ele confessa

que o precederam. «Por obediência religiosa, porque ali melhor interpretava e cumpria a vontade do Senhor» só é uma explicação na debilíssima medida em que tomássemos «religião» por religiosidade vaga, sentimento do ermo (que esse, sim, foi sempre vivíssimo em Herculano) ressoante de apelos javéticos e de carismas solipsísticos... Mas Jaime de Magalhães Lima — ele próprio solitário, no Eixo — pensava em religião revelada, cristã e católica, desconhecendo ou inadvertindo os factos que mostram (como oportunamente provarei[1]*) um insólito crepúsculo de crenças num homem religioso tão vivamente definido nos anos de juventude. E Jaime de Magalhães Lima acrescenta, com semblante de prova em mãos, que «em Vale de Lobos, no ermo da sua clausura», Herculano «construiu uma capela»*[2]*. O mesmo acreditaram: Teófilo, como detractor, Anselmo de Andrade e muitos outros, — quando a capela (oratório doméstico), como se verá largamente pela leitura destas* Cartas, *foi erecta em respeito e obediência à vontade de sua mulher.*

Enquanto sensatamente o Conde de Sabu-

---

[1] *Num volume ou ensaio que projecto sobre* A Religião de Herculano.

[2] Alex. Herc., *p. 128.*

gosa, filho de um dos íntimos de Herculano, se limita a dizer que, «desgostoso das refregas, o bisonho[1] *e glorioso batalhador retirou-se no declinar da vida para Vale de Lobos, perto de Santaréin». («Estava assim apaziguada na comunhão com a natureza a alma violenta e rude do velho polemista»). Brito Aranha*[2] *sustenta que o fez para se livrar dos aduladores da Ajuda, e Brito Camacho*[3]*, lavrador atávico*[3]*, que «procurando no convívio da natureza as satisfações que não encontrava no convívio dos homens». Jaime de Magalhães Lima, ainda uma vez*[4]*: «Não foi um suicídio, foi um renascimento».*

A verdade é que o voluntário confinamento de Herculano em Vale de Lobos resultou de factores diversos: vocação rural, amor ao campo e à solidão, inapetência intelectual, feridas de amor próprio e autênticos desen-

---

[1] *In*-Historiadores portugueses, *conferência. O carácter «bisonho» de Herculano era uma «leitura» imediata e proverbial feita na sua pessoa, sem trato nem exame atento aos seus próprios escritos. A sua correspondência e os depoimentos dos seus íntimos são hoje completamente elucidativos do contrário. O próprio Conde, lendo as cartas que o historiador escreveu ao Marquês seu pai, se convenceria disso.*

[2] Dic. *de Inocêncio, vol. sobre Herc., p. 93.*

[3] Jornadas.

[4] *In*-Vitalidade, *n.º 35. 9-7-1896.*

ganos da vida literária e política. A motivação psicológica tem de ser examinada, tanto quanto possível, por um processo analítico de psicologia biográfica tão atento à vontade declarada como à inferida, e que, no acto de síntese, não sacrifique à imediatez e ao acabado do juízo a real complexidade e o próprio tecido das contradições, onde as houver.

Desde logo, porém, há uma distinção metódica a fazer na ordem dos motivos, não só imposta pelos dois campos factualmente evidentes, como pela peculiar força de determinação de um deles. Um desses campos é o da vocação agrícola, persistentemente acusada e obedecida desde os verdes anos de Herculano; outro é o do amor temperamental e romântico (moral, religioso e poético) à solidão da natureza, conjugado com as efemérides da vida de relação e com todas as vivências de simpatia[1] *que o modularam, susceptíveis de serem històricamente apreendidas. Tais efemérides e vivências também podem, é certo, estimular ou frenar a satisfação dada por alguém à sua ou a uma das suas vocações de*

---

[1] *Entendemos aqui por «simpatia», com Max Scheler* (Natureza e Formas da Simpatia), *a esfera das paixões ou dos afectos em geral, considerada de um ponto de vista sociomórfico.*

homo faber *(em Herculano, neste caso, a vocação agrária), mas não há dúvida que actuam muito mais na zona puramente sentimental do carácter, que, projectando-se no humor, tornaria este exclusivamente arbitral no destino da pessoa onde não houvesse outro peso tamanho ou maior a disputar-lhe o papel determinante. No humor de Herculano é que incide a análise mais difícil, porque os materiais são múltiplos e discrepantes. O orgulhoso, o asceta, o ressentido, o injuriado, o fatigado disputam-se e conhecem alternativas e sintonizações diversas e vàriamente afortunadas na acção e na confissão psicológicas. Pelo contrário, o lavrador é constante, claramente configurado.*

Começaremos por tentar a análise do campo do humor, passando um pouco por alto o gosto temperamental e epocal de Herculano pela solidão na sua expressão poética e eto-religiosa, que é tema central da sua obra e divisa romântica do seu tempo. Mas advertimos desde já que, caracterològicamente, a imagem do solitário puro tem de ser corrigida pela do homem de convívio e de exuberância que ele foi.

A relativa precocidade do desígnio humoral do retiro já foi sagazmente notada por Aubrey

Bell[1]*: Herculano escrevia em 1851, a Garrett, que tomara ver-se «entre quatro serras com algumas geiras de terra próprias, umas botas grossas e um chapéu de Braga, belo ideal de todas as minhas ambições mundanas»*[2]*. Mas, aqui, o ressaibo de desencanto coa-se através de uma clara finalidade activa, — a vida rústica, — prova de que os dois campos causais que assinalámos são intimamente solidários e só metòdicamente se podem ir estremando. «Amei de pequeno a vida rural» — escreve a Ferreira Lapa em 1876; — «mas a minha educação e os meus estudos de homem levaram-me por bem diverso caminho». «A afeição do campo serve-me de refúgio na tarde da vida, e, no meio das contrariedades e desenganos, foi para mim o rochedo do náufrago».*

A Harpa do Crente *e, em geral, as* Poesias *estão cheias de notas que traem o amor e a*

---

[1] A Literatura Portuguesa, *trad. de Agostinho de Campos, p. 393.*

[2] *Em 1858, a Manuel de Jesus Coelho* (Cartas, *I, p. 181): «Eu tenho uma grande ambição»* [..]. *«É a de poder, daqui a três ou quatro anos, ir meter-me numa aldeia»* [..]. *Em 1859: «Conto com ir colocar o lar dos deuses domésticos longe de Lisboa e para sempre»* (Cartas, *II, p. 262). «Há sete anos» (1841) «que me separei da vida pública». Nunca mais escreveu em jornais: «todos sabem quanto vivo retirado». (A Saldanha, 1848,* Cartas, *II, pp. 5-6).*

fina observação da natureza pelo perito rural. O mesmo ocorre nos romances e na história, em que o lavrador naturalmente mais se acusa. Mas os passos poéticos comportam mais naturalmente o anelo rústico. Desde o «Salve, ó vale do Sul, saudoso e belo!», o campo freme n-A Arrábida (1830): «a brisa» esvaindo-se «pelos rosmaninhais» e inclinando «os topos do zimbro e alecrineiro», as «alpestres matas de medronhos» vestindo os «tronos de fragas», o «roble secular da encosta, que sonolento move a coma estiva». O poeta comove-se com o granizo, que «tritura a tenra lanceolada relva» e queima a flor devorada. O profeta chora uns olhos que «não mais» «verão, ao pôr-se, o sol em dia estivo», «quando», «do cimo das montanhas, com torrentes de luz inunda as veigas»; lembra-se do «ulmeiro do deserto», do «sussurro incerto e triste» das «ramas». E então formula claramente o voto do desterro:

> *«É aqui neste vale, ao qual não chega / Humana voz e o tumultuar das turbas, / Onde o nada da vida sonda livre / O coração, que busca ir abrigar-se / No futuro, e debaixo do amplo manto / Da piedade de Deus»...*

É claro que a modulação romântica da elegia enfraquece o valor testemunhal dos passos

para a génese campestre do retiro; mas certas notas de paisagem são bem as de um camponês, e o ideal ético, pessoal da solidão distingue-se bastante do difuso anseio literário: «Céu livre, terra livre, e livre a mente / Paz íntima, e saudade, mas saudade / Que não dói, que não mirra, e que consola, / São as riquezas do ermo, onde sorriem / Das procelas do mundo os que o deixaram». «O solitário obscuro» é comparado «ao inquieto filho das cidades» («Oh cidade, cidade, que trasbordas / De vícios, de paixões e de amarguras!»).

Já então o repúdio civil é em parte ditado pela circunstância política vivida com a paixão e o condicionamento da época, pois no «tigre» que «o servo popular adora» e nos «cadafalsos povoados» de «vítimas ilustres» vislumbra-se o vulto de D. Miguel e a emoção do conspirador salvo da forca pela fuga em 1831. Herculano é, por enquanto, apenas o «cantor da solidão». Ele o dirá, em 1849, com um pequeno prorrogamento de idade e com palavras próprias de quem manda um presente de manteiga, em carta a Bulhão Pato: «Tenha equanimidade bastante para desculpar esta oferta de saloio. Há nela um pouco de vaidade de autor. Quando eu tinha vinte e cinco

anos cultivava flores e fazia versos: depois dos trinta e cinco fabrico manteiga e faço prosa. Passados os cincoenta provàvelmente não farei nem uma coisa nem outra. Serei talvez um avaro, ou um caturra. É a trilogia da vida humana: trilogia de pernas ao ar, em que a poesia está no primeiro acto, o positivo e a prosa no segundo, o chato e sensabor no terceiro». *Ou, com disposição menos charra, quatro anos antes* (O Mendigo): «*Para o velho a existência é solitária, / Bem como a fonte que esgotou o Estio*».

O apego à Natureza é quase sempre compartilhado entre o homem do campo e o reregioso cantor da solidão. No Hino a Deus *(1831) perpassa uma emoção campesina no «grão da espiga, que ao ceifador esquece» e que Deus destina à ave, senão no pinheiro e no abeto românticos, sacudidos pelo vento. N-A* Tempestade *(1832), apesar do tratamento marítimo do tema ouvem-se «os pinhais, entre o granizo», o «cedro» pendente, o «robusto carvalho e sobro antigo».*

«*Quando eu tinha vinte e cinco anos cultivava flores*»... *Mas muito antes! Castilho, nas* Excavações Poéticas, *já dizia a um amigo: «Larga o sacho ao frenético Herculano, / Se Schiller e o fantasma o deixam livres». Ora,*

a tentativa de tradução schilleriana é anterior ao exílio em Plymouth. É que a jardinagem se deve recuar ainda mais, à residência com os pais na Travessa do Pombal e porventura para antes da venda da casa natal do Pátio do Gil[1], *leva-o a crer esta quadrinha evocativa de* O Soldado *(1832): «Terra da minha infância, / Tecto dos meus maiores, / Meu breve jardinzinho, / Minhas pendidas flores», etc.*

Na mesma poesia (IV), é passageira a resignação à terra do exílio, com a correspondente objurgatória à doçura do clima natal: «o loureiro da encosta», o «ruído» da «fonte», a «rolinha» gemente, «os outeiros cobertos da verdura da vinha, no Estio», «o remanso do rio», o «frescor» «da selva» «na calma», «o perfume dos campos, quando passa da tarde a bafagem» embebida de «rosa e aleli». E o poeta pede imediatamente perdão à pátria, a quem mentiu: «É meu berço: a minha alma está lá...».

Mas (insisto) o valor destas citas florais

---

[1] *Tanto uma como outra residência tinham grandes hortas, como ainda hoje é visível na zona urbanizada da encosta que morre na Rua de S. Bento, outrora Quinta do Pombal da Cotovia, do noviciado dos Jesuítas. (A casa foi substituída pelo edifício da Escola Politécnica, antes Colégio dos Nobres).*

diminui na medida em que abundam e fazem parte do vocabulário romântico, embora esse aspecto do estilo da época assuma em Herculano um meticuloso perfil de vivência directa. Todavia não se pode negar uma certa importância inquisitiva a passos como o seguinte, de O Bom Pescador, *também poesia do exílio ou pouco posterior, sobretudo quando se vê tão cumprido à letra o ideal do extremo sossego, apesar de aqui formulado em ritmo de arieta: «Que do hórrido inverno, / Contigo, ó serrana, / Na minha choupana / Rirei do furor! // Não pensa se as veigas / Se vestem de relva, / Se está nua a selva / Do lindo verdor; // Nem ouve os rugidos / Do vento inquieto / Quem, sob o seu tecto, / Se abriga no amor».*

A canzoneta e o seu tema piscatório impunham suas concessões ao esboço do ideal de retiro, se aqui o há. Na «choupana» outonal de Herculano era precisamente o contrário que o «pescador» fazia: inquietar-se com a «relva» das «veigas», espreitar o «verdor» que veste a «selva», alarmar-se com os «rugidos do vento» que apanham a azeitona antes do tempo... Mas o essencial da atitude aí está:

«Nasci, eduquei-me / Num mundo mais nobre, / Agora sou pobre, / Sou um pescador. // As bordas

do abismo / Chegou a ventura; / Medi dele a altura, / Desci sem pavor. / Com a dita se enlaça / Humilde existência, / Se do homem a essência / O orgulho não for. // Enquanto de paços, / De férteis devesas, / Enfim de riquezas / Eu pude dispor, / O sono tranquilo / A mim não descia, / Que o ferro tremia / Do vil salteador.» «Agora sereno / Vem dia após dia, / E a noite sombria / Não cerca o temor; // Porque entre teus braços, / Esposa querida, / Me esqueço da lida / Do mar bramidor.»

E, rematando, o voto da sepultura, no adro da ermida aldeã, de uns ossos apenas lembrados pela que ficou neste mundo.

«Contigo, ó serrana, / Na minha choupana» é que tem mais que desfiar... Mas creio que a operação vale a pena, para penetrarmos melhor nas motivações de um volta-face mais aparente que real da vida do historiador, e a que se quis por força encontrar sublimes ou negregados móbeis — o que levou porventura Herculano a escrever o seguinte, em 1874: «*Sabe, meu caro redactor*» (*do* Jornal do Comércio), «*que ruins ou nobres intuitos têm descoberto em mim os circunspectos, que vastos desígnios literários e não literários me têm adivinhado agudos engenhos. Não me defendo, não agradeço, não rectifico: calo-me*».

Entre os «desígnios» sibilinamente adivinhados, o do casamento tardio foi dos mais trabalhados pelos áugures. Mas deixemos falar

o interessado, participando-o a Joaquim Filipe de Soure. Carta na íntegra[1]*:*

«*Amigo*

«*Vale de Lobos 24 Maio [1867].*

«*Estive em Lisboa poucos dias e disseram-me aí que o amigo fora para Évora. Escrevo pois para Évora, a Deus e à ventura.*

«*Quisera ter-lhe falado para lhe dizer uma resolução que tomei e que tomei fria e reflectidamente, porque era ao mesmo tempo um preceito da minha consciência, e uma necessidade para este modo de viver que adoptei para os anos, não serão muitos, que me restam de vida.*

«*Tenho parentes e sou só. Os parentes tratam de si. Não tenho uma irmã, uma sobrinha, uma mulher que olhe por mim e pela casa, casa que, apesar de pequena, tem que governar. Sabe, porque tem sido lavrador. A criada de campo que tenho é incapaz de me olhar por uma camisa ou por umas meias. A antiga criada de minha mãe, que em Belém me tratava dessas coisas, não pode deixar o marido com 84 anos para me seguir aqui. Na doença não tinha quem tratasse de mim; e eu já perdi a esperança de deixar de ser valetudinário. Amancebar-me aos 57 anos publicamente era ridículo e mau, e o resultado pouco seguro.*

«*Resolvi casar. Tive aos 26 anos uma destas paixões que todos temos naquela idade, mas havia em mim outra mais poderosa, a das ambições literárias. Os meus amores foram com a irmã do Meira, D.ª Mariana Hermínia. A paixão literária venceu a outra. Tive a coragem de lhe sacrificar esta. Com a minha*

---

[1] Cartas Inédtias *de A. H. a J. F. de Soure, publ. e coment. por Luís Silveira. 79.ª, p. 109. Desdobramos as abreviaturas e actualizamos a ortografia.*

modesta fortuna não podia fazer filhos e livros ao mesmo tempo. Era necessário ser uma espécie de frade, menos o convento. Falei pois com franqueza a minha actual mulher, que então era uma cabeça algum tanto romanesca. As mulheres são capazes de actos de abnegação que seriam para nós impossíveis. Já havia rejeitado por minha causa um casamento vantajoso que a família lhe arranjara com um primo, mas à vista das minhas declarações, foi mais longe: aceitou uma posição ambígua, sujeita a comentários e calúnias, sem soltar um queixume, sem a menor quebra durante trinta anos de uma dedicação e amizade ilimitadas. Confesso-lhe que, neste ponto, eu que me parece estar curado de todas as vaidades, ainda tenho vaidade nisto.

«Aqui tem o meu amigo os elementos morais e materiais para avaliar o acto que pratiquei. Conheço-o bastante para saber que o há-de aprovar.

«Estas explicações são apenas para meia dúzia de amigos íntimos. Para o resto do mundo a explicação é mais curta: casei porque tive vontade disso.

«As coisas rústicas por aqui não vão bem. Os trigos são abaixo de medianos, vinho há pouco, e azeite pode-se dizer que nenhum.

«Arranja-me uma pouca de mera, *e diz-me aonde ma manda pôr em Lisboa?*

«Recomendações ao Dr. António Miguel, que é um dos poucos caracteres desta terra que eu estimo. / Amigo / Herculano».

A biografia de Herculano não tem, que nos conste, outro rasto de amores além do aqui confessado. Temos tirado da sua obra (em que Eurico, *à testa dos romances, é um confissionário de guerra e de amor* «effréné») *toda uma breve erótica, que ordenaremos a seu tem-*

po, mas que não é legítimo encabeçar em ninguém, ainda que a fundura do tratamento dos temas do celibato e da solidão no Eurico *pudesse suspeitar-se como transferência das vivências do «frade, menos o convento», desta carta, em imaginárias conexões com «uma cabeça» de mulher «algum tanto romanesca»* [1]. *Mas a importância do caso sentimental aqui documentado avulta no processo do retiro, porque a solução que Herculano lhe deu se liga intimamente às duas vertentes da sua vida, de que a ida para Vale de Lobos é cumieira.*

Da «abnegação» que a «posição ambígua» de Mariana exigiu desta, e que Herculano, reconhecendo-a nobremente, premiou num desconcertante eclectismo de lavrador de boas contas, diz alguma coisa o seguinte relato que Sánchez Moguel fez de uma visita à viúva do historiador, em 4 de Fevereiro de 1896:

«La octogenaria señora perdió ya la memoria de tal modo, que se imagina ser joven y soltera. Si la preguntáis por Herculano, os responderá: «Herculano? Le conocí: era visita de casa.» Y si después de tal respuesta vuestra curiosidad se sobrepone todavía à la

---

[1] *No* Pároco de Aldeia, *fala do «incansável zelo» com que ele «se aplicava» «a santificar pelo casamento as afeições ilícitas»».* (Lendas e Narr., *II, pp. 249 sqq.).*

pena que os dejó en el alma, y la preguntáis si el grande hombre fué soltero ó casado, renunciaréis ya á toda nueva pregunta al air esta contestación: «Soltero.»»

O casamento celebrou-se na tarde de 1 de Maio de 1867 em Santa Maria Maior, na Sé Patriarcal. Sem convidados («tivera para estas reservas fortes razões», como diz Gomes de Brito), combinara com José Manuel da Costa Bastos, que serviria de padrinho, encontrarem-se na Baixa e irem juntos para a Sé. Mas José Bastos chegou primeiro. «Passado pouco tempo entrava Herculano, mirando a um e outro lado os altos do edifício... de chapéu na cabeça» — única distracção que Gomes de Brito lhe conheceu[1].

É natural que Herculano tenha conhecido

---

[1] Alex. Herc., *pp. 45 e 205. Teófilo Braga diz que H. casou «escolhendo para padrinho um pobre que encontrou à porta da Sé», e que se consolou da decepção da Revolução de Setembro com amores cantados na* Felicidade: *«esses amores foram longos anos envolvidos no segredo, e só quando em 1867 o autor do título do casamento civil, introduzido no Código, veio a casar catòlicamente com D.ª Mariana Hermínia Meira, ambos sexagenários, é que se pode bem explicar a verdade desta estrofe: «No silêncio do amor, da ventura, / Adorando-te, ó filha dos céus, / Eu direi ao Senhor: tu ma deste; / Em ti creio por ela, ó meu Deus!»* (Hist. do Romantismo, *pp. 282-283). O acinte é transparente.*

Mariana por intermédio do irmão, Francisco Romano Gomes Meira (1808-1874), de quem deve ter sido companheiro na Aula do Comércio e que, antigo amanuense do Arsenal, de 1834 a 1837, em Março ou Abril deste ano entrou para a redacção do Panorama *com Rodrigo José de Lima Felner. Em Dezembro de 1838 era administrador da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, proprietária do periódico. Foi Meira o director do* Panorama *desde 1839 até à sua suspensão em 1844. Quando o magazine reapareceu, em 1846, para ele verteu* Os Quarenta e Cinco, *de Dumas. Jornalista e erudito, «pessoa de grandes préstimos e variados recursos», no dizer de Gomes de Brito. Conhecendo bem o inglês, traduziu as cartas de Beckford, também para o* Panorama. *Faleceu empregado do Banco de Portugal.*

Os Meiras, filhos de Francisco Gomes Meira e de D.ª Maria Eugénia do Carmo, eram naturais de Laveiras, freguesia de Paço de Arcos, a humilde povoação da Cartuxa onde Sequeira foi noviço e onde deixou alguns quadros. Moravam em Lisboa na rua Direita de S. Francisco de Paula, n.º 47[1]. *Herculano, quando*

[1] *Depois, na Calçada do Marquês de Abrantes, 32, 1.º.*

residia na Ajuda, ficava lá às quartas-feiras e lá costumava emendar as suas provas tipográficas. Casado e instalado em Vale de Lobos, era ainda e sempre a casa da sogra e do cunhado o seu quartel-general lisboeta, como largamente se vê pelas cartas da época. Aí pois se teceu o romance de amores que duraram trinta anos (c. 1835-1867) na «posição ambígua» que Mariana suportou, com os inevitáveis «comentários e calúnias», «sem soltar um queixume, sem a menor quebra».

Nada conhecemos da boa senhora que não venha pelo canal quase exclusivo de Herculano, desde a «cabeça algum tanto romanesca» de 1835 até à cabeça transtornada de 1896, sobre que depõe Moguel. É por confidências do marido que sabemos que desde os dezoito anos sofria de «nevralgias do estômago», que lhe produziam vómitos, e que o achaque era herdado de mãe e avó. Ao atravessar o Tejo, vinha-lhe a «nevralgia». O medo ao caminho de ferro (uma novidade para o tempo) provocava-lha também. Bulhão Pato diz que era sujeita a enxaquecas que duravam vinte e quatro horas» [1]. *Uma vez que Herculano a levou com a família a passar uns três dias no Ca-*

[1] Memórias, *I, p. 245.*

lhariz da Arrábida, para lhes mostrar a lavoira, chegou lá meio morta, inquietando a chaveira da casa, a Angelina.

De tudo isto se deprende que Mariana seria o que se costuma chamar uma senhora nervosa, sensível, quem sabe se um tanto supersticiosa[1]. *Aparentemente mais valetudinária que o marido (em Setembro de 1870 teve uma comoção cerebral), viveu afinal bem mais do que ele. Que lhe foi dedicada e dócil dizem-no largamente as circunstâncias do casamento, e toda a correspondência de Herculano do tempo de Vale de Lobos respira funda ternura pela «minha Eva», «a minha lavradora», «a minha velha». Herculano pinta o casal «como dois edifícios antigos encostados um ao outro», «duas árvores carcomidas que inclinam os ramos uma para a outra apoiando-se mùtuamente quando passa o vendaval, até que uma lasque e vá a terra para a outra depois a seguir»*[2]. *A vida rural, contudo, tem seus dis-*

---

[1] *Sobre a condescendência de Herculano com o feitio de sua mulher, seu medo aos ladrões, etc., depõe Bulhão Pato,* ib., *p. 237.*

[2] *Carta inédita ao Marquês de Sabugosa, de 19-4-1874. Devo a consulta e a cópia desta breve mas preciosa correspondência à generosidade da Senhora Condessa de Sabugosa e à solícita indicação do falecido Prof. D. Tomás de Melo Breyner, Conde de Mafra.*

sabores e espinhos; e Mariana, boa dona de casa, não teria talvez aquele desembaraço e iniciativa perfeitamente correspondentes a uma natureza activa e a um faz-tudo como Herculano, que entendia de cozinha e de doces, aparafusava ele próprio as camas de ferro para os hóspedes, vigiava o armário e a copa e tinha opiniões sobre a criadagem, embora se declarasse amiúde ignorante de «azeites e vinagres» e caprichasse em respeitar a esfera doméstica feminina. Uma saborosa, intimíssima carta dele para Vale de Lobos incita-a a divertir-se, a sair de uma certa apatia: «não sejas fona!» Às vezes, porém, transparecem no antigo celibatário uma vaga saudade da independência, pontos de vista domésticos discretamente dissidentes. Diz a José Cândido dos Santos (1872): «Vejo o que me conta acerca das criadas. Eu avalio bem o que elas são. Mostrei à Mariana a sua carta para que fizesse juízo acerca da Adelaide. Abstive-me de reflexões porque julgo este sistema melhor. É por isso que também lhe peço não se mostre sabedor quando for a Vale de Lobos da história das soldadas. Estou persuadido de que a Adelaide não conta nada à Mariana, e esta, que não ignora o que se passou, há-de convencer-se a si própria dessa deslealdade.

Isto é mais eficaz. O coração humano é assim. Se somos nós mesmos que na nossa consciência nos convencemos de que nos enganámos, o nosso amor próprio não sofre: se são os outros que nos convencem, o amor próprio mortifica-se, e muitas vezes isso leva-nos a fechar os olhos à verdade».

Mas tão ligeira sombra ilumina-se, ao cabo, na santa filosofia do «coração humano». «Os ralhatórios da patroa» não passam de moldura a autenticar o quadro conjugal que o próprio Herculano pinta como o de uma «espécie de Filémon e Báucis de obra grossa», em «superfície de lago tranquilo». Se às vezes, enervado com «as secas» e com a frivolidade de Lisboa («tomara-me eu já em Vale de Lobos, sem abrir um livro!», no «chão limpo e enxuto de V. de L.»), lhe apetece tornar às suas «três faias» e o sentimos um pouco sombrio porque as «visitas da Mariana» o não deixam abalar tão cedo quanto queria, a verdade é que quer passar um entrudo em Lisboa «para fazer a vontade à Mariana», e finge que acredita num tímido pretexto que ela lhe dá para lá ir, quando é uma festa de espavento que lhe faz pular o pé...: «A Mariana está em Lisboa, aonde foi a compras, e um pouco *por causa do Príncipe de Gales».*

Da falta de filhos consola-se filosofando sobre a dureza dos tempos e as más inclinações da gente nova:

«Neste horizonte escuro que está diante dos que hoje nascem» — escreve ao Marquês de Sabugosa em 1869 — «não sei se é um bem se um mal não ter filhos. Entretanto, como, abstraindo do futuro, é sempre agradável ter alguém com quem repartir afectos, dou-lhe os emboras pelo nascimento de sua filhinha: mas dou-lhos sobretudo pelo feliz sucesso da senhora Marquesa.» [1]

Mas, além de ter protegido um rapazito que o cunhado Gomes Meira adoptara (o futuro arquitecto Rosendo Carvalheira, que Moguel conheceu como amparo da decrépita viúva do historiador em 1896 e para quem Herculano encomendava, de Vale de Lobos, calçado grosso a José Cândido), conheceu as ternuras de pai que esta carta de 1868 acusa: «Tenho quase sempre andado incomodado dos rins, que deram depois de velhos em colectores de areias. É incómodo que traz a gente

---

[1] *«Dizendo-se feliz com a esterilidade da esposa, a quem muito prezava». (Liberato Bettencourt,* Psicologia de Herculano, *p. 49). «E assim, detestando os egoístas e os maus, algumas vezes dizia, satisfeito pela esterilidade da esposa: — «Eu matava-me se tivesse um filho tolo ou egoísta». (Ariosto Silva,* A. H., *p. 26).*

aborrido e sem vontade de fazer nada. Acresce que veio morrer-me tísica uma rapariga que [v.] *encontrou em Vale de Lobos, a Margarida, excelente e inteligente rapariga, que a família de minha mulher criara de pequena. Suponha o desgosto que por isso teríamos»* [1]. *É desta menina que Brito Aranha* [2] *supondo-a sobrinha da Mariana, diz que Herculano a transportava de um quarto para o outro e que, tendo-lhe morrido nos braços, ficou sepultada no cemitério da Azóia.*

O desenrolar da vida afectiva de Herculano no período de Vale de Lobos surpreende-se claramente nestas Cartas, *contribuindo mais do que qualquer outro testemunho para apresentar o retiro como o equilíbrio último, o fecho de abóbada de uma vida pùblicamente tomada por muitos como a oficina literária e o magistério moral de uma espécie de monge cívico, deshumanizado pelos votos. É certo que*

---

[1] *De D. Pedro V escreve* (Cartas, *I, p. 196*): «*Se eu tivesse um filho e me morresse não me custava mais a morte dele do que me custou a daquele pobre rapaz*». *O Manuel, que o servia na Ajuda, fora lá criado e educado de pequeno. Pato,* Mem., *I, p. 266.*

[2] Dicionário *de Inocêncio, vol. consagrado a H., pp. 91-92.*

Herculano contribuiu em muito para esse perfil de si mesmo; mas o país, inebriado com o profeta, arrebatado pelo juiz, pelo soldado [1], *pelo* laudator acti ævi, *pelo polemista, pelo ornamento da Academia e dos círculos sociais, esqueceu-se de contar com o homem, que era por acaso lavrador e tinha de tratar da sua vida, — além de que, mesmo na costela de monge, se inclinava mais para os que desbravam a terra do que para os que rezam, pregam, iluminam ou ensinam.*

A coloração monástica do temperamento de Herculano, embora lhe viesse formalmente da conformação romântica do seu tempo, era consciente, autêntica: consciente do timbre religioso e moral da vocação (diálogo com Deus e com a consciência num apartamento a seu modo activo e comunicante com o próximo), e consciente, até, dos elementos depressivos da solicitação solipsista. Respondendo de Vale de Lobos a um convite de Soure para uma viagem pela Europa, escreve: «Cada vez se me afigura mais impossível, não

---

[1] *Ao próprio «ancião guerreiro» Herculano reconhece o direito de «assentar-se à luz meiga da tarde, / Na tarde do viver, junto do teixo / Da montanha natal. / Na «sua» fronte calva, / Que o sol tostou e que enrugaram anos, / Há um como fulgor sereno e santo».* (A Cruz Mutilada).

só pelo lado moral, pela repugnância invencível ao ruído do mundo e por uma espécie de mania pela solidão moral, mas também por considerações de ordem material» (cuidados de lavoira e — pasmem os que o supunham intelectualmente inerte! — obrigações literárias). E, desfiados os contras, remata: «Em sumã, o canto obscuro da aldeia é hoje o meu único destino nacional, e felizmente a minha única ambição. As minhas três grandes faias dão-me mais prazer ao vê-las que todos os museus, teatros, bibliotecas da Europa. Que ia eu lá ver, se não achava lá as minhas três faias? Estou assim: que lhe hei-de eu fazer?» «A gravata branca, as luvas, as etiquetas, a casaca, as frases estudadas», tudo isso equivaleria «a um trato de polé», «comparado com uma discussão em jaqueta e sem lenço ao pescoço, com o Antunes, acerca de uns enxertos ou da largura de uma regadeira» [1].

O nome de «mania» dado à sua fidelidade e amor ao que algures chama «a santa paz da vida rural» trai uma rara lucidez ante o próprio humor, o próprio desengano e cansaço. «Uns envelhecem tarde: outros cedo» — es-

[1] Cartas Inéditas *a J. F. de Soure, ed. Luís Silveira, pp. 136-137.*

creve ao mesmo Soure em 1873: «Eu fui dos temporões: velho de corpo, mas ainda mais de espírito». A Filipe de Carvalho: «Estou gasto de corpo e de espírito, e planto couves». E a Oliveira Martins, em 1872: «O desalinho que, relendo junto o que tenho escrito, encontro nas ideias e na frase é o resultado da mistura sacrílega, feita num cérebro velho, da fraternidade com uma bacelada, do crédito gratuito com um transporte de estrumes. Por força a cousa havia de sair assim».

Mas, aqui, a humildade ricocheteia sobre o orgulho de ser o que se é, e esvai-se em ironia. É esta, em Herculano, a atitude mais frequente, entre «socarrona» *e esfíngica; e a lábia que envolve descobre-a ele quando, a um amigo, fala «nestes desvios» (os Bairros de Santarém) «onde se vive esquecido para o bem e para o mal», acrescentando: «A reputação de urso que se adquire assim traz cómodos incalculáveis». Mas quando as comodidades da aposentação revelam que os outros tendem a ver no «urso» o leão moribundo, escreve (1875): «Estes amigos imaginam que, por que estou aqui enterrado, devo haver-me como se estivesse morto». Movimento oposto: «Agora, que, felizmente, o nome do velho rabiscador de papel se vai desvanecendo da*

memória dos contemporâneos»[1]... *Outras vezes, como em 1864, combina o tom grave com o irónico: «Estou desenganado do mundo até nestas cousas» (trabalhos de historiador). «Fico à espera dos frades depois das freiras*[2] *para vestir a estamenha». Porém, se a dicacidade aumenta em torno da sua solidão, alguma vez vai abaixo a táctica da inércia e do silêncio, e então a sua indignação exacerba-se acordando ressonâncias em que o homem moral e o religioso dramàticamente se entrechocam: «Parece que Deus não quer que os homens de bem tenham nunca paz e repouso na terra. É que a sua recompensa está noutra parte? Penso que deve ser assim, ou não existe justiça absoluta, isto é não existe Deus».*

A atracção do campo, que sempre se exerce em Herculano pelo lado energético que responde à vocação agrária, nunca perde o cariz de medida do tempo e imagem do destino: «Não sei se é já a terra que chama por mim; sei que cada vez lhe tenho mais aferro». Numa poesia tardia, O Mendigo[3] — *«cego ancião»,*

---

[1] *A Alves Martins* (Cartas, *II, 129*).

[2] *Alusão ao regresso das congregações femininas: a questão das Irmãs da Caridade.*

[3] *Publicada na* Rev. Universal Lisbon., *V, 1.ª sér., 26-6-1845. Foi a estreia de H. nessa revista de Castilho. Integrada em* Poesias *(9.ª ed., p. 113 sqq.).*

como seu pai, que mora numa «choça alpestre» e pede esmola «sob o carvalho, / Por cujos troncos se pendura a vide», — lemos: «É meia noite: — os galos pela aldeia / Dizem que um dia mais desceu ao nada / E que outro vem, / Para dar luz a dores e alegrias / E depois nos abismos do passado / Cair também». Mas é de muito mais longe que o ideal da solidão se lhe desenha: «a solidão onde se esconde o justo», de A Arrábida. *Aí (1830), exclama:*

«*Salve, oh patria da paz, deserto santo, / Onde não ruge a grande voz das turbas! / Solo sagrado a Deus, pudesse ao mundo / O poeta fugir, cingir-se ao ermo*» [1]...

E não como simples aposentadoria, senão com todo o peso que o estar sòzinho comporta:

«*Solidão, solidão, quem diz que existes / Onde não soa tumultuar das turbas / Mentiu-te a essência! Solidão e morte / São uma ideia só; um pensamento / Doloroso, indistinto. Oh, dai-me um vale, / Onde haja o sol da minha pátria, e a brisa / Matutina e da tarde, e a vinha e o cedro, / E a laranjeira em flor, e as harmonias / Que a natureza em vozes mil murmura / Na terra em que eu nasci, embora falte / No concerto imortal a voz humana, / Que um ermo assim povoará meus dias.*» [2].

---

[1] *Todo este poema é capital para o ideal do desterro.*

[2] Tristezas do Desterro, *III (1831).*

É nestas Tristezas do Desterro *que Herculano invoca: «Árvores, flores, que eu amava tanto», e lhes pergunta: «Como viveis sem mim?», para lhes agoirar mau destino: «Ai, pobres flores que eu amava tanto, / Por certo não viveis!» «O sol pendeu-vos / Mirradas folhas para o chão fervente: / Ninguém se condoeu: secou-se a seiva, / E morrestes. Morrestes sobre a terra, / Que por cuidados meus vos educara». Assim do mais fluido e modal da formulação poética irrompe constante o depoimento do jardineiro e do lavrador, sem que a emotividade do solitário e do desenganado precoce perca força: «É tão doce esta vaga saudade, / Na soidão das montanhas colhida, / Para quem entre mil tempestades / Transitou pelos campos da vida!» E as trindades na aldeia, o «pastor», o «rebanho», a «malhada», o «velho» «pinheiro» consoam na temática do romântico e na predilecção do camponês. O «arbusto» do jardim da bem-amada foi plantado por ele, cresceu cultivado por ele*[1].

. *Em* Mocidade e Morte, *poesia que deve datar da emigração ou pouco depois e que parece ecoar a lembrança de uma doença grave,*

[1] A Volta do Proscrito, *II*.

*Herculano encarece «a luz brilhante do sol oriental no outeiro». A alquimia da inspiração, embora condicionada pela constelação estilística dos motivos e dos adornos, atinge em parte o grau de pressentimento confirmado (morte de Herculano às portas do Outono: 13-9-1877): «Quando de pomos o vergel for cheio; / Quando ondear o trigo na planura; / / Quando pender com áureo fruto a vide, / / Eu também penderei na sepultura». Ou, em 1830, n-*A Arrábida:

«Quando eu no vale / Dos túmulos cair; quando uma pedra / Os ossos me esconder, se me for dada, / / Não mais reviverei, não mais meus olhos / Verão, ao pôr-se, o sol em dia estivo»... «Nem, quando, lá do cimo das montanhas, / Com torrentes de luz inunda as veigas: / Não mais verei o refulgir da lua / No irrequieto mar, na paz da noite».

É o sempre mesmo fito da serenidade e da abundância rústicas:

«Por ti» («oh cruz») «o cultor de férteis campos / / Colhe tranquilo da fadiga o prémio, / Sem que a voz de um senhor, qual de antes, dura / Lhe diga: / / É meu, e és meu! A mim deleites, / Liberdade, abundância: a ti, escravo, / O trabalho, a miséria unido à terra, / Que o suor dessa fronte fertiliza, / / Enquanto, em dia de furor ou tédio, / Não me apraz com teus restos fecundá-la».

Aqui (claro...) um génio maligno tenta-nos, levando-nos ao extremo das possíveis miunças do ficheiro, a lembrar a necessidade de «trazer de olho as vítimas do capital», que Herculano pretexta a Oliveira Martins para pôr termo a uma carta que lhe escreve nas horas furtadas à lavoira... Fá-lo, porém, em obediência ao seu vivo, saudável demónio do humor, e numa conjuntura de polémica epistolar acerca do socialismo, em que os seus pontos de vista de economista liberal e de «fazendeiro (lavrador é pretensioso)» o obrigavam a refrear os ímpetos radicais de um neófito.

O Cincinato, o Gladstone que lhe chamavam, sempre preludiaram nele. N-O Monge de Cister, *ao pintar a comparsaria campónia dos dissídios e guerras do tempo, fala de «os campos que cultivam, as aldeias onde moram, os matos e bosques donde tiram desde os madeiros dos seus alvergues até às aivecas dos seus arados e o cepo do seu lar». Aí se refere com amor à casa do truão Ale, «choupana colmada que se encontrava a pouca distância da aldeia, à beira de uma horta ou almuinha». Ale «trabalhava no seu campinho» e ia à cidade vender os produtos dele» — exactamente como o lavrador ainda invisível na pele do romancista*

venderia mais tarde em Vale de Lobos o seu azeite, o seu vinho, o seu gado, a sua lã. No mesmo Monge, *como em passos da* História de Portugal *que descrevem fossados e razias, Herculano dói-se das depredações agrárias do Abade D. João de Ornelas aos couteiros alcobacenses de Turquel e de Évora. E, no* Eurico *(mas valerá a pena multiplicar as citas?), os elementos da pátria goda são «o campo agricultado», «os campos que nos sustentam e as árvores que nós plantámos», enfim «os habitantes de Carteia que se erguiam para os trabalhos rurais antes do alvorecer». «O lavrador dos Bairros», «o rude lavrador da parvalheira de Vale de Lobos» («eu que falo hoje quase exclusivamente com o bicho de bota grossa» — «custa-me muito largar os sapatos tauxiados e a jaqueta grossa» — «estou sem calçado tinto para ir à cidade», etc., etc.) radicava assim numa provada compleição simultâneamente solitária e agrária. Nem o gosto do convívio, largamente mostrado apesar das inevitáveis inapetências do outono dos anos, das justas decepções e das dores do orgulho ferido, desmente a constante necessidade pessoal de um recesso apartado e de uma certa distância e perspectiva sobre o «semelhante» que só assim lhe era «próximo» na sua legalidade moral,*

— nem a vocação estudiosa e artística contradita a do lavrador, que todavia gosta «muito mais de ver ordenhar as vacas, ou de ouvir borbulhar o mosto nos balseiros da curtimenta».

Qual das duas vocações foi mais forte? Rigorosamente, nenhuma. Enquanto a energia e a saúde («tenho umas certas fibras rijas que herdei de minha mãe»), enquanto a mocidade, a maturidade e o equilíbrio «simpático» com o contorno — mesmo sob a forma polémica, beligerante, que culmina na já solidão da Ajuda (atritos na recolha de documentos em Santa Cruz de Coimbra em 1834; demissão de bibliotecário do Porto em 1836; atritos com Garrett por causa de subsídios teatrais em 1838; polémica sobre o destino a dar ao edifício do Colégio dos Nobres em 1841; desilusão parlamentar em 1843; questão de Eu e o Clero *sobre o «milagre de Ourique» desde 1850 a 1853; polémicos sobre* A Ciência Arábico-Académica *e a* Propriedade Literária *em 1851; indignação pelo congraçamento de liberais com miguelistas como germe do plano admonitório da* História da Inquisição *em 1852; desaguizados na comissão do monumento a Garrett em 1854; demissão da presidência da Câmara Municipal de*

Belém em 1855; demissão de sócio da Academia por causa do conflito-Macedo em 1856; um desafio para duelo e polémica da Concordata em 1857; campanha contra as congregações religiosas — questão das Irmãs da Caridade — em 1858)... — enquanto tudo isto permitiu a Herculano tratar das coisas agrícolas, manteve-se escritor notório e lavrador sabido de raros apenas.

É, do lado rural, o período da criação de vacas leiteiras e da pequena indústria de lacticínios da Calçada do Galvão, seguido do arrendamento e grande exploração agrícola e pecuária do Calhariz da Arrábida (1855-1863). Roto o equilíbrio entre as duas actividades, Herculano seguiu a que já vimos que considerava a sua principal vocação, e que em todo o caso não só fora até então um pouco a «enteada» do homem, — sobretudo porque a não exercia em terras de seu, — como era a que se abria ao valetudinário intelectual como esperança de cura, ao homem civil magoado como compensação e refrigério, ao solitário nato enfim como ermitério e túmulo.

Aí fica — bastante arrastado e difuso na instrução, algo sumário e pouco arguto nas

instâncias e nos juízos — o que se pode chamar o processo do «retiro» de Herculano. Falta apenas (mas essa reservamo-la para pórtico do 3.º volume destas Cartas) *a história do parceiro rural do Calhariz e do proprietário de Vale de Lobos — o grande homem que se faz enfim «lavrador silencioso, sumido num dos vales sertanejos da Alta Estremadura»* [1].

Casaréus (Tovim),
9 de Fevereiro 1952.

VITORINO NEMÉSIO

[1] A um Bispo *(D. António Alves Martins)* [*c. 1870*]. Cartas, *II*, 1.ª *ed.*, *p. 129. O leitor perdoará que nem sempre tenhamos abonado as citações e precisado a cronologia. A primeira falta é talvez desculpável pela às vezes inextricável profusão de verbetes de que dispomos, muitos deles feitos sobre o inédito; a segunda pela raridade com que Herculano datá com precisão as suas cartas. Aliás um extremo rigor apodítico tornaria este estudo ainda mais enramado ou cerzido do que o que teve de ser.*

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] Agosto 15 — [18]73.

Além de várias ocupações e cuidados ordinários da vida que nunca faltam, sobretudo nas ocasiões como a que vai atravessando esta família que até certo ponto é a minha, têm sido tantas as visitas, e o aborrecimento de estar em suor contínuo em casas pequenas e de janelas fechadas e obrigado de mais a mais a ver provas de imprensa [1] nas vagas das visitas, que não me tem sobejado nem ânimo nem tempo para escrever a V. S.ª e até para pensar nas coisas de Vale de Lobos. Que o Francisco com os conselhos de V. S.ª vá lá governando o barco de modo que não dê à costa. Contento-me com isso. Aqui estão resolvidos a ir para a Ajuda, a ver se a Rita [2] que ainda não está restabelecida de todo toma algum vi-

[1] Provàvelmente dos *Portugaliae Monumenta Historica*, publicação reatada nesse ano, pois que o 1.º vol. dos *Opúsculos* já estava impresso a 3 de Abril, data em que Herculano manda um exemplar a Joaquim Filipe de Soure. (Luís Silveira, *Cartas Inéd.*, pp. 161-162).

[2] Mulher do cunhado Meira.

gor; mas antes disso a Mariana quer ir a casa logo que tenha o luto pronto, e que espera e esteja para o meado da próxima semana.

Até hoje não podia dar notícia a V. S.ª da chegada da fruta, que só aqui chegou ontem arruinada em parte e declarando o homem que a trouxe de Alcântara que já tinham deitado alguma fora, o que mais me confirma na minha opinião de que nem sempre é o mais económico o mais barato. Disso levei uma lição quando vim. Por conselho do Mártens Ferrão que vinha dos Olivais preferi o ónibus a uma catrapona para vir para casa. O resultado foi custar-me dez tostões o que podia ter feito com cinco ou um cruzado e ter de vir com o saco às costas desde a rua da Prata até o Arsenal e aguentando no ónibus e depois a pé um sol de rachar.

A Mariana pede para que dê ordem ao Francisco para deixar em casa obra de um quilo de alfazema, e mandar o resto a V. S.ª a fim de se vender aquilo de que a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José não precisar. Ambos nós desejamos saber que não progrediu a inflamação da cesura da sangria.

Disponha V. S.ª do

Seu am.º obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 20 Agosto [1873].

Acabo de receber a sua estimadíssima de ontem e agradeço o que me diz. Devolvo a guia porque, seja o que for o embrulho, esperará em Vale de Lobos, onde não podemos tardar. Estamos apenas presos pelo fato porque a Mariana nada tinha que servisse a luto e eu precisava de alguma coisa mais leve do que o pano, atentos os horríveis calores que tem feito. Esperamos que esta semana fique tudo pronto e partiremos logo.

Minha sobrinha tinha-me escrito para ir a Vale de Lobos com o marido, que ainda está bastante melindroso, a ver se definitivamente convalescia. Mandei-lhe dizer que sim, mas foi na véspera de eu vir para Lisboa. Como estão residindo no concelho dos Olivais, ainda não falámos com eles e não sabemos se querem ir ou não. Se não forem contem connosco para as sopas; mas se forem reflecte a Mariana e com razão que não é possível demorar-

mo-nos para chegar à noite ou perto da noite a Vale de Lobos, no desarranjo em que tudo lá está, tendo de arranjar quarto e o mais que for necessário para um doente e com a famosa e única criada que temos, não se podendo contar em nada com a irmã, que é uma verdadeira parva, e tanto mais que a Mariana depois do temporal em que tem andado não está capaz de lidas à pressa.

Aqui chegou o fruto: o bastardo parecia que se tinha acabado de apanhar.

Quanto à couve que o Francisco queria plantar não pode ser porque ele não sabe o que são quarteirões. Para se plantar a couve e chegar a sachar-se só viria a semear-se o nabo no fim de Setembro. Pode ter chovido e o nabo não sendo semeado em pó naquele salão não se cria. Levo comigo 3 qualidades de nabo porque quero semear grande nabal, que pode vindo cedo dar dinheiro na praça e depois muita comida para o gado. Do que se deve tratar quanto antes é de arranjar a terra de pousio pegada com a regadeira nova do tanque regando-a, lavrando-a, gradando-a e endireitando-a à enxada quanto seja necessário para se regar depois de semeado o nabo. Sobre um caminho que deve acompanhar a rega-

deira já eu disse ao Antunes, mas são escusadas mais explicações, porque o mais que eles poderiam fazer antes de eu ir, ainda na suposição de me demorar mais algum dia, seria regá-la, lavrá-la e endireitá-la tirando algumas carradas de terra para além do tanque. No bico que faz a terra ao pé da vala do moinho, onde a regadeira entra nas manilhas e onde há a fazer um pequeno desaterro para altear a estrada nova é que se pode reservar um pedaço para couves.

Não desejava que se começasse a assentar madeira nenhuma no barracão novo das ovelhas sem eu lá estar. Basta que cortem as peças fazendo no chão um estalão do madeiramento e cortando por ele; ou que vão tratar do vigamento do moinho metendo lá primeiro as ovelhas por causa das pulgas e mandando logo chamar o moleiro para arredar as mós. Digo isto para o carpinteiro não ir fazer outras obras a pretexto de não saber o que há-de fazer. Enquanto se tiram as pulgas e as mós podem aparelhar as vigas de carvalho que estão metidas na presa.

Nós apenas poderemos mandar dizer a minha sobrinha que tal dia passamos no caminho de ferro e que se quiserem ir que vão lá ter. Assim não podemos prevenir a V. S.ª se va-

mos logo direitos para Vale de Lobos, se ficamos aí até à tarde. Em todo o caso quando avisarmos basta ter em casa algum arrátel de carne mais, que, se eles forem e não ficarmos, se reserva para o dia seguinte. Bem sabe que nós não somos de iguarias. Eu hoje não passo de sopas e bifes.

Os nossos cumprimentos para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 1 Setembro [1873?].

Desejo que chegasse e se conserve de boa saúde, da sua expedição a estes Sítios.

Esteve aqui José de Sá e, falando de sementeiras de vendas, disse-me que mandava vir para si aveia que havia em Santarém a 240. Por isso, se não tiver comprado, posso mandá-la vir com a dele.

Peço o favor de mandar 30$000 réis pelo rapaz.

De V. S.^a
am.^o obrig.^mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 3.a f.a à noite [9 Set. 1873].

Resolvemos partir para Lisboa no comboio da tarde de quinta-feira 11 (depois de amanhã) e por isso pedimos para mandar prevenir o caleche.

Deixo as minhas coisas um pouco atrapalhadas, mas com o seu favor e a exacção do Francisco espero que não saiam tortas. Bem me custa deixá-las por mão, mas não há remédio.

Quero prover-me esta semana de cal para o Inverno. Tenha por isso a bondade de mandar uns 40$000 réis, podendo ser em ouro 5 ou 6 libras.

Tenho tantas coisas a arranjar e prevenir que peço desculpa de não ser mais extenso.

De V. S.ª
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 17 [Set. 1873?].

Peço o favor de mandar um próprio a Vale de Lobos com este bilhete para o Francisco, a fim de que se faça isso que nele digo quanto antes.

Escreverei mais devagar um destes dias.

Am.o e c.

Herculano

P. S.

Neste momento recebo a sua carta de ontem. Respondi anteontem a uma carta que o Francisco me escreveu dando notícia da saída do turino, no que estava com cuidado. Ele deve ter recebido a minha resposta.

Il.mo Am.o e Sr.

Lisboa 19 — 7.bro [1873].

Recebi a sua estimadíssima de ontem eram 11 horas. Mandou-se procurar o galego para ir ao caminho de ferro. Quando chegou era tarde. Fica para amanhã a fruta cuja remessa agradeço.

A Ex.ma Sr.a D.a Maria José acaba de sair daqui. Não me pareceu estivesse menos bem do que a última vez que a vi. Pouco falei com ela por causa de uma visita que me sobreveio. Quanto à partida para aí, segundo diz a Mariana, é negociação diplomática que fica para resolver na próxima visita. Eu pela minha parte espero estar aviado dentro de 4 dias.

Quanto aos bois do Jerónimo, que tenho visto várias vezes, não me desagradaram. Mas seria bom que o alveitar (o pai da criada) examinasse o tal que é sujeito a destemperar, o que indica certa tendência para inflamação de intestinos. É homem de bastante experiência, e se ele entendesse que com algum trata-

mento se lhe podia tirar esse defeito, o tê-lo poderia servir para se abater alguma coisa no preço, e esse abatimento dar para pagar ao alveitar, com a ajuda, já se sabe, cá das minhas medicinas. O caso é não dar mais das 19 ½ até 20 moedas. O alveitar deve em todo o caso examinar bem ambos os bois, e bom seria que o Joaquim, ou pelo menos o Joaquim António os vissem. Desconfio de bois vendidos no princípio das lavouras por quem não tem outros, embora este contra se possa explicar no Jerónimo pelos embaraços de dinheiro em que sempre vive. Quanto às informações do Pedro tenho minhas dúvidas acerca da sua sinceridade. Não lhe desagradaria talvez que eu levasse uma lição para não tornar a tirar-lhe os bois gordos para os substituir por magros. Não digo que seja assim, mas não é impossível. Conviria que o Francisco procurasse informar-se dos bois por outras pessoas antes de vir a algum ajuste definitivo.

Se os carpinteiros aparecerem em Vale de Lobos e não tiverem trabalho mais urgente podiam começar a deitar abaixo o tapume que divide em duas a casa onde dorme o pedreiro, tendo cautela em tirar as madeiras o mais inteiras que fosse possível. O tapume é feito com tábuas de solho cruzadas com forro.

O mais importante é salvar o solho, embora dê algum trabalho por estarem muito repregadas. O pedreiro deve calcular os tijolos que serão precisos para substituir por ladrilho a parte da casa para dentro do tapume, que é solhada.

O pedreiro deve acabar a pia nova que se fez no lagar do azeite para aproveitar algum azeite fino. Para o fundo deve fazer betão misturando alguns punhados do pó de Roma que ainda lá está com a cal e a areia, e também misturar algum no reboco das paredes: o betão do fundo não precisa de mais de meio palmo de grosso.

Desculpe todas estas maçadas e creia-me

De V. S.ª
am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 7.bro 19 [1873].

Anteontem escrevi a V. S.ª duas linhas para pedir remetesse por próprio ao Francisco um bilhete que ia incluso. Esteve aqui nesse dia o António Cabral irmão do Marquês de Sá [1], e disse-me que era preciso viesse quanto antes o requerimento da Florinda porque havia 5 lugares vagos no Calvário, do que ele tinha que dar conta ao governo e que o governo trataria logo de preencher pelos empenhos que para isso há. Ele mesmo me indicou o modo de suprir a ausência do pároco como indiquei no bilhete. Peço que remeta o requerimento e os documentos pelo correio logo que lho apresente.

Fui ontem a Lisboa e mostrei o requeri-

---

[1] Conselheiro António Cabral de Sá Nogueira (1799-1879), Provedor da Moeda, Presidente da Câmara dos Deputados. Foi Secretário da Embaixada Portuguesa à coroação da Rainha Vitória de Inglaterra.

mento do oficial ao Osório, chefe de uma das repartições do Ministério da Guerra. Disse-me que esses negócios não corriam pela sua repartição mas pela de D. António de Melo (o Estopada); que era coisa difícil de alcançar, porque todos os oficiais que se achavam fora das suas terras pediam o mesmo porque a todos custava deixarem de ser milicianos. Que todavia se eu escrevesse ao D. António, talvez a coisa se fizesse. Eu conheço-o, porque estivemos ambos no Porto, mas não temos grande intimidade. Se, porém, se empenha verdadeiramente nisto escreverei ao homem.

Quanto à genebra havia restos dela numa botija do aparador antigo, e uma garrafinha branca mais de meia no guarda-loiça. É possível que a tresloucada, desmazelada e estragadora moça da cozinha a desse ou bebesse. Por meu gosto já eu a tinha posto a pontapés fora de casa; mas vejo a dificuldade que há em arranjá-las, e antes quero sofrer os prejuízos que ser eu sempre o causador desses embaraços. O Francisco lhe dirá o que me escreveu a respeito do que por lá vai e V. S.ª fará favor de dizer da nossa parte que para o serviço da casa não são precisas mais de duas criadas, e que tome a Florinda a seu cargo o dar as coisas necessárias para a cozinha, acon-

selhando minha sobrinha sobre o que quer que se faça para o almoço jantar e ceia; que tome conta de tudo, açúcar, chá, manteiga, arroz, presunto, toucinho &c.ª e que o que não puder ter debaixo de chave nos aparadores ou no guarda-loiça o meta na casa da manteiga, e não há que estranhar que o faça porque é a ela que nós deixámos responsável do interior da casa, como o Francisco do exterior. Se não houvesse genebra estimarei bem que tenha ido, porque desejo que não falte nada aos hóspedes do que eles apetecerem. É coisa que em especial recomendo ao Francisco e à Florinda. Esta que dê dos 4 presuntos que lá estão um pedaço com fartura para a panela, todos os dias além do toucinho, porque ao doente não fará bem o chouriço.

Haviam de receber na Azóia a guia de um casco vazio que os Martins mandaram para vir azeite. Se a V. S.ª o entregarem sem a guia, que foi sobrescrita ao José de Sá, o Francisco que mande logo buscar para se limpar, e se até ao dia 23 o José de Sá não voltar da praia quero encha de azeite nosso só, porque os Martins têm pressa. Se o Sá voltar nesse prazo, que meta um terço do seu e que venha logo.

Faz favor de dizer ao Francisco que os Martins, a quem mandei uma garrafa do nosso

tinto, apenas o provaram queriam que lho mandasse para o engarrafarem com letreiros de que era de Vale de Lobos. Caiu-lhes a alma aos pés quando lhe disse que apenas havia uma pipa disponível, e que por ora não dispunha dele. É vinho para nos valer a pipa mais de dez moedas. Que se cale, porque eu lhes prometi fazer-lho tal qual quando tivéssemos mais, e que veja ele o que esses tolos perdem por não fazerem as coisas bem.

Como o calor aperta e ele talvez tenha de proceder à vindima mais cedo do que se contava advirto-lhe que aquilo que combinámos de deitar a água na lagariça não pode ser. A água tem de ir por conta: se chover muito, nenhuma: se chover pouco, obra de meio almude por cada oito almudes: se não chover, que é o mais natural, um almude por cada oito de mosto; mas os almudes de mosto só se sabe quantos são quando se passam da lagariça para o balseiro. É nessa ocasião que ele lhe deve deitar a água.

Pela primeira viagem do barco devem ir duas quartolas de 6 almudes que comprei em 2.ª mão e que me afirmaram só ter servido a aguardente. O Francisco que as faça lavar bem de modo que não fiquem vestígios da aguardente e que as mande arranjar se preci-

sarem de algum arranjo. Também ontem deixei comprados 1.000 pregos de galeota e 2.000 de meia galeota que devem mandar ao barco. Hão-de ir além disso dois papéis, um com semente de chicória para semear em viveiro e plantar-se depois no Inverno, e outro com semente de espinafres que se podem semear já na horta onde a terra for mais solta, em leiras que se fartem de água pelas regas, de modo que no Inverno fiquem no alto e fuja a água pelas regas por onde agora se hão-de regar. Fazendo-se as leiras estreitas a água repassa-as bem. A semente (que é a porção maior) deve ser semeada pouco mais ou menos como trigo e pouco funda.

O Francisco que previna o José Constantino que por eu lá não estar não me deixe a obra, senão que depois ajustaremos contas. Quero a entrada para a abegoaria das vacas acabada antes da chuva, bem como o quarto para os rapazes; que lhe faça passar a madeira de freixo para a casa ao pé do lagar, acabando a nica que deixou por acabar na cavalariça nova, passando-se para ali a égua e a jumenta e desmanchando a manjedoira da casa junto ao lagar, donde se deve remover o carvão. É preciso prevenir o Domingos de que preciso do quarto para o rapaz que levamos, e para

casa de engomar e de ter os tarecos da Florinda; que pode arranjar para si o quarto onde dormia o Manuel, visto que só lhe serve para dormir nos dias em que lá fica, podendo cozinhar na chaminé que lá tem ao pé. Se lá forem precisos alguns arranjos o Francisco que lhos mande fazer, e o armário que tem no quarto pode-se passar para lá se o quiser, porque não precisamos dele.

Acabou-se o papel. Até outro dia.

Am.° e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 22 7.bro [1873].

Recebi ontem a sua carta a horas que já não tinha tempo de escrever de modo que a minha resposta chegasse hoje aí.

Fico com cuidado a respeito do casco que segundo eu dizia só se devia encher no dia 23 ou 24 não tendo chegado o José de Sá. O Francisco, que eu saiba, não tinha lá nota de que se devia expedir para a estação do Poço do Bispo, e a guia remeter-se a Jerónimo Martins e Filho — Chiado, 13, Lisboa. Naturalmente V. S.ª também a não tem. Receio que a remessa se faça para Lisboa, o que seria para os homens de grande transtorno. Esta estimarei que chegue a tempo de prevenir algum engano. Se o houve, peço o favor de prevenir.

Também peço que se falar com o Francisco tome nota dos litros que levou a bilha remetida por ordem dos Martins para a viúva Hardy do Porto. Veio para eles a guia, mas a quantidade de litros ia só bilhete pregado na bilha. Creio que são 40.

Na nota, que dei à Florinda para a certidão do facultativo, pedia-se a declaração não só de ser vacinada a rapariga, mas também de não padecer moléstia contagiosa; esta parte omitiu-a por lapso o Pedroso. Mando assim mesmo os papéis para a Secretaria porque urge o negócio. Entretanto seria bom que viesse de prevenção outra certidão com essa circunstância. Hoje mesmo aviso o Sá Nogueira dessa irregularidade, e que se emendará juntando por fora outra certidão. É possível que a omissão fosse da nota que dei à mulher, mas parece-me que não.

Que os padres deviam ficar nas brasas com o pedido da certidão ao regedor sei eu. Faz-me rir a ideia de entreterem o negócio. Se o burro de Achete não arromba o armário ou o regedor não passa a certidão, eu lhe diria aonde iam parar dentro de 15 dias o regedor e o pároco da Póvoa.

Vou mandar o moço com os papéis à Secretaria e a carta ao Sá Nogueira e esta para o correio, antes que seja mais tarde.

De V. S.ª
am.° e c.

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] sexta f.a Set. [?] 22 [1873].

Recebi a sua última que agradeço e que estimei pelas notícias que nos dá que por aí não há novidade nem de saúde, nem no mais. Por aqui sucede o mesmo, achando-se a Rita quase inteiramente restabelecida.

Se não ocorrer algum impensado obstáculo, contamos com partir daqui depois de amanhã, domingo, no comboio da manhã.

Hoje mesmo escrevo para minha sobrinha para no caso de quererem ir connosco tomarem o comboio na estação que lhes ficar mais a jeito.

Quer vão, quer não, talvez se devesse prevenir o homem do caleche mas advertindo que não devem esperar na estação; porque se forem minha sobrinha e o marido manda-se recado para que venha o caleche ou o *char-à-bancs*,

esperando nós entretanto na estação ou em casa de V. S.ª e se não forem, avisa-se para que vá aí de tarde o caleche buscar-nos.

Até à noite.

Am.º e c.

HERCULANO

P. S.

Estava escrita esta quando chegou a sua de ontem. Verá que eu tinha já prescrito o que se devia fazer. A prevenção dos dois dias de antecipação não foi possível nem era precisa. Onde há galinha e presunto nunca falta que comer. Em todo o caso a Mariana pede que V. S.ª mande comprar um quilo de carne no domingo para levarmos connosco, quer vamos de manhã quer de tarde.

Estimamos as melhoras da Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José, que pelo que nos diz ainda estará aí no domingo.

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa, Belém] 30 7.bro [18]73.

Conforme as suas indicações deve esta ir achá-lo de volta em casa ou a ponto de chegar. Folgarei de saber que na sua um pouco longa peregrinação não teve aventura desagradável nem incómodo de saúde e que deixou a Ex.ma Sr.a D.a Maria José em estado de continuar regularmente os seus banhos.

Nós por aqui vamos sem novidade. Eu é que não estou inteiramente livre da minha desordem intestinal, o que é grande zanga por me impedir os banhos que o médico me manda continuar apesar de ter aumentado a secreção dos brônquios.

Mandei ao homem dos pregos. Respondeu que foram pelo barco do Adrião que era o que estava a partir quando os mandou. Se ele pregou o papel que eu lhe escrevi na seira admiro que o arrais do Adrião não o mandasse a V. S.a. Deus queira não haja cancaborrada do tal caixeiro dorminhoco.

O Francisco escreve-me dando-me conta do rendimento do vinho, que na verdade foi insignificante. O que não sei é como ele o há-de encascar, salvo se for nalgum dos cascos que V. S.ª comprou. Os novos que mandei fazer ficaria qualquer deles em vazio, além de não haver com que atestar, para o que sempre é preciso deixar algum de fora. Veremos como ele arranja isso. Não quero atrapalhá-lo com indicações daqui.

À vista do que me disse a respeito da telha, estando tirada a maior parte da do coberto velho, é preciso que o Antunes com os homens vá igualar e bater o chão do coberto novo para se recolherem as ovelhas ali, ao menos apenas chova. Diz-me o Francisco que se venderam as *erradas*, o que eu entendo por *forras*[1]. O que eu queria que o maioral me pusesse fora (e foi o que eu lhe disse) era aquelas de que desconfiasse tinham papo ou não aguentariam o Inverno. Podem estar forras ovelhas boas e até borregas, que se não co-

[1] Diz-se *errada* a rês que não pare todos os anos; *forra* é a alimária vadia (Morais, *Dicion.*, s. v.), mas é possível que o vocábulo tenha também a significação zootécnica que Herculano lhe atribui, ao receber como novidade o *errada* da linguagem do Francisco.

brirem este ano, podem fazer para o ano uma criação. Agora as velhas e doentes que não resistem ao Inverno essas é que não me serve de nada estarem cobertas. Lá falará sobre isto com o Francisco. O comprador também não é seguro. Pagou ele? Não tenho fé inteira no maioral, apesar de me parecer bom e efectivamente tratar bem as ovelhas. Lembra-me sempre que o irmão me deu cabo de perto de 80 ovelhas por velhaco, tendo aliás a aparência de bom maioral. O Francisco que esteja sempre de prevenção.

Tenha saúde e venturas como lhe deseja o

Seu am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr

[Lisboa] 6.a f.a 3 [Out. 1873].

São quase 3 horas e apenas terei um quarto de hora para mandar a carta hoje.

O Francisco deve pedir 28 moedas pelos bois, 10 libras pelo bezerro e 8 libras pela vaca. Esta deve sair seja como for. O gado deve baixar; por isso não sei precisamente por quanto há-de vender. A questão é se ganharmos 4 ou 6 libras vendendo os bois gordos e comprando outros sãos, novos, mas magros. Se vir que o bezerro deixa lucro comprando uma vaca nova, de mais corpo e magra, também o deve largar. Se o gado gordo tiver dado baixa, também ao magro deve suceder o mesmo. O que deve é ver se ajusta primeiro a compra, mas debaixo da condição de que a dita compra só terá efeito se puder realizar a venda do que leva para vender. Que não se esqueça de levar consigo o Joaquim António ou o Joaquim dos Bois ou ambos, gratificando-os por isso.

Quanto ao vinho, se ele tiver medo das vasilhas vindas do J. M. Henriques, eu não tenho menos das do José de Sá. Pelo que me diz o Galhardo a água-pé fica muito boa. Não me parece que neste caso houvesse inconveniente em atestar com ela, porque também me diz que parece o vinho ficar mais forte que o do ano passado. Seria nesse caso conveniente aquecer o que deitasse até o grau em que metendo a mão achasse bastante calor sem o escaldar. Isto devia ser antes de acabar a curtimenta, quando não, na ocasião de passar o vinho para o casco.

Se porém desconfiar que a água-pé não está bem sã, meta seixos até atestar mas tome muito sentido em que sejam seixos, porque indo qualquer pedra de cal fará mal ao vinho.

São 3 horas. Não sei se esta irá a tempo. Em todo o caso estará lá no domingo.

Am.° e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Ajuda 6 S.bro [1873].

Como acabo de receber a sua de ontem pouco depois da 1 hora e as cartas se tiram às 3 ainda tenho tempo de responder ao que é essencial.

Quanto ao foro da Papoila estava na ideia de que tinha recomendado isto ao Francisco, mas em todo o caso deve-se ter como regra que para pagar uma dívida vencida havendo aí com quê não é preciso consultar-me nunca, e nunca é cedo para se pagar o que se deve, nem para receber o que nos devem. Quanto ao modo de pagamento, o Francisco sabe como estão as contas há dois anos com o José de Sá. Pagando em trigo, são 22 alqueires que nos ficam na mão. Parece-me que quanto à qualidade do género a mulher tem razão. Lembra-me que o ano passado houve não sei que alborques; mas eu não tenho necessidade de ouvir essas queixas por que nada interesso com isso. Devo receber duas sementes limpas de

pá e vassoura. Pago do que recebo, e não há queixas. Isto é corrente e simples. As espertezas nestas transacções não me agradam demasiado. Se o trigo durázio ainda não saiu, o Francisco que tire 22 alqueires do monte e que os mande à mulher; se saiu, o que não creio, que os peça ao José de Sá.

Pelo que toca ao vinho, mau foi a minha carta chegar tarde, e não me ter lembrado antes prevenir para o vinho se deitar nos 3 barris de 6 e na quartola nova, que ficavam cheios e alguns almudes em garrafas ou em garrafão ou em ambas as coisas. A 2.ª fermentação fazia-se igualmente bem e havia com que atestar. Agora não há remédio senão recorrer aos seixos. Mau foi igualmente não se poder ajuntar a água ainda na curtimenta, e ainda pior ir fora. A explicação disto é muito comprida para uma carta. Não creio que o vinho se perca por isso; mas havia de ficar melhor, e menos ou antes nada arriscado.

À vista do que me diz do José Constantino não há remédio senão despedi-lo, e continuo com o Malaca só, sem todavia haver compromisso de lhe dar sempre que fazer. É claro que não se lhe pode dar mais dos 320 porque, pelo que tenho observado, ele faz em 3 dias o que o José Constantino faz em dois. É toda-

via muito mais perfeito. Fica uma coisa pela outra. O que se lhe pode assegurar é que havendo que fazer se lhe dará sempre a ele, mas também é preciso que ele se obrigue a trazer o Manuel ou outro carpinteiro como este, quando o trabalho apertar, e forem necessários dois. Se o Francisco não puder fazer-lhe aceitar estas condições que feche por ora os olhos, e eu, mais desafogado de trabalho depois, verei como hei-de haver-me com o José Constantino, *que não as deitou em saco roto*.

Acho bom semear-se a aveia no pomar novo de caroço, e bom seria que os homens tivessem tempo para arrotearem o pedaço que falta e ficar tudo brochado de aveia. Também me parece que no pomar novo de laranjeiras que esteve de milho basto ainda se poderia dar boa aveia, semeando no restolho e cavando só a cobrir, deixando de cavar debaixo das laranjeiras e ainda para fora dois ou três palmos, de modo que ficassem bem desafogadas. Nos claros do pomar velho, mas só nos claros, talvez se pudessem semear algumas favas, visto que foi estercado este ano e já as deram bem ali há 3 anos.

O faval, que não precisa ser grande, podia-se fazer na baixa da terra que esteve de trigo por cima da esterqueira do bagaço, raspando-

-se bem o chão da esterqueira e levando até alguma terra, que esteja repassada do esterco, e espalhando-a até onde a pá possa alcançar e estrumando o resto à carrada.

Acabou-se o papel e vai para as 3 horas.

De V. S.ª
am.º e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] Outubro 24 [1873].

Espero que esta o vá encontrar sem nenhuns vestígios da sua constipação.

A nossa partida está riscada, não se dando causa de força maior, para a próxima segunda-feira 27 em companhia da Ex.ma Sr.a D.a Maria José. Agradecendo no total o seu amigável convite, aproveitar-nos-emos dele só em parte, almoçando aí, se o tempo o consentir, de modo que possamos ir a pé até sua casa e mandando lá ir o caleche às 11 horas. Se porém o tempo estiver de chuva deve o caleche estar na estação para irmos pôr em casa a Ex.ma Sr.a D.a Maria José, e seguirmos logo para Vale de Lobos. Ambas as donas de casa têm que dispor coisas logo que cheguem, e nem para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José é cómodo estar tratando de jantar de hóspedes, nem para a Mariana chegar a casa só à noite ou perto dela. A minha presença ainda

de dia em Vale de Lobos também não será inútil para encaminhar os trabalhos para terça-feira.

Assim, V. S.ª terá a bondade de providenciar nas duas hipóteses de chover ou não chover.

Bem dizia V. S.ª que o Francisco, independente de resposta minha, deveria ir a Alcobaça, se não se ficasse com os bois do Jerónimo. O que não podemos é estar sem bois por muito tempo. Razão de mais para eu chegar cedo a Vale de Lobos, aonde não é provável que o Francisco tenha voltado já na segunda-feira.

Nós por aqui vamos sem novidade. A Mariana esteve ontem em casa do Sr. Nunes. A Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José tinha saído para casa de seu sogro, sinal de que estava de boa saúde.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 4 Novembro [18]73.

Hoje tenho de o incomodar com uma carrada de impertinências.

É a primeira a procuração para o negócio do casal da Papoila. Eu disse aos Pataratas que mandava perguntar a V. S.a em que dia poderia ir a casa do Patroni para se lavrar a escritura da venda, no corpo da qual deve, creio eu, ir a minha declaração e reconhecimento do novo enfiteuta. Assim veja quando isso lhe dá menos incómodo para eu prevenir os homens.

Remeto também um saco com um corte de calças para trazer por aqui e vão com elas outras para molde. Peço que mas mande fazer ao seu alfaiate económico.

Nalguma ocasião em que fosse a Marvila neste mês ou na entrada do que vem, muito me obrigaria se falasse com as donas do Cervato, para saber se elas querem fazer nova

venda do mato do dito Cervato pelo mesmo preço, e com o mesmo espaço de tempo, para o tirar do contrato anterior, visto que este expira no último de Dezembro. Para se verem as condições mando o recibo que me passaram quando ajustei este corte.

Tanto guardei a nota que me deu da verba total da contribuição da freguesia da Póvoa, que não a acho no meio da minha imensa papelaria. Se a tiver aí ou a souber de cor, poupar-me-á a continuação da busca. Também desejaria saber se hoje a Junta para a derrama da côngrua é especial para cada freguesia ou geral para todo o concelho, e como se intitula.

O rol de impertinências, como vê, não é mau.

Desejamos saber como passa da sua catarreira e se a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José não tem estranhado os ares de Santarém.

De V. S.ª
am.° e c. obrig.mo

A. Herculano

P. S.

Quanto ao tijolo, se o homem me pudesse mandar guardar uns 250, estimaria. ....

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 5 9.bro [18]73.

Não leva amanhã a égua o Manuel porque o Patarata prefere o ir fazer a escritura, e assim terá de levar a maçada de ir a Marvila apresentar a procuração ao Patroni e assinar em meu nome o que cumprir. Não falei com o Patarata; falei com o filho que não soube indicar-me a hora, mas deve ser de manhã.

Se aproveitar a viagem para falar com as donas do Cervato, devo preveni-lo que as mulheres estavam desejosas de que eu chegasse de Lisboa para renovarem o contrato e que tinham ideia de me falar em guardar eu a propriedade por aquele lado das invasões do gado do Alexandre da Póvoa. Se lhe falarem nisto, pode dizer que eu não posso comprometer-me a ter um guarda para isso, porque me sairia o mato caríssimo; que o que poderei fazer é mandar três ou quatro vezes por semana um criado com as minhas vacas turinas

dar por lá uma volta. Assim o homem não se atreverá a soltar para lá o seu gado, nem a atravessar com ele para as ribeiras que é onde ele pode e costuma fazer o estrago.

No sábado irá a égua. A Mariana pede-lhe que não se esqueça do homem que deve vir pôr os vidros e consertar alguns trastes. Recomenda-me, além disso, que agradeça os melões.

Os nossos cumprimentos para a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e creia-me

De V. S.ª
am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 8 Novembro [18/3].

Remeto-lhe o meu requerimento à Junta da Côngrua, pedindo o favor de o fazer chegar à mão do presidente que provàvelmente é o Administrador do Concelho.

Esqueceu-me ontem com a conversa pedir-lhe uma coisa que tencionava pedir-lhe antes que se fosse. Era que se *esquecesse* da oferta do Afra vir pôr os vidros: isto não se faz sem uma quebra de dignidade, senão quando há tanta intimidade, como se se fosse da família. Ele podia fazer o oferecimento; eu é que não posso aceitá-lo. A coisa remedeia-se perfeitamente mandando as medidas exactas dos vidros, que virão assim em estado de ser postos por qualquer pessoa, como o Domingos, que já os tem posto por várias vezes.

O borracho do Patarata, pelo que vejo do bilhete que ele me trouxe, fê-los ir inùtil-

mente antes do jantar na quinta-feira. Se não tivesse dó dele, não lhe sucedia isto.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 20 Novembro [1873].

Pareceu-me quando tem feito o favor de nos acompanhar ao jantar que não lhe desagradava a nossa água-pé. Queria mandar-lhe um barrilinho dela, mas não tenho nenhum disponível, e o garrafão empalhado também está com vinho. Ocorreu-me por isso a ideia de lha ir mandando em botijas, visto que o rapaz vai frequentemente aí, e que se ganha na qualidade porque ela amolece quando está alguns dias fora da quartola. Posto o que, leva o rapaz hoje duas botijas.

Fará favor de me mandar 20$000 réis porque trago esta semana gente da praça a deitar novidade. Do modo que o tempo vai foi [1]

Por causa da criada Florinda que tem de ir um destes dias para Lisboa com a filha, desejamos saber qual será o melhor comboio

---

[1] Ao voltar a página, Herculano esqueceu-se de continuar o período.

para partirem de Santarém de dia e chegarem de dia a Lisboa. Creio será o de mercadorias. Precisamos de saber a hora exacta em que passa aí.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.e considere-me sempre

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

P. S.

Sabe onde é o forno do sujeito que mandou reservar para mim os 250 tijolos?

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] sexta f.a 21 [Nov. 1873].

Agradeço o que me diz da ida da Florinda que deve partir infalìvelmente daqui na segunda-feira porque a rapariga deve ser apresentada antes do fim do mês.

A égua apareceu esta manhã com uma dor. Depois de algumas mezinhices que pouco bem lhe fizeram, mandou-se ao ferrador, que lá lhe fez e ordenou outras. Fica ordem para ir pela manhã se estiver capaz disso. Se não estiver, faz favor de vir na jumenta, porque o rapaz pode vir bem a pé.

Até cá

De V. S.^a
am.^o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] [illegible] [1873].

Vai a Florinda e a filha: lá fará o favor de as encaminhar.

Junta remeto a guia de uma bilha vinda do Porto para ir azeite fino. Peço que a faça trazer na carreta com o que tiver no barco.

Mando esses dois cestos e um cabaz para Lisboa, e peço o costumado favor de os expedir. É provável que pela natureza do conteúdo tenha de se pagar cá o porte; mas nesse caso é natural que se possa ir buscar à estação de Lisboa no dia seguinte, do que se assim fer peço avise meu cunhado pela Florinda.

O carpinteiro-marceneiro aqui esteve. É desembaraçado e fez todos os consertos. Dei-lhe 600 réis. Não sei se o homem ficaria contente, mas parece-me que sim.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

Seu am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 1 Dezembro [1873].

Hoje vai o rapaz com a jumenta buscar a Florinda que deve chegar de Lisboa no comboio da manhã. Vai com ele o Rosendo[1], que está quase descalço e precisa de uns sapatos próprios para resistirem a um rapaz e às pedras e barros daqui. Faz-me o favor de o dirigir ao nosso mestre ou a outro que ache mais próprio?

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

[1] O futuro arquitecto Rosendo Carvalheira, que foi educando pela família de Herculano e com ela morou em Lisboa depois da morte deste.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 3 — 10.bro [1873].

Não sei se a égua estará pela manhã capaz de ir porque esteve ontem outra vez com a dor. Se estiver boa o rapaz levá-la-á; se não faça-o desmontar da jumenta, porque a carga que há-de trazer não o mata.

Peço o favor de trazer 30$000 réis por causa dos homens da cava. Esta semana deu-se em cheio com o tempo que vai.

De V. S.ª
am.o e c.

Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] Sábado 13 à noite [Dez. 1873?].

Ficam entregues ao rapaz duas pequenas abóboras meninas e seis tangerinas. Quando a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José quiser mais daquelas *preciosas* abóboras não tem mais do que falar. Estamos em terra de providência.

Junta achará a guia que o meu amigo Manuel Jorge de Oliveira Lima acaba de me remeter de um barril de vinho do Porto sem aguardente, que diz quer que eu prove. Até o Porto já pretende ter vinho sem aguardente. Bem dizem os reaccionários que o mundo está perdido. Peço para o tirar quando lhe cair a talho, porque me parece que já não escapa de pagar a armazenagem e não faz cá falta. Virá quando suceder.

Deve receber-se esta próxima semana algum dinheiro do azeite e doutras proveniências. Mando entregar a seu concunhado 300$000 réis, no que creio não haverá incon-

veniente vindo ele a Santarém. Tem nesse dinheiro uma cota o José de Sá, que o fundirá na grande massa. Forte pateta!

Tem-me esquecido perguntar. Lembrou-se já de dar as 3 libras ao Pedroso?

Peço os nossos cumprimentos para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

A. Herculano

P. S.

A Mariana pede ½ alqueire de castanhas.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 18 Dezembro [1873].

Estimo saber o que me diz a respeito de remessa tardia de cartas para Lisboa.

Sem isso esta não teria chegado em tempo conveniente se não me tivesse metido na cama às 6 da manhã levando toda a noite a escrever, o que já não é para os 63.

Irá a égua no sábado. V. S.ª fará favor de me trazer 20$000 réis. Esta semana só tenho dois dias de malta grande. As vinhas estão cavadas e já se empregou um dia em atulhar o rio velho.

A Mariana tem passado mal. Já se não estranha. Recomendações nossas à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José.

De V. S.ª
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 23 Dezembro à noite [1873].

Estou com uma constipação e vou-me meter na cama, por isso escrevo só duas linhas.

Ofereço-lhe uma amostra do nosso vinho branco deste ano (moscatel-fernãopires) e do vinho sem aguardente do Porto, que me parece vinho verde de Mesão Frio, que está no extremo do antigo distrito da Companhia.

Achei ontem assaz doce, para o tempo, uma laranja que provei do nosso pomar. Mando por isso umas poucas, bem como uma porção do que resta das nossas uvas e uma mão-cheia de passas.

Da horta vão as hortaliças que há e que têm escapado às geadas.

Desculpe a desordem em que tudo vai, porque a minha cabeça não me consente arranjá-las melhor, e ninguém mais o faz, ao menos à minha vontade.

De V. S.ª
am.o e c.

Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Lisboa] Segunda f.a 12 [Janeiro 1874].

Tenho tanto que fazer hoje que apenas posso escrever duas linhas.

Ontem à noite calhou a descompostura por causa do Afra a um amigo do Ministro e sobretudo do Margiochi. Ficou chumbado. É natural que já hoje lhes leve a notícia.

Não posso mandar o papel do antigo negócio do Cervato, que não tenho cá. Mas a coisa reduz-se a um recibo de oito moedas por um corte de mato na charneca do Cervato, que devo deixar feito no fim de quatro anos, ficando à disposição das senhorias todo o chão em que estiver feito o corte. Fez-se assim para evitar arrendamento, registo &c.ª.

O que se ajustou, não com o Constantino, mas com o Malacas, foi pôr a roda pronta e no seu lugar, indo acabá-la em Alpiarça para se aproveitarem lá os parafusos da velha, e se meterem as costas de oliveira e por isso não

deve ir furada. Lá há óleo de carvão de pedra e que não esqueça de o dar nas juntas antes de pregar as peças. Por este trabalho deve receber seis mil réis e creio que o Dulac lhe quer dar uma gratificação de dez tostões (1$000 réis). Isto e os 6$000 réis dará o Francisco se lá não lhe pagarem, ou alguma coisa adiantada se o precisarem (o Malacas), para o que já tenho na minha mão 2$500 do Dulac.

De V. S.ª
am.º e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 9 Jan.ro [1874].

Ontem quando estava para sair recebi a carta de V. S.ª que muito agradeço. Vim para a Ajuda donde lhe escrevo porque me era indispensável fazer aqui alguns trabalhos que não posso fazer noutra parte. Não sei os dias que me demorarei; mas pode escrever quando quiser para Lisboa, porque receberei do mesmo modo as suas cartas.

O Francisco que não se apresse com o negócio da serpentina para o aquecimento do vinho, porque nada se fará antes deste ser trasfegado duas vezes pelo menos e do que ele deve tratar logo que tenha caído é de lhe dar a 1.ª trasfega. Os mestres provadores acharam no vinho branco velho (que aliás acharam bom em si) um certo cheiro a bolor, que seria dos garrafões ou das rolhas, e no aquecido o mesmo começo de transtorno que nós lhe achámos; mas com o das garrafas guardadas no

subterrâneo ficaram enlevados, e o Morais Soares chegou a dizer que era uma das melhores coisas que tinha provado e que se o apresentasse em Londres podia pedir o dinheiro que me parecesse.

Agora pelo que toca à prensa é que urgia fazê-la e eu não sei que tempo me demorarei. Ao menos, o carpinteiro deve ir fazendo os dois parafusos com obra de um palmo liso e cinco quartos de rosca tendo em baixo uma cabeça ou quadrado ou oitavado para segurar os parafusos no pranchão de baixo. A grossura dos parafusos é indiferente: pode ser desde 5 centímetros até 10. O que também se poderia fazer entretanto era os dois cinchos de folha mais altos, um maior, outro mais pequeno pelo tamanho dos que lá há, e também as rodelas de freixo para entrarem nos cinchos e apertarem o queijo. Depois era fácil acabar a prensa em um ou dois dias.

O relógio deve ir para a Calçada do Marquês porque há-de ser consertado num relojoeiro que mora ali perto.

Creio que ainda se não pagou o foro às Sr.[as] Luísas. Peço que combine com o Francisco se no caso de termos milho de sobejo para este ano convirá pagá-lo em género ou em dinheiro pelo preço do meio.

As donas do Cervato mandaram-me dizer que queriam renovar o negócio do mato. Disse que lhes daria a resposta. Não tenho grande necessidade dele com a descoberta da raspadura das ervas secas pelas mulheres e com o mato próprio; mas ficaria com ele para ganhar tempo, a ver se faço outro arranjo mais importante em que lhe falei uma vez. Assim, quando tiver ocasião, far-me-ia favor em procurá-las. O arranjo que aceito é o anterior: venda do mato por 4 anos e 8 moedas por uma vez; porque arrendamento não me convém.

Eu disse ao carpinteiro José Constantino que quando acabassem a roda para o Dulac, que bastava que *ele só* continuasse com o trabalho até eu ir. Deve acabar a cancela que está começada para o pátio das galinhas, falquejar as madeiras que estão cortadas, e recolher na casa junto ao lagar do azeite toda a que serve para abegoaria: arranjar padieiras para as duas portas que tem de se abrir, uma de comunicação para os quartos novos, outra junto ao forno para o pátio das galinhas, e separar toda a madeira que possa aproveitar-se para o coberto novo do pátio, contando que leva 3 vãos e que servem todos os barrotes de 7 a 8 palmos.

Também é preciso que o Francisco assente

no dia em que o carro deve ir buscar os 250 tijolos encomendados, para se dar aviso, e estar no forno quem os entregue. Já se tem tardado de mais em ir buscá-los.

Não me ocorre mais nada senão pedir os meus cumprimentos para a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José, cuja saúde desejo continue.

De V. S.ª
am.º obrig.mo e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 19 Jan.ro [18]74.

Cheguei ontem da Ajuda onde estive metido toda a semana sòzinho e sem dizer nada a ninguém, para poder fazer algum trabalho que me é indispensável, e que me seria impossível fazer em Lisboa, onde todos entendem que podem dispor do tempo alheio para quanto lhes vem à cabeça. Não há terra onde mais se ignore que *o tempo é dinheiro* conforme dizem os ingleses.

Folgo com as notícias que nos dá da sua saúde, e de que fosse transitório o incómodo da Ex.ma Sr.a D.a Maria José. Nós vamos sentindo o caruncho de vez em quando, mas sem maior novidade.

Peço para dizer ao Francisco o seguinte:

1.° — Que diga ao Francisco Pedro que eximir o filho da reserva é impossível antes de acabar o tempo; mas que de facto se exime com a prorrogação das licenças: que da Secretaria se expediu ordem para se lhe prorrogar

por mais 2 meses, e que deve avisar-me 10 ou 15 dias antes de ela acabar para se lhe prorrogar por outros dois meses. Que antes do dia 28 de Janeiro ele deve mandar saber ao Regimento se lá está a ordem para a prorrogação, e avisar-me se lá lhe puseram alguma dificuldade, para esta se remover;

2.° — Que a regadeira dos quarteirões não continua sem eu lá estar;

3.° — Que o Antunes, nos quartéis do almoço ou quando calhar, esgraminhe o terreno entre o pedaço novo de regadeira e o pedaço de estrada além do tanque que está por acabar; que depois esgraminhem um pedaço de chão próximo do fim da latada e de onde há-de ser o portelo, e onde o terreno faz uma coroa, para depois o Pedro a vir trazendo para acabar de entulhar a estrada e ir alteando o vão entre o pedaço novo da regadeira e a estrada;

4.° — Que deve vir no carro alguma pedra para o portelo que se há-de fazer na entrada dos quarteirões e que devem ser pedras grandes, sobretudo duas para se chumbarem os arganéus em que hão-de girar as 2 meias cancelas. O pedreiro poderá mesmo começá-lo no sítio em que está o tapume de silvas, governando-se para a largura entre os dois cunhais

pela do portelo do curral das ovelhas, porque quero aproveitar ali o portelo que sobejou do curral velho;

5.º — Que se se começar a tirar algum leite às ovelhas se entenda com a Florinda para se fazerem queijos pequenos ou para guardar ou para vender enquanto eu não for e não estiver pronta a prensa, porque basta depois fazerem-se queijos grandes para casa. A Florinda se não sabe o tempero do leite pode informar-se ou pedir à Piedade que lho vá ensinar. Nos queijos pequenos vai assim vendo o regulamento do tempero. Será bom, porém, que o Francisco encomende dúzia e meia de queijos ao José de Sá para D. Fernando[1], porque receio que os nossos não saiam tão bons.

Quanto ao mato, vi por experiência (e muito mais agora com a ideia de rapar o feno com as mulheres) que é suficiente o já arrendado e que por isso ficar com mais, e do lado da Portela, era comprar mato para me furtarem.

José Constantino que me torne a tirar a medida *do diâmetro* dos óculos no tecto do oratório, porque não acho a que trouxe. O Francisco que procure na gaveta da direita da minha mesa de escrever o metro de metal para

[1] O Rei D. Fernando

com ele se medir o tal diâmetro e me mandar dizer os centímetros que tem.

Hoje não tenho tempo para mais.

De V. S.
am.º e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] Janeiro 26 [1874].

Literalmente não tenho tido meia hora para escrever a V. S.ª com as secas de que tenho sido maçado. Agora mesmo estou contando os minutos que me restam, antes de fazer a barba e sair, para fazer esta.

Fiquei desesperado com o José Constantino por me ir romper a porta. Ele mente em dizer que lhe recomendei isso. O que lhe recomendei foi que acabasse a outra cancela do pátio das galinhas, que aparelhasse as padieiras para a porta que se há-de romper ao pé do forno, e da tal que abriu, mas não lhe mandei abrir nenhuma delas. Eu que sei que em 3 coisas que se lhe mandam fazer, faz 6 asneiras havia de lhe deixar a seu arbítrio abrir a porta onde lhe parecesse, tendo de se converter em janela a porta da rua que fica ao pé, e de pôr essa em harmonia com as outras a que corresponde! Esteja ele certo de que se me aleijou o trabalho há-de emendá-lo à sua custa. Aposto que ele não foi falquejar o cepo do rio entulhado para aproveitar alguma peça

de rolo, e a madeira que está ao pé do lagar do azeite, e os choupos que se cortaram nos quarteirões. Foi isto que, além da cancela e das padieiras, eu lhe recomendei.

Hoje mandei o procurador entregar ao Ex.mo Sr. Silva[1] 120$000 réis.

Agradeço as miúdas notícias que me dá de Vale de Lobos; mas (aqui para nós) pelos ditos do Francisco é que justamente desconfio de que já por lá começasse a moléstia e que ele quisesse evitar-me cuidados. Quando lá for saberá. Se tiver começado, que não se metam eles a curandeiros e que chamem o pai da Maria.

A Mariana esteve dois dias de cama com febre. Desconfiei de alguma gástrica; veio o médico, mas felizmente a coisa não progrediu.

Vi de cá a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José a passear nas Portas do Sol. Quem dá um passeio desses desde a Ribeira não se deve achar mal de saúde. É com o que nós folgamos.

De V. S.ª
am.º e c.

HERCULANO

---

[1] Joaquim Maria da Silva, de Santarém.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 20 Jan.ro [1874].

Não pude escrever ontem porque a sua carta de terça-feira chegou quando eu já tinha saído e só vim a casa à noite. Hoje recebo a de ontem com a guia e a carta do Francisco.

Quanto ao carpinteiro, pode assoalhar a casa de fora do oratório e que deixe o mais até eu ir. Quando tenha toda a madeira falquejada pode ir arranjando as peças de uma grade francesa que eu quero pôr de modo que trabalhe como deve ser e tirar-se dela o partido que se deve tirar, o que não fazem agora. Também tem de arranjar (talvez primeiro que tudo) a pá dos bois que está em mau estado. Se para isto e para o resto do soalho da casa faltar algum solho, que abra as tábuas de 12 palmos que lá há em toda a grossura, mas que não se engane com as de 16 palmos.

Tem-me escapado responder a uma per-

gunta que há tempos o pedreiro fez a respeito do telhado. O que eu lhe tinha dito é que fizesse de canudo a parte que cobre o oratório desde o espigão até a parede que divide da cozinha. O resto se precisar consertado há-de ser pregado, mas isto não se pode fazer, ao menos ao pé da chaminé, sem que primeiro esta se feche por cima.

Veja o que o Francisco diz a respeito do vinho. Eu quisera que ele me mandasse um pouco do tinto novo para vermos que tal saiu. Por este barco vai um barril de 18 canadas, para o qual pode passar parte do que houver no barril mais pequeno que tiver de vinho novo acima desse que diz que guarda para atestar, e mandar-me este. O resto do que estiver no tal barril acima deste, depois de cheio o que vai agora (se for preciso) deve engarrafá-lo todo em garrafas, botijas &c.ª que tiver (nesta viagem vão rolhas, juntas com ferragens, para isso) e nunca atestar senão com vinho das garrafas ou botijas, gastando o que ficar no fundo destas ou dando-o para casa, ou deitando-o na água-pé, contanto que nunca ateste com vinho que esteja em vazio, ainda que seja de um dia para o outro. É o que sobretudo lhe recomendo, e que ateste todos os 8 dias, sem o que nunca terei a cer-

teza do estado em que o vinho se achará no fim do Verão. O principal tratamento dos vinhos novos está no rigor destes preceitos e nas trasfegas para serem de boa qualidade, embora o aquecimento sirva depois para a conservação.

Lembro ao meu amigo que se a sua bilha de azeite fino está a findar a mande ao Francisco para a encher antes da Quaresma e dos fritos do Entrudo. Digo isto porque percebi que a Mariana desejava passar por cá esses dias, e quero fazer-lhe a vontade. Irei entretanto meter-me na Ajuda outra semana para adiantar um trabalho que trago entre mãos e que só ali posso fazer. É necessário suprir com os frutos da imprensa o fruto que as oliveiras me negaram este ano. Está nisso o segredo e o principal meio da minha independência.

Como não vamos para o Entrudo pede a Mariana que mande, nas vésperas dele, dois quilos de carne de porco para Vale de Lobos e duas dúzias de ovos, ou os que forem necessários para completar duas dúzias se lá houver alguns, e o Francisco que diga à Florinda para se fazerem filhós para todos e que dê para lá nesses dias nozes e algumas passas mais miúdas e queijo e vinho ou água-pé, se ainda hou-

ver, ou uma mistura de vinho e água-pé, de modo que isso chegue a todos.

O papel está a acabar. As nossas recomendações à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 31 Jan.ro [1874].

Escrevo esta para lhe dar tempo de pensar num negócio sobre que terei provàvelmente de lhe escrever ou pelo menos de lhe falar na volta para aí.

Ontem encontrei o Casal Ribeiro, que é o principal director de uma Companhia de Crédito Agrícola formada aqui e em Paris, e que tem por objecto, além de outros, emprestar dinheiro aos lavradores, não sobre prédios, mas sobre géneros, isto é, sobre a futura colheita, como os bancos rurais. Pediu-me que lhe indicasse um homem de probidade e activo que pudesse ser agente da Companhia em Santarém. Respondi-lhe que conhecia dois que não sabia se quereriam aceitar o encargo, mas se qualquer deles quisesse a Companhia ficaria bem servida correspondendo a retribuição ao serviço. Replicou-me que nesta parte não havia dúvida porque a Companhia não queria

que a servissem de graça. Com isto nos afastámos, ficando ele de me procurar um dia para tratarmos do assunto.

Quando respondi que havia duas pessoas lembrei-me de V. S.ª e do Afra. Suposto que não quisesse a coisa para si, podia ser ele o proposto, combinando esse serviço com o do caminho de ferro, se fosse possível, o que creio. Entretanto o que me parece mais razoável seria tomar V. S.ª conta do encargo, no caso de lhe convir, e repartir com ele o serviço e a retribuição como entendesse, encarregando-o da contabilidade, visto ter ele mais hábito de redigir e pôr a limpo mapas, contas correntes, livros &c.ª. Logo que o Casal Ribeiro me apareça saberei o que querem e que retribuição oferecem, porque só assim é possível uma decisão. Entretanto quis comunicar-lhe o negócio para ir pensando nele e deitando as suas linhas, de modo que oportunamente esteja habilitado por este lado para aceitar ou rejeitar quaisquer propostas.

Ao acabar esta recebo a sua de ontem. As tristes notícias que me dá a respeito das oliveiras não me espantam. O Inverno é sem exemplo, comparado com as observações de 30 ou 40 anos. É todavia possível que as chuvas da Primavera dêem remédio aos olivais;

mas nesse caso o que sucederá às sementeiras?

O pedreiro quando acabar o portelo e o telhado pode continuar a regadeira de telhões da rua das pereiras, levando-a com suficiente corrente, mas deixando-a um a dois palmos mais alta do que a terra no fim da regadeira. A areia pode vir da que o rio meteu na folha da ribeira junto à tira do nabal sachado: fica perto, e as coroas dela acham-se por baixo da erva. Esta areia já se sabe é para o fundo da valeta e deve ter um palmo de grossura: para o traçadoiro deve vir do areeiro. De meia regadeira para baixo deve aproveitar todos os pedaços aproveitáveis de telhões quebrados que por lá houver, indo buscar aos quarteirões os que forem precisos por que para lá tem de se mandar fazer mais.

Não sei se ele já rebocou por dentro a casa em que dormem os rapazes. Se não o fez que o faça primeiro.

Estimo as notícias que me dá da Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José. A Mariana tem passado ontem e hoje mal do seu estômago. Não se estranha já.

Seu am.° e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 2 Fever.o de [18]74.

Amanhã vou ficar à Ajuda e aí me demorarei até domingo para adiantar trabalhos que tenho entre mãos.

Na enumeração dos objectos que aí chegaram mencionados na sua carta não encontro uma porção de ferragens e de rolhas que deviam ir em uma ou duas alcofas. O caixeiro do Silva ferrageiro, a quem o fui eu próprio perguntar, disse-me que tinham ido e dirigidas a V. S.ª como eu lhe tinha indicado.

Sempre esperei mais cedo ou mais tarde o ataque da epizootia; mas se a vaca não estava atacada foi erro juntá-la com o bezerro, que lhe comunicará o mal, sem proveito, porque não poderá mamar, e tem de ser sustentado a água de farinha. Para isto deve o Francisco estar prevenido, mandando fazer a mais farinha que puder para a ter disponível logo que a moléstia se vá estendendo, o que é provável.

Logo que uma vaca esteja atacada deve deitar-lhe o leite à vala, e não o aproveitar absolutamente para coisa nenhuma. Entendo que não pode evitar o ter um homem para ajudar a tratar do gado logo que cresça o mal. Nestas coisas não se fazem economias. Lembra-me o Joaquim António, que está costumado com isso. Deve aproveitar as poucas águas que houver em ir adiantando as ervas, porque ao gado que se for restabelecendo deve-se dar o menos seco que for possível.

Pode escrever para aqui, porque ou a Mariana abrirá a carta ou mandá-la-á para a Ajuda.

Casal Ribeiro não me apareceu até hoje, mas se vier fica por excepção habilitado para me procurar na Ajuda ou vir na semana seguinte. Fez excelentemente em não dar ouvidos a ninguém sobre um negócio que está ainda no ar, e que eu lhe quis comunicar para lhe dar tempo a pensar nele.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 11 Fev.ro [1874.

Estive uns dias na Ajuda sempre incomodado da bexiga e da garganta: vim no domingo e ainda cá me achei pior: ontem de manhã achei-me tão quebrado, depois de estar a escarrar quatro horas a fio e com alguma alteração de pulso, que mandei chamar o médico. Veio à noite e depois de me ouvir disse que voltaria hoje da 1 para as 2 para me examinar os escarros, as urinas e o peito. Hoje tenho até agora meio dia passado melhor. Veremos logo o que diz o doutor.

Tenho recebido as suas cartas sentindo que tenha sido excessivo no cuidado das minhas coisas; porque realmente não é brincadeira andar a galgar o caminho de Vale de Lobos duas ou três vezes por semana. Visto que o Francisco já escreve de modo que se lê, bastava e basta que lhe pergunte por escrito aquilo que não puder resolver por si, e que o

informe daquilo de que vir que é necessário informá-lo.

Aqui receberam o vinho e o mais que a Mariana encomendou e agradecemos o cuidado que V. S.ª nisso tem como é costume.

Antes de ir para a Ajuda deixei encomendadas na estância do Condeixa no Cais de Santarém quatro pedras de 6 palmos que não havia, mas que o Condeixa me prometeu ter em poucos dias e remeter pelo barco do Alfaiate. Se aí forem ter, podem estar na praia até haver bois para as ir buscar ou recolherem-se algures se for preciso.

Nesta viagem foi a cestinha em que vieram as cidras, levando os remédios que pediram de Vale de Lobos.

Como é provável que a moléstia corra todas as vacas, e o uso do leite delas, quando não sequem, é nocivo, seria conveniente que o Francisco visse se comprava uma cabra que estivesse a dar leite, porque a Mariana tem achado grande benefício em almoçar sopas de leite, que o estômago lhe abraça bem. A cabra podia ter-se fechada no pátio das galinhas e dar-lhe aí de comer. Quando isto não seja possível, arranjar ao menos que algum cabreiro nos forneça todos os dias pela manhã um quartilho ou pelo menos meio quartilho de leite.

Não sei se este meu estado me obrigará a estar por aqui mais algum tempo, ou se poderei partir para aí na próxima semana como tínhamos tenção. No primeiro caso, que o carpinteiro e o pedreiro, acabado o que ficou riscado, tenham paciência e procurem vida, porque não posso estar daqui a mandar fazer coisas no ar, e o Antunes que se limite a ir fazendo o serviço com os pés de castelo, a quem não devo faltar no Inverno, porque me não faltaram no Verão. Apesar de ter agora chovido alguma coisa, todos dão pouco pelas baceladas deste ano e eu não quero ser mais esperto que os outros. Que se não esqueça, porém, de enxertar de garfos da pereira boa que deu este ano no fim da rua das pereiras, os cavalos que se puseram ao longo da horta, devendo enxertar destas peras, um sim, um não, e no intervalo peras colmares. Será bom que enxerte garfos das sorveiras francesas nos cavalos de marmelo metidos entre as romeiras da rua do fundo do pomar novo que vai direita às duas faias grandes e que nos intervalos meta macieiras anãs.

Quanto aos borregos o melhor parece vendê-los vista a escassez da pastagem e termos ainda os do ano passado. Se não fosse isso, aproveitava-se-lhes a lã, e vender-se-iam de-

pois sem ela pelo mesmo ou maior preço que se hão-de vender agora, e a despesa seria a de um rapazito que andasse com eles até princípios de Maio, para o que daria de sobra a lã, embora aninha, pelo grande preço que deve ter este ano a lã.

Veio o médico examinar-me, e não reputa por ora o negócio grave.

Recomendações de nós todos.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 12 Fev.ro [1874].

Torno hoje a escrever a V. S.ª por causa de um negócio em que me meti por dó de uns pobres velhos, e que é o que há muito tempo me tem dado mais que fazer que outro qualquer negócio.

Peço o favor de mandar um próprio à Póvoa da Isenta procurar um António Faustino, oleiro, e entregar-lhe o incluso bilhete.

Neste momento recebo a sua de ontem e agradeço as notícias de Vale de Lobos. O pedreiro pode assentar os tijolos que faltam no quarto do rapaz e na dispensa substituindo por outros novos alguns que façam cova por estarem comidos, não sendo preciso levantar tudo. Digo isto, porque me receio do amor dessa gente a obras completas. Quanto às paredes do oratório basta, nas velhas, remendar, alisando bem os remendos, os buracos que tiver, e rebocar os frontais e metê-los de cal branca logo que estejam capazes disso. O mesmo digo da casa de fora, porque tanto uma como outra hão-de ser forradas de papel.

Fez o meu amigo excelentemente em dar um bom remoque à Florinda, a quem, aliás, pode dar permissão para ter lá o filho os dias de Entrudo. Nós já há muito desconfiávamos de que ela tinha ideia (depois de se lhe haver dado rumo à filha, rumo que por outra via ela nunca poderia alcançar) tinha a ideia, digo, de nos pôr às costas o filho, tirando-o ao pai. Essa vinda do rapaz para a Póvoa, essas visitas, essas estadas em Vale de Lobos figuram-se continuação do plano. A mulher está enganada. As consequências de o admitir como criado, pondo fora outro qualquer, ou tendo-o só por o ter, são fáceis de conjecturar. O resultado seria nem ela nem ele pararem lá muito tempo. E quando assim não fosse, eu que não tenho filhos não quero, depois de velho, ter de cuidar nos alheios. Ponho-o ao corrente disto para estar prevenido contra algum ataque.

Eu continuo a passar incomodado. É o caruncho a trabalhar.

Queira fazer os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me sempre

Seu am.º obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 12 Fev.ro [1874].

A minha escarradeira acha-se muito diminuída e alguns acessos febris que tive desapareceram inteiramente. Sinto-me mais forte e, se não houver novidade, tenciono sair um pedaço amanhã de manhã, e ir-me preparando para a volta a Vale de Lobos.

Entretanto, como ainda não posso saber quando esta se realizará, e viesse na última remessa de azeite uma porção do José de Sá, mandei ontem entregar a seu concunhado o Sr. Joaquim Nunes a quantia de 180$000 réis, da qual peço o favor de pagar a José de Sá o seu quinhão de azeite que suponho excederá a 60$000 réis.

Naturalmente irão as pedras na primeira viagem que fizer daqui o barco do arrais Joaquim Faustino e é provável vão com elas duas meias portas de pau de janela e dois meios caixilhos de vidraça com aro e uma tábua de peitoril, e bem assim onze metros de cimalha para a casa do oratório. Podem ir com as pe-

dras para Vale de Lobos, o caso é que não as quebrem ou amassem pelo caminho.

Peço o favor de lembrar ao Francisco que aproveite o mais que ser possa da terra da bacelada para batata, pois bem sabe que se gasta muita, e não será mau que guarde mais alguma na aveia torrada se vir que a que lá está se tem conservado bem, e que convirá mudar o caixote do lado da prensa que é mais húmido ou para a bancada dos tonéis ou para o celeiro de dentro, porque é natural que a Primavera vá húmida.

Aqui toda a gente que me fala de oliveiras diz que mostram boa arrebentação. Isto não concorda com as informações do Antunes a respeito de Vale de Lobos. Desejava saber se a má cara das oliveiras continua para mim.

A Mariana anda muito rouca, mas de resto menos mal. Por aqui é morrer gente que é uma delícia. Sobretudo as pneumonias fervem. Lisboa é uma terra excelente.

Desejaremos que a Ex.ma Sr.a D.a Maria José continue sem novidade e que a sua saúde de ferro não torça nem vergue.

De V. S.a
am.o e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 22 Fev.ro [1874].

Acabo de receber a sua estimada carta de ontem, estando a ponto de sair para suprir de algum modo a falta que me fizeram 12 dias em que estive metido em casa, e me fazem ainda as noites, porque não me atrevo a sair por ora depois de jantar. Serei por isso breve. — Parece-me bem o que me diz a respeito da Florinda: bom será que ela dê azo ao sermão. — Quanto à batata, o Francisco bem sabe que é preciso semear muito mais do que 8 alqueires, e ainda assim não chega. Duvido que a terra chegue para suficiente sementeira de batata e para couves. Lá, porém, é que hão-de ver isso, e o que é certo é que se não semearem mais já, já, depois será tarde, e terá de ficar por força para as couves.

Peço também que diga ao Francisco que mande deitar um capote de estrume nos morangos e plantar o canteiro que ficou para eles com os filhos que se tirarem dos velhos. Es-

tes também se devem estrumar e sachar, mas arrancando os rebentões de faia, para não se apoderarem da terra. Ainda poderão assim dar alguma coisa este ano, e para o que vem se arramarão de vez.

O dinheiro para o José de Sá deve andar por 61$200 réis. O Francisco que lho pergunte e dê lá o resto.

Quanto ao queijo grande nada posso dizer porque não sei se há mulher que o faça e que saiba temperar o leite. A não ser isto, é melhor fazer queijo pequeno do que arriscar a perder-se a maior parte como sucedeu no do ano passado.

Sem mais

Am.° e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 1 Março [18]74.

Efectivamente aqui esteve João Urbano, que me achou, não pior da faringe, mas com uma constipação de peito, que ganhei sem sair de casa, e que se agravou no dia do temporal com o mau reparo desta casa. Hoje estou já melhor.

Agradeço as boas notícias que me dá de Vale de Lobos. Dos chouriços novos diz a Mariana que podem vir as amostras e também as laranjas. O que ela recomenda é que venha um dos capões mais antigos, talvez um preto, e que se por lá houver alguns frangos capazes para isso os mandem capar. Ela deseja estas coisas cá até o dia 8 vindo pelo caminho de ferro se não puderem estar aqui nesse dia pelo barco. Se do vinho branco deste ano houver mais do necessário para atestar o barril até o fim de Março em que todo há-de ser passado para garrafas, que o Francisco o mande juntamente com as outras encomendas.

Eu não creio no lucro das sementeiras de trigo, mesmo ribeiro; mas como a perda não pode também ser grande, façamos a vontade ao Francisco, que tem o vício da terra pelo trigo, vício de que só o tempo o há-de curar. Peço o favor de lhe dizer que pode semear a tal terra.

Esquecia-me dizer que, quanto aos chouriços, como não sabemos o que a marrã rendeu não podemos indicar o que hão-de mandar: vejam pouco mais ou menos que seja na proporção do que veio da outra marrã.

O que me parece, a propósito disto, é que o Francisco, visto que a moléstia passou, comprasse uma marrã para ir aproveitando o soro que sobejar da manteiga e do queijo, e que não queiram consumir, não esquecendo prevenir a Florinda de que o Antunes gosta muito dele, mas que conforme seu génio não o pede sem lho oferecerem.

Do negócio da agência do Banco Agrícola, nada sei senão o que me têm por aqui contado, não tendo saído de casa. Mas de certo nada se tem feito, porque os homens andam por ora tratando da principal questão que é formarem um banco central composto de todos os bancos em que esse há-de entrar, e de cujos capitais segundo creio se querem apro-

veitar. Isto, como é natural, acha resistências em interesses opostos. Deixá-los lidar; entraremos com os nossos *dois de oiros* quando for ocasião.

Do seu soldado tratarei quando sair: buscarei quem possa arranjar isso. Infelizmente a Secretaria da Guerra é a única em que não tenho relações hoje.

Estimaremos que a sua saúde e a da Ex.ma Sr.a D.a Maria José continuem sem novidade.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa?[1]] 3 Março [18]74.

Escovei o rapaz por não ter ido por sua casa e avisei-o de que para a outra vez pode sair-lhe do corpo.

Agradeço a comunicação do telegrama. Já sabia o voto do Conselho de Estado por carta do Carlos Bento.

Os meus hóspedes partem hoje para Lisboa, e por isso não podem aproveitar a amigável oferta de V. S.ª.

Como o rapaz vai primeiramente por aí e tem de trazer o dinheiro e o caixotinho que veio de Lisboa irá depois buscar os barris que por ora não são precisos.

---

[1] Pelo contexto, esta carta parece de Vale de Lobos; mas as referências da carta seguinte e a série de missivas em que se integra levam a datá-la da capital. As expressões «para Lisboa» e «de Lisboa» seriam possíveis da Ajuda. É porém mais difícil conciliar com tal hipótese a frase «veio de Lisboa».

Deve trazer 40$000 réis porque é fim de mês.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José.

De V. S.ª
am.º e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Lisboa 4 Março [18]74.

Respondo às suas estimadíssimas missivas de 2 e 3. Eu há dois dias que me sinto evidentemente melhor e ontem já fui dar a minha volta antes de jantar. Nesse intervalo veio aqui procurar-me o Casal Ribeiro, e deixou dito que voltaria outro dia. Viria tratar da agência em Santarém? Não sei; mas parece-me cedo. Os homens andam tão alvoroçados com o tal banco dos bancos, que não creio tratem por ora dessas coisas pequenas. Entretanto eu continuo na minha posição, e se me falar nisso responderei que a pessoa a quem falei ainda me não deu decisão, mas que lhe escreverei a pedir uma resposta definitiva, e que se tiver resolvido aceitar *convindo-lhe as condições,* lhe tornarei a escrever, pedindo-lhe venha a Lisboa tratar directamente com ele, Casal Ribeiro, dessas condições. Parece-me que assim coloco o meu amigo na situação de negociar com vantagem, visto que aceita *para me obsequiar a mim.*

Quanto às questões de cozinha fez V. S.ª bem em tudo, posto que eu logo previ que o atum havia de levantar resistências, porque viam muito. Todas essas resistências acabam num instante em eu me azedando. Mando comer o Francisco com as moças do que na nossa mesa se separa para elas, e ponho tudo o mais a comedias, e quem não lhe servir assim tem o caminho desempedido para se ir embora. Veremos então se na cozinha se acha mau o que vem à nossa mesa.

Quanto ao que querem mandar de carne, como não estamos aí para avaliar o que fica, que façam isso como entenderem.

Se o Francisco vir que pode vir algum boião de manteiga mais frescal, uma vez que a que se vai fazendo e a reserva que ficar chegue para o consumo da casa quando formos (o que provàvelmente será na próxima semana) pode mandá-lo, mas talvez no centro das laranjas, de modo que não se aproxime da carne ou coisa que lhe comunique cheiro.

Eu pouco espero das melancias e melões que há-de dar o bacelo defronte da ferraria. O Francisco que se lembre do [que] deram os que semeou no bacelo o ano passado. Era melhor encovachar para couve, visto ser tarde para batata. Do que o Antunes devia ir tra-

tando nos quartéis da manhã ou quando melhor conviesse era de ir entulhando o rio velho para se fazer o meloal este ano para baixo donde se fez o ano passado, e onde deu bem melão, melancia e abóbora.

O Francisco que mande aquecer uma panela de água até chegar a 60 ou 65 graus (o termómetro está numa das gavetas da minha mesa de escrever metido na caixa) e que mergulhe dentro da água assim aquecida dois ou três dedos da ponta do canudo de cauchu que serve de sifão, e que observe se ele amolece, ou alarga, ou encolhe, ou o que faz. Preciso de sabê-lo antes de ir daqui. Agora me lembra de que ele deve ter por lá um que levei primeiro, e que não serviu por cheirar a gás. Se o achar, far-se-á melhor a experiência com ele mergulhando-o na água assim quente, e vendo o que sucede para me informar.

Desculpe a maçada e tenha a bondade de fazer os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 7 Março [18]74.

Acabo de receber a sua carta de ontem acompanhando a guia dos dois cestos e da gaiola. Hoje mesmo se irá despachar tudo.

Falei a respeito do soldado de Artilharia que quer passar para o 11. Disseram-me que a dificuldade não seria grande, mas que era necessário que ele fizesse um requerimento para isso (dirigido ao Rei) e que viesse de lá informado favoràvelmente pelo comandante do Regimento de Artilharia. Este *favoràvelmente* consiste em dizer que não há nisso inconveniente. Que o homem trate de arranjar isso, e quer eu esteja aqui, quer em Vale de Lobos, mande-mo para eu o encaminhar.

Nós contamos com voltar para cima por toda a próxima semana, do que avisarei na antevéspera. Não prometemos aproveitar o seu favor quanto ao jantar, porque o meu estado, posto que melhor, ainda me não anima a arrostar, parado dentro de uma carruagem,

com o frio que ainda neste mês se costuma levantar de tarde; mas de boa vontade lhe paparemos o almoço, pedindo o favor de prevenir a Florinda para nos ter alguma coisa para jantar.

Falaremos a respeito do negócio da agência. Não me parece que haja necessidade nem conveniência em mudar de sistema, nem, sobretudo, em mostrar impaciência. Os homens do que tratam por ora é de arranjar a sua igrejinha e sem a terem arranjado de certo não realizam a criação das agências. Entretanto é provável que se V. S.ª vier a Lisboa nos fins do mês já possa trazer uma carta de apresentação minha para tratar directamente com Casal Ribeiro.

Estimarei que V. S.ª e a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José continuem de saúde. A Mariana tem passado agora sofrìvelmente.

Am.° e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] Março 12 [18]74.

Resolvemos partir daqui depois de amanhã, sábado, no comboio da manhã. Peço o favor de prevenir o homem do caleche para nos ir buscar a sua casa, ou, se estiver de chuva, nos esperar na estação.

Acabo de receber a sua de ontem. Como vamos, lá falaremos. Tenho de escrever ainda três cartas, e de sair impreterìvelmente, e são quase 11 horas.

As nossas recomendações para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 20 Março [1874?].

Remeti a carta que sabe.

O meu amigo Dulac, se me não engana a memória, disse-me que tinha tenção de escrever a V. S.a não me recordo a propósito do que.

É possível que a carta dele não o encontre em Santarém. Se não lhe desse grande incómodo, quereria procurá-lo na Secretaria da Justiça das 11 às 4 quando passasse pelo Terreiro do Paço?

Boa viagem: tenha saúde e divirta-se, que é o que lhe desejo.

Seu am.o obrig.mo

A. Herculano

[*Sobrescrito:* «Il.mo Sr. / José Cândido dos Santos / Rua do Caldeira a S. Catarina / 3 — 1.º / Lisboa»].

Il.mo Am.º e Sr.

Vale de Lobos 22 Março [1874?].

Para não deixar de o importunar mesmo em Lisboa, vou pedir-lhe uma pequena encomenda, indispensável para a minha experiência do aquecimento do vinho, e de que me esqueci quando daí vim. É uma dúzia de rolhas para batoques de barris, que antes percam por maiores do que por mais pequenas. O que desejo é que sejam de cortiça bem fina e tapada. Talvez as tenham boas os Fernandes, a S. Julião, ou o Tiago, da esquina da Rua do Amparo para o Rossio. Um e outro são meus fregueses.

A Mariana pede também um arrátel de amêndoas finas misturadas, mas que não sejam das francesas.

Tenha saúde e até à volta.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 25 Março [18]74.

Ontem, duas horas depois de eu receber a sua carta, partia o moço para Santarém com uma para Casal Ribeiro destinada a romper definitivamente com ele. Era o que me cumpria fazer. Deixei minuta dela para o que der e vier.

Sinto que o meu desejo de conservar a V. S.ª num terreno vantajoso para que não se julgasse que ia aí buscar o pão e explorassem o seu trabalho, desse, não motivo, mas pretexto e pretexto fútil a uma porcaria.

É mais uma lição que recebo[1].

De V. S.ª
am.o e c.

Herculano

---

[1] Vid. a carta seguinte.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 27 Março [1874].

A carta que escrevi a Casal Ribeiro supus que tivesse certas consequências por ele ser assomado. Em vez disso veio uma longa carta de desculpas e explicações que não desculpam nem explicam nada. Tanto pode a consciência de uma acção má! Quando aqui vier verá uma e outra carta.

Peço o favor de dizer ao rapaz se há-de esperar pelas encomendas. Fica à sua disposição. Por ele podem vir 20$000 réis, de que desejaria a quarta parte em trocos ou em cobre.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

De V. S.a
am.o obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 20 Março [1874?].

Cumpre-me agradecer a sua amigável lembrança pelo dia dos meus anos, ainda que seja um pouco triste este dia para quem tem de escrever com o algarismo 6 as dezenas desses anos.

Os amigos que fizeram o favor de vir aqui ver-me ontem *provaram* bem pela atenção que lhe prestaram a excelência do seu mimo.

Peço queira fazer os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

Sou como sempre

De V. S.a
am.o obrig.mo

A. Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 11 Abril [1873?].

Agradeço as notícias que me dá sobre as encomendas para Lisboa. A este respeito escreverei a V. S.ª pelo Pedro. Quanto ao Dulac, hoje escrevo, e pelo que toca ao homem dos vidros, não tenho ânimo de lhe recusar a oferta, visto ser uma demonstração de benevolência, posto que eu já tivesse combinado com o latoeiro, que também sabe disso, avisá-lo para os vir pôr. Se o homem vier, ainda que haja cá óleo e cré para se fazer a massa, talvez ele prefira trazê-la por ser melhor.

Os nossos cumprimentos à Ex.^ma Sr.ª D.ª Maria José.

Seu am.^o obrig.^mo

A. Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] Maio 1 [18]71.

Agradecemos a notícia vinda dos viajantes, porque meu cunhado não escreveu, salvo se a carta veio mais tarde ou apenas vem hoje.

O Pedro vai levar uma bilha de azeite para o Porto por ordem dos Martins, a quem há-de ir sobrescrita a guia. Digo isto porque já na estação tiveram uma vez dúvida sobre isso, e no caso de se repetir, o Pedro deve procurar a V. S.ª para ter a bondade de a desfazer.

Também leva uma guia para me trazer um manuscrito que me mandam de Lisboa, e cartas para o correio. Tudo vai num saco para V. S.ª o guiar, não faça ele alguma trapalhada.

Podem vir 40$000 réis.

Os nossos cumprimentos para a Ex.^ma Sr.ª D.ª Maria José que esperamos esteja restabelecida e V. S.ª creia-me

Seu am.^o obrig.^mo

A. Herculano

P. S.

Vão as sacas.

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos, 13 Abril [1874].

Não foi possível mandar ontem porque as coisas não estavam arranjadas e nem sequer tinha ficado a chave do lagar e como sabe o Francisco estava em Santarém.

Resolvi portanto mandar hoje na carroça, até porque a burra não poderia levar tudo, e de caminho poderá vir a loiça com menos risco. Se o barco ainda estiver, leva as encomendas; se não, faz favor de mandar meter em qualquer parte o barril ou barris (ainda não sei se irão 1 ou 2) para o óleo de carvão de pedra, que pode esperar até outra viagem, e remeter por pequena velocidade o barril de vinho a meu cunhado Galhardo, e o cesto e a condessa a meu cunhado Meira.

Vão os sobrescritos com as estampilhas dentro, para se não inutilizarem, se ainda estiver o barco.

Am.^o e c.

Herculano

Il.^re Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 8 Abril [1874?].

A Mariana passou hoje mal com o seu ataque de estômago que ainda dura, pelo que escrevo só duas linhas.

Aqui chegaram as encomendas em bom estado e bem como os paios. O homem que trouxe as encomendas e a condessa que a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José fez favor de mandar à Mariana quis levar a manta e fui eu próprio que lha entreguei.

O rapaz levará amanhã a égua conforme a sua recomendação. Vai hoje por ser necessário chumbo e umas latas; mas irá primeiro aí levar uma amostra do vinho aquecido.

Peço o favor de trazer 30$000 réis, vindo, se for possível, alguns trocos ou cobre. Sendo cobre poderia trazê-lo o rapaz hoje ou amanhã.

Os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

De V. S.a
am.o obrig.mo e c.

A. Herculano

P. S.

Escrevi ontem à noite esta carta, na força do ataque da Mariana. Com a atrapalhação deixei de a dar ao rapaz. Mando-a por isso esta tarde.

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 2 Maio [18]74.

Pelo Pedro recebi os 40$000 réis e as encomendas. Agradeço, além disso, a remessa do que foi.

Quanto à manteiga, vai o quilo de outra, porque a que veio pode servir para a cozinha visto ter andado na folha ao sol. O engano foi do Francisco, que a pesou sem advertir que não pesara anteriormente a lata, a qual pesa exactamente as 250 gramas da diferença, como agora verificou. Foi excelente a lembrança de a pesar aí.

Pedimos eu e a Mariana muitas recomendações para a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José e eu sou como sempre

De V. S.^a
am.^o e c. obrig.^mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 4.a f.a 20 — [18]74.

Aqui chegámos da nossa digressão sem acidente e com a mesma satisfação com que tínhamos passado o dia.

Vai a égua conforme a sua recomendação.

Como tenho esta semana, além do mais, serradores e mineiro na mina fácil de abrir, podem vir 30$000 réis.

Muitas recomendações de todos desta casa à Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

De V. S.a
am.o obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos, Maio 25 — [18]74.

Ontem recebi uma guia de três caixotes ou volumes com uma trapalhada que me remete um amigo para os arranjos do oratório da Mariana. Recomenda cautela no carregar e descarregar, sobretudo de um deles para que não o voltem e essa mesma recomendação vem na guia para o caminho de ferro, a qual creio que pouco aproveitaria. Peço o favor de assistir à descarga e ao carregamento para evitar alguma brutalidade, com que escangalhem mais essas trapalhadas.

Aproveito a ocasião para mandar uns morangos, porque os apanhados de véspera não estão lá muito bons no dia seguinte.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

P. S. — A Mariana pede para lhe comprar e remeter meio quilo de café bom, e de lhe comprar também quando for a Marvila uma pena de lápis que sirva nessa caneta.

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 12 Junho à noite [1874?].

Não tive ânimo ontem para escrever porque tinha passado a noite em claro, e parte da antecedente com um dos ataques da Mariana que ainda V. S.ª presenceou no princípio e que se prolongou por quase três dias sobrevindo febre, coisa que nunca tinha sucedido, o que me obrigou a escrever ao Pedroso às 3 horas da noite para vir aqui logo de manhã. Felizmente a coisa acalmou, e a doente voltou ao seu estado ordinário, mas o Pedroso hoje ainda recomendou resguardo para dois ou três dias.

Quanto à madeira, o melhor é o que V. S.ª diz: regular a compra conforme o preço. A última obra de Vale de Lobos, se eu viver e tivermos safra este ano, será a adega de abobadilha com celeiro por cima, porque o actual não presta. Aí o madeiramento há-de ser de castanho, e não é impossível que a obra se faça para o ano se o orçamento o consentir.

Nesta hipótese não tem inconveniente ficar-me desde já uma porção de varas para isso uma vez que me fiquem baratas. O que preciso é que com elas venham 8 ou pelo menos 6 com 32 ou 34 palmos folgados e grossura correspondente e direitas o mais possível, que são para o lagar. A respeito de fundos de balseiros o que falta é os pedaços mais curtos dos lados, mas se vierem dos do meio, ficarão para outro balseiro de mais dois que tenho a fazer de futuro. Também nisto a questão é o preço.

Eu e a convalescente pedimos recomendações para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José. Dinheiro não é por ora preciso. Irá no domingo a égua.

De V. S.a
am.° e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Dom.o à noite 21—6.o [1874].

A Mariana tinha tenção de escrever à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José, mas passou hoje mal do seu estômago, e pede-me para eu a substituir.

É o caso que o Jacinto vem na terça-feira ajudar os rapazes a fazerem a fogueira. A coisa promete ser sofrìvelmente sensaborona, mas em todo o caso ela oferece virem cá passar o dia. A resposta é necessária para irem pela manhã as cavalgaduras.

Eu esta semana precisarei de 20$000 réis.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 23 — Junho [1871].

Escrevo esta à uma hora da noite. A Mariana passou um dia atormentado, e até estas horas não tem remetido o incómodo. Sabem quanto estimo vê-los aqui mas dói-me a consciência de virem buscar umas horas de distracção, e em lugar disso acharem-se com um leito de sofrimento. O meu dever é prevenil-os. É possível que esteja melhor, mas também que esteja na mesma. A resolução pertence-lhes. Darão ao moço as ordens que entenderem.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 2 Julho [1874?].

Recebi ontem assaz tarde a sua carta para poder providenciar. O carro estava com um casco em cima a encher-se de azeite para partir de madrugada para a estação, e a carreta desmanchada para lhe substituir uma das mesas, que andava quebrada. Não tive, por isso, mais remédio senão deixar para hoje a vinda do carvão no retorno do carro.

Aqui recebi os 40$000 réis.

Vai, além do casco, uma bilha para o Porto. Esta, há-de ser pago o transporte no Porto. Quanto ao casco o transporte é por minha conta. A guia do que vai para o Porto há-de ir junta com a do casco que vai para o Poço do Bispo, no sobrescrito para os Martins que remeto. Peço que vigie lá isso, não faça o Pedro alguma tolice, visto que tem também de o guiar para carregar o carvão, cuja compra

agradeço porque é uma verba importante, graças ao desmazelo dos criados.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José.

Am.º e c.

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

Vai o rapaz em conformidade da sua carta e aproveito a ocasião para o mandar ao açougue e ao correio e poupar a ida de amanhã.

Minha mulher escreve-me dizendo-me que vem no comboio que parte de Lisboa às 4 da tarde, no domingo, e que escrevia ao Sr. Santos para ter a bondade de mandar avisar o homem do *char-à-bancs* para a conduzir da Ribeira aqui. Nada acrescento visto que ela escreveu directamente.

Como por aí escasseiam as peras carvalhais mando mais um centinho, visto abundarem ainda por cá. Desculpe.

Disponha de quem é de

De V. S.ª
am.° e c.

[Vale de Lobos] Sábado 4 Julho [1874].

Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] Julho 30 [1874?].

Estimarei que as suas previsões a respeito do incómodo da Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José se realizassem e que ela se ache completamente restabelecida.

Como esta semana tem vindo algumas carradas de cal e é fim de mês peço o favor de trazer 50$000 réis.

A Mariana pede que no caso de aparecerem alguns ovos os queira comprar, e eu lembro o junco.

Até à vista.

De V. S.^a
am.^o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 3.a f.a 17.bro [1874].

Aqui veio no domingo de tarde o fugitivo apresentar-se a dar a ovelha: levou a devida correcção e lá anda outra vez a governar a gente, ficando o Francisco com a polícia central.

Querendo fazer-me o favor de escrever ao arrais pode mandar vir meia arroba ou oito quilos de cairo: quero no 1.º enseiradoiro da prensa já arranjado com o meu maquinismo experimentar duas espécies de seiras, umas de cairo só, outras de esparto e cairo. Para isso preciso de falar de novo com o esparteiro logo que o cairo chegue. Vamos a ver se obtenho o mesmo resultado gastando menos algum dinheiro.

Os tanoeiros cá estão. Eu não entendo daquilo; mas são, ao que parece, desembaraçados. Bebem bem. Vamos a ver no fim o custo das peças para depois durante os banhos comparar com os preços de Lisboa.

Êsta semana será bom virem 50$000 réis porque com féria de mês, tanoeiros, e gradaria de ferro, de que espero fiquem feitos 4 vãos, serão absorvidos, e se vier cal e lajedo talvez tenha de fazer novo saque.

O moço vai para trazer quinino. Devia deixá-lo andar com as sezões, visto que se lhe renovaram por culpa dele e por um cálculo tolo que a preguiça lhe ensinou. Deixava-o, se o serviço da casa não padecesse com isso.

A Mariana agradece o pão que era excelente, e que logo se regalou de comer com manteiga frescal.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me sempre

Seu am.° obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.º e Sr.

[Lisboa] 20 — 7.bro [1871].

Esta serve de suplemento à que ontem escrevi a V. S.ª.

Acaba de se receber a carta da Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José para a Mariana onde vinha inclusa a de seu primo, e sobre a qual é necessário responder de pronto. Eis o que diz a Mariana: se a criada tem família com quem queira e possa estar até nós irmos para cima, vencendo ordenado desde que sair da casa onde está, pode fazer-se esse ajuste. Se não quiser, pode vir imediatamente para Vale de Lobos onde V. S.ª terá a bondade de a instalar, e logo que V. S.ª lá for e souber que a Piedade chegou da praia, lhe queira pedir da parte da Mariana que a vá desemburrando em engomar e coser quando e no que a Marradinha não souber ensiná-la. Em vez de estarem com as mãos debaixo podem entreter-se nisso.

Está V. S.ª certo de quando foi daqui um

tacho de arame e um barril, na volta da viagem em que o barco trouxe um saco de batatas, os barqueiros entregaram o barril e este foi com o tacho para Vale de Lobos? Eu e o Francisco estávamos em dúvida, mas não quis perguntar por isso, sem saber com certeza se o tinham mandado daqui. Se os homens do barco deixaram de o entregar será bom reclamá-lo antes que passasse mais tempo.

Nesta viagem deve ir uma quartola de 15 almudes que o Francisco verá se serve para vinagreira. É o que por ora se pôde descobrir em 2.ª mão. Nem sequer a vi. O procurador assevera que é boa. Vão os 2 sacos de trigo do Monsanto. Naturalmente irão 2 quilos de soda para a lavagem das talhas e um dos caixotes e cestos que vieram com fruta. Um dos caixotes fica para irem garrafas para o vinho de 72. Rolhas e pregos não sei se poderão ir; porque os do barco dizem que partirão amanhã à tarde ou na quinta de manhã.

A Mariana vai melhor, mas lentamente: a dor pequena, mas constante na cabeça não dá indícios de cessar por ora.

Se o Francisco visse que a cabeceira da belga de terra onde se há-de semear trigo à direita da rua das parreiras, que ficou em restolho do nabo, está capaz de se alqueivar,

deve mandar fazê-lo quanto antes para a terra ter tempo de arejar.

Apesar da doença a Mariana lembrou-se de se dizer ao Francisco que no caso de mandar fruta veja se alguma das melancias do pé que nasceu no nabal é capaz de se aproveitar e que a mande com os melões. Isto é requerimento da Maria José criada. Faça-se-lhe a vontade.

Vivas recomendações da Mariana à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José, a quem não escreve por lhe ser isso absolutamente impossível.

V. S.ª creia-me

Seu am.º obrig.mo

A. Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

Agradeço os seus repetidos favores. Quanto ao vinho, não pode hoje o rapaz fazê-lo porque há-de ir ao Caminho de Ferro buscar umas trapalhadas para o lagar de azeite, que antes de moer a azeitona me tem moído a bolsa e a paciência.

Não é necessária criação e por isso não aproveito o favor de a comprar. Agora que falta cá a dona da casa tenho que olhar para essas miudezas. Mesmo barata sairia cara, porque não há já limpaduras e falta a hortaliça. É necessário comprar sêmeas e nem num mês, ainda que eu não estivesse, como estou, só se gastariam os frângãos que há. Para mim, um basta-me para dois dias. Se continuasse a estar só chegava-me o provimento quase para 2 meses.

Peço os meus cumprimentos para a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José e V. S.^a creia-me

Seu am.^o obrig.^mo

[Vale de Lobos] 5.^a f.^a 1 S.^bro [1874].

A. Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Lisboa 7 Out. 1874].

Estou com pressa e por isso responderei brevemente ao seu favor de 6, na parte que é urgente.

Não creio, à vista das oliveiras daqui, onde tudo amadurece mais cedo, que a azeitona esteja já capaz em Vale de Lobos, e de certo ninguém começa ainda a colheita. Mas que estivesse, não se pode começar sem prevenir tudo, aliás teríamos de ir entulhando azeitona que ficaria inutilizada para azeite fino. Demais, creio que uma ou duas seiras da vara estão más, não temos lá as da prensa, não está prevenido o lagareiro, nem temos ao menos duas talhas lavadas para se ir deitando o azeite e mandando-o para o armazém. Vão agora pelo barco as seiras, folha para talhas novas, e a fava para os bois do lagar. É preciso que lá esteja isto tudo, e eu hei-de levar comigo o carbonato de soda e pedra-ume

para a lavagem das talhas, e é presiso que o Antunes previna o Francisco lagareiro para estar pronto logo que precisemos dele. O que quero é que a azeitona esteja apanhada sem se moer e espremer: tomara eu poder fazê-la cair das árvores dentro da vara.

Estou com esperança de obter algumas talhas baratas de um mal-governado e isso reter-me-ia por mais algum dia quando me não retivesse a interrupção de quatro dias de banho pelo incómodo da Mariana, porque me não resolvi a pagar um trem para mim só, e o médico insiste em que tome mais do que os 21 que tenho. Farei diligência para ir daqui quanto antes, mas quase que é inútil ir sem lá chegar o barco. Provàvelmente só irei no sábado ou no domingo, e parece-me que chegarei muito a horas. O Antunes pode por isso prevenir o rancho para a outra segunda-feira, (17), uma vez que o barco chegue durante a semana, e que o lagareiro não tenha algum impedimento para começar nesse dia porque enquanto ele limpa e põe em ordem o lagar na segunda e na terça ajunta-se a azeitona para começar o fabrico e continuar sem interrupção. Se o carpinteiro não acabou as escadas, o Antunes deve obrigá-lo a ir acabá-las esta semana, e que de caminho faça

uma tampa de solho com duas travessas para a pia que fornece água à caldeira do lagar.

Pelo meado da próxima semana avisarei quando posso ir. O gosto que tenho de por aqui estar não é muito.

Saudades de todos.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Lisboa 9 S.bro [1]873.

Agradeço a pontualidade das informações da sua carta de 6 do corrente bem como das anteriores e com que não há negócio de Vale de Lobos de que não fique fazendo adequada ideia.

O ferro devia partir ontem ou partir hoje para aí. Recomendei que na guia se especificassem as peças. Não sei se o farão. Devem ser 2 barras, 6 varões (2 mais grossos e 4 mais delgados) e 2 fangas de carvão em 4 sacas. Do que não tratei foi das buchas fundidas porque a nota não me satisfez e não quero arriscar inùtilmente dinheiro. Diz a nota que devem ter de comprido 35 centímetros e que o molde há-de havê-lo na fábrica. Ora o comprimento das buchas depende da grossura da massa das rodas. As rodas para que elas hão-de servir são umas que vieram do Gavião, e que estão guardadas na casa junto ao lagar do azeite. Não creio que o Jacinto tivesse lá

a medida da grossura das ditas massas. Por outra parte supunhamos que não aparece o molde? Estamos obrigados à grossura dos eixos que lá temos: podem-se engrossar ou adelgaçar, é verdade; mas dentro de certos limites. Há-de-se fazer o olho ou óculo da bucha ao acaso? Era por isso que eu mandava pedir os diâmetros do olhal da bucha pela parte de dentro e pela de fora em centímetros e milímetros, porque com essas medidas pode-se fazer o molde, se for preciso, e o outro não aparecer. Enquanto não tiver essas medidas não faço a encomenda, porque são peças caras. As buchas são a última coisa que se mete nas rodas, e elas podem ser acabadas e ferradas sem que as buchas façam falta, e o Jacinto pode tirar medidas exactas quando as ferrar.

Do que primeiro se deve tratar é do conserto da carreta antiga: é negócio de um ou dois dias, e logo arranjarem-se-lhe os respectivos taipais. Qualquer serviço que durante o conserto for preciso, pode fazer-se com o carro. Depois é ferrar as rodas do Gavião, e completar a ferragem do eixo que há-de servir para elas e do respectivo leito que há-de ser o que está guardado no lagar do azeite. Entretanto o carpinteiro pode ir aparelhando as peças que hão-de servir para o leito das

rodas grandes. Deste modo é possível ter na entrada de Novembro 3 carretas boas (além do carro e da carreta pequena) ficando assim arranjados para muito tempo. A pina nova que tem de se meter na roda da carreta antiga deve ser de freixo para não puxar pelas pinas velhas de sobro ou azinho, escolhendo-se bem revessa para não rachar.

Sei que no domingo o Dulac vai vender na feira uma cangalhada de vacas turinas e vitelos, porque, segundo percebi, não tem que lhes dar a comer. As vacas são duas, uma maior, outra mais pequena; a maior é mais branca do que preta: na mais pequena predomina muito o preto. São duas vacas excelentes, mas a maior não tem menos de nove a dez anos, e por isso pouco mais valerá do que uma vaca da terra. Com a mais pequena desejaria eu ficar, tivesse ou não tivesse vitelo, ou comprando-se directamente a ele, se as vendesse à parte, ou a quem lhe comprasse a cangalhada toda, dando algum lucro ao comprador. A questão era meter-se nisto alguma terceira pessoa, de modo que o Dulac não soubesse que era para mim. Se a vaca velha não passasse de 30$000 réis até 6 moedas ½ podia-se comprar, porque ainda faria 2 ou 3 barrigas, e engordar-se-ia depois uma das nossas

que custam a aluar, a qual daria bem esse dinheiro para o talho. A pequena não desejaria que a deixassem ir ainda que suba a 9 moedas e ainda alguns pós mais.

O procurador descobriu-me um casco que diz estar em bom estado, mas serviu a aguardente de prova (de vinho). Se o Francisco vê que se pode mudar para ele a água-pé de algum casco dos que estão com ela, e aproveitar-se esse para vinho, comprá-lo-ei se o preço convier. Lembra-se de quanto custou cada um dos que foram do José Maria Henriques? Este leva, diz o procurador, 34 almudes.

O Francisco deve ajustar com o Pedro Marradinha ir com outro limpador começar a limpeza logo atrás do rancho, devendo por isso começar a apanha, ou pela terra do Crispim, ou pela baixa da terra da Preta, ou na terra da Quinta onde parou a limpeza, seguindo para uma chã que vai à estrada velha da Azóia, isto para termos rama o mais breve possível.

Como é provável que a bolota não esteja capaz de se apanhar toda a fio, podiam as mulheres ir ajuntando o ciscalho de pedra que empreiteiros da estrada vão deixando nas pedreiras. Aquela pedra miúda depois de lavada é a que faz melhor betão.

Deve ter recebido um caixotinho contendo planta de chicória de salada. O Francisco que não deixe perdê-la; porque podemos ter excelente salada pelo Natal, e vir para a Quaresma a da semente que levou o José de Sá a quem a deve pedir se ele se esquecer, para fazer quanto antes um criadeiro.

Amanhã mando entregar 100$000 réis ao Sr. Nunes à ordem de V. S.ª.

Nós desejamos que a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José vá passando com alívios dos seus frequentes incómodos. A Mariana vai melhor, mas devagar e duvido muito de que possa tomar banhos este ano. Eu e a Rita pararemos naturalmente aos 21 ou 22 porque vão estando muito ásperos.

De V. S.ª
am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Lisboa] 14 Outubro [1872].

Não pude responder à sua carta de domingo porque quando chegou já eu tinha saído e quando voltei tinha passado a hora do correio. Ontem também não pude fazê-lo. Torno a agradecer o cuidado que tem tido nas minhas coisas, que não teriam corrido melhor se eu lá estivesse. O pior é o incómodo que isso lhe dá. Ainda que V. S.^a teima que não é assim, bem sei o que devo pensar.

É possível que eu volte a Vale de Lobos dentro de alguns dias. O médico assentou em que a Mariana podia experimentar os banhos do mar. Se o tempo o permitir vai começá-los, e nesse caso, eu que já parei nos 21, escuso de me demorar por aqui mais de 8 ou 10 dias, vindo depois buscá-la, porque os seus arranjos hão-de retê-la algum tempo, e até que esteja mais forte para resistir ao frio de Vale de Lobos.

Hoje espero seja entregue no caminho de ferro uma saca em que vão 7 panos de azeitona novos, 3 sacos novos e o alfirme, que me parece excessivamente grosso, mas que é conforme com a bitola que de lá veio.

Dei com uma porção de cascos em 2.ª mão; uns de 40 almudes excelentes, de carvalho do Norte, e bons para tiradas de vinho pela sua solidez, outros de 39 em pior estado. Estes a 9$000 réis, os outros a 12$000. Já ofereço 5 libras por dois dos melhores ou 20$000 réis por um dos melhores e um dos piores, que aliás são de bordo, e em melhor estado que os de José Maria Henriques. O homem está *pegado*. Veremos se desamarra. Se comprar, fecho-me aqui a respeito de cascos, que precisam de muito espaço, para pouco vinho, e vou tratar exclusivamente de tonéis.

A desculpa do Antunes de não ter ajustado as covas não colhe. Se ele ajustasse para as abrirem precisamente antes da chuva podiam querer mais, mas de se ajustar antes de chover não se segue que não saibam que tempo lhes leva a abrir depois do chão estar repassado.

Se para lá choveu esta noite como aqui, deve o rancho ter levantado do alqueive, e nesse caso deveriam ir para algum dos pousios onde

há a limpar. Apesar do que diz o Francisco sobre milho verde e erva, é natural que as ovelhas estejam a parir, não há cutonos, e é preciso acudir-lhes com rama sob pena de ficar a criação enfezada, porque não sei que haja lá em que porem o dente, salvo se for na terra junto ao meloal, mas isso poucos dias durará.

A Mariana deseja saber se há já alguma notícia de Abrantes a respeito da criada. No caso de não haver, seria bom falar com o Jacinto que nos disse antes de virmos que sabia de uma boa, que talvez se arranjasse. Se não estivesse já assoldada, talvez pudéssemos resolver por aí a dificuldade, ao menos por enquanto.

Como já aí deve estar o barril de almude e meio que foi daqui com o caixote, quando o Francisco tiver alguma ocasião que veja se o torna a encher com vinho de 1873 (engarrafando o resto em botijas). Aqui o vinho é todo composto e aguardentado de modo que se não pode sofrer, e não quero tomá-lo, nem que a Mariana o tome. Assim virá outro barril antes que se acabe o que veio. Juntamente deve vir um casal de patos, mas recomenda a dona da casa que não seja de uns muito grandes e bonitos que lhe deu a Piedade. Quer

também 3 ou 4 abóboras gilas, podendo ser duas das velhas e duas das deste ano que devem estar feitas. Tenha paciência de dizer isto ao Francisco.

O Rosendo[1] disse aqui à criada Maria José que o Jacinto das Vacas tinha tenção de se ir embora logo que o pai fosse solto, porque estava ganhando como rapaz e trabalhando

---

[1] O futuro e distinto arquitecto Rosendo Carvalheira.

Em carta de 25-2-1910, escrevia José Basto ao Duque de Palmela: «Em 1869 ou 70, pouco mais ou menos, veio para casa do Meira, que, então, morava no alto da Pampulha defronte da igreja de S. Vicente de Paula, um rapazinho de oito ou nove anos, a título — se não estou em erro — de fazer alguns recados, etc. Ouvi dizer que era filho de uma pobre viúva que morava na Ajuda, e não sei mesmo se foi inculcado pelo nosso saudoso amigo Alexandre Herculano. Era o Rosendo em questão. O Meira, à noite, e nas horas vagas, foi-o desemburrando, ensinando-lhe, segundo creio, a ler, escrever e contar, algum francês, etc. Viveu, portanto, sempre em sua casa. É claro, que quando ele e D.ª Rita iam passar algum tempo a Vale de Lobos, levavam, também, o rapaz, mas só então lá se encontrava. Falecendo o Meira um mês depois de seu cunhado A. H. ficou D.ª Rita e Rosendo vivendo em casa de D.ª Mariana, irmã daquele e viúva de Herculano. Continuou os estudos, empregou-se, casou, etc., continuando sempre a viver na casa e companhia de D.ª Mariana até à sua morte na idade de 84 anos, se bem me recordo».

como homem. Podem ser contos de rapazes; mas bom é estar prevenido. Com todos os seus defeitos, custa-me mandá-lo embora, porque a bem dizer foi criado em Vale de Lobos, e até certo ponto não é fácil substituí-lo. Se o Francisco assim o entender aumente-lhe o ordenado, senão é necessário ir lançando vistas para quem o há-de substituir.

Desculpe V. S.ª tanta maçada. Pedimos ambos os nossos cumprimentos para a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José que desejamos não estranhe a entrada do Inverno e V. S.ª creia-me

Seu am.º obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa, Ajuda] 15—S.bro [1874].

Ontem à noite recebi a sua carta voltando de Lisboa, aonde tenho tido de ir para fazer os meus futuros arranjos com a casa Bertrand, cujas condições mudaram com a morte do último dos velhos Bertrands[1]. Os meus livros, de que ainda sou dono, porque nunca vendi a propriedade de nenhum deles, são uma quinta que leva vantagem à de Vale de Lobos em render sem se gastar nada com ela. Por isso tenho de deixar bem assentes as regras por onde nos havemos de governar nas futuras transacções entre mim e a casa. Isto não era preciso com os velhos; mas não sei como sairão os rapazes. O mundo anda tão torto que é necessário acautelar.

De passagem passei pela Secretaria das Obras Públicas. Ainda que não tenha grande intimidade com o Carlos Ribeiro, conheço-o bastante para lhe falar no negócio do Sr. Afra. Não o achei lá, mas o que é mais, não esta-

[1] Sobre os Bertrands vid. *passim* num destes vols. de *Cartas*

vam lá senão alguns empregados subalternos, e contudo era mais de meio-dia! O serviço público anda assim entre nós.

Quanto aos boiões, enquanto não vamos, no bilhete incluso, que faço para que V. S.ª não esteja a copiar e a fazer-se de duas vezes o que se pode fazer de uma, digo ao Francisco que mande para aí um dos maiores cheio, que V. S.ª terá a bondade de mandar despejar noutro vazio (cobrindo a manteiga de salmoura) devolvendo-lhe o boião. V. S.ª não há-de entender muito bem o que eu lhe ordeno no bilhete a respeito da próxima remessa de azeite, mas a explicação fica para de viva voz.

Disse ao Martins que a guia do casco despejado que vai para cima a remetesse em sobrescrito a Francisco Filipe em Vale de Lobos, porque me lembrei de que V. S.ª podia não estar aí e o homem tem pressa do azeite. Mas como vai na quinta-feira a Vale de Lobos peço que saiba antes se está alguma carta no correio para o Francisco que o moço não tenha levado.

A semente de nabo que tinha mandado ir estou persuadido que a dei ao Francisco e era para semear um grande nabal. Explico a coisa por saber que o Antunes semeia o nabo exces-

sivamente basto. Por aqui os nabais das terras quando nascem parece que não têm nada. Entretanto irá a semente para semear algum em terra alta porque é tarde para o semear em ribeira. Irão os boiões e a tinta. Quanto à areia já se devia ter mandado buscar à Portela e traçado mais cal para aproveitar o Estio em crescer as paredes do tanque: as feitas no Inverno são as mais sólidas. Se vem chuva cobrem-se por cima com telhas ou tábuas. A bolota sobeja de um porco, que deve engordar com menos de um móio se for de boa raça, mas antes sobeje que falte.

Quanto à nossa ida, eu quisera ir hoje porque ontem acabaram os banhos, mas não querem largar a Ajuda senão na sexta-feira para não perder o espectáculo do beija-mão na quinta-feira; depois há as compras, arranjos, visitas, &c.ª em Lisboa e eu não tenho remédio senão resignar-me. São ossos do ofício. Entretanto espero que alcançarei pôr-me ao fresco na seguinte semana.

No bilhete ao Francisco faço de conta que não sei que o José de Sá voltou. Deixe ir assim.

Para o fim que verá no bilhete, peço o favor de ir à banca do escritório e voltando as costas para a estante abrir a gaveta *da direita*

e tirar o meu sinete de marfim que há-de lá estar, e dá-lo ao Francisco.

Se eu adivinhasse tinha mandado os panos pelo caminho de ferro. Pelo silêncio da sua carta vejo que o barco ainda não chegou e há talvez sete dias que o arrais mandou buscar os panos. Não há tempo para os marcar e peço que recomende ao Antunes que tenha o olho neles logo que entrarem em serviço.

A Mariana não se lembrou dos tachos e eu tenho tantas coisas mais sérias em que pensar que não me lembrei de tachos. Queira comprar os que lá pedirem se ainda os houver. São questões de que não entendo nada.

As ovelhas pena foi que não morressem ambas. O Alexandre é capaz de mandar meter o gado até na cama dos vizinhos. Só assim se cura aquele mal.

Estimamos do coração as melhoras da Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e V. S.ª creia-me

Seu am.º obrig.mo

A. Herculano

P. S.

Lembro que se pudesse levar consigo um sinete qualquer seria bom porque por qualquer fatalidade pode não aparecer o meu.

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 22 Outubro [18]74.

Agradeço as notícias que me dá das coisas de Vale de Lobos e desejarei que a sua viagem e da Ex.ma Sr.a D.a Maria José à Azóia se fizesse sem novidade desagradável e sempre com boa saúde. Por aqui vai a casa um pouco com cara de hospital. Incómodos intestinais impertinentes fizeram parar a Mariana e a Rita com os banhos, a prima tolhida de dores e a criada chega de arrancar um dente que não a deixa dormir há 3 noites.

Sempre o homem me deu os 2 cascos de 40 pelas 5 libras. São, ao que me pareceu, excelentes. O que pedem aqui geralmente por casco novo igual a estes de carvalho do Norte são 3 libras. Comprei-os sobretudo com a ideia de ter de fazer alguma tirada por minha conta. Deus queira que ao carregar, a que não posso assistir, me não façam alguma troca. O homem tem boa reputação, mas em Lisboa não

há hoje que fiar nisso. Lá vai o procurador assistir com ordem de os remter a V. S.ª.

Peço que diga ao Francisco que mande à mãe do rapaz que quebrou a perna 15 tostões e se lhe parecer que lhe mande mais alguma coisa.

Desejo quanto seja possível que antes compremos azeitona apanhada do que na árvore, não só porque nos distrai o rancho da nossa, mas porque o produto é sempre incerto. Que se lembre ele do resultado da que, no ano da safra, o Antunes comprou por 15 moedas. Essa mesma da mulher do Casalinho, supondo que ela dê duas moeduras como calculam, e que renda o mesmo que a nossa, não deixa tanto como a comprada à medida, sobretudo sendo paga em azeite velho (que está aqui a 2$500 e 2$600 enquanto o novo está a 2$000 réis). O que devem render as 2 moeduras são 17 alqueires, e o custo da apanha deve ser de 8$400, que, menos 1$000 réis do alqueire que nos fica a mais, devem sair da diferença de preço do azeite fino (12 alqueires), diferença que pròximamente corresponde a seis moedas. Ganhamos ainda, mas ganhamos menos do que na comprada à medida, e corremos o risco de ela não chegar às 2 moeduras. Ele bem sabe quanto é difícil

fazer o cálculo a olho, e que o Antunes é sempre propenso a calcular em mais, mesmo quando compra para si.

Também o Francisco deve calcular com tempo se precisaremos, ou para agora ou para a trasfega, de alguma talha nova visto acharem-se em mau estado duas ou três das velhas. Foi para se poder fazer com tempo se fosse precisa que mandei para cima folha grande e pequena e apetrechos para solda. Deviam ir também martelo, enxó, plaina e verrumas para ele lá ter de reserva para quando precisar, mas de modo que o carpinteiro não ponha a mão, senão dá-nos cabo de tudo.

Estou incerto a respeito da minha partida. Se a Mariana puder continuar os banhos ir-me-ei embora. Senão esperarei alguns dias para que faça as suas compras e visitas.

Quando o pedreiro não tiver outra coisa que fazer que vá à bordadura das regadeiras, que é obra que não tem perigo.

O José Pedreiro tem continuado na mina? Quando a 2.ª contramina tiver o comprimento da 1.ª, que vá continuando com a principal, salvo se alguma das duas oferecer sinais mais claros de água porque então deve continuar com essa.

A Mariana pede que quando escrever para Abrantes pergunte sempre se a mulher esteve pelo ajuste, visto não terem dado resposta bem positiva. Se, o que não é de esperar, tiver havido algum transtorno, o Jacinto falou-nos numa criada antes de virmos. Talvez ela estivesse disponível e não podemos reter a Marradinha depois de chegarmos aí.

Desejo saber se as garrafas brancas chegaram inteiras e o Francisco que veja se levam a meia canada e são boas. Se assim for não quero outras. Custam a 660 réis. A diferença é insignificante no preço e grandíssima nas garrafas.

Tenha saúde, que me não deixou mais tempo e creia-me

Seu am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Lisboa] 3 — Outubro [1874]

Recebi a sua de 27 que muito agradeço pelas miúdas notícias que me dá de Vale de Lobos e desejo continuem tanto a sua boa saúde como o progressivo restabelecimento da Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José. Nós por aqui vamos cada um com a sua pevide, mas resistindo. A Mariana tem agora andado com inflamação de olhos, mas vai melhor e diz o médico que destes e análogos incómodos há-de ter por alguns meses em resultado da queda.

Vejo o que me diz a respeito do vinho. O que me parece certo é que nele há um elemento de ruína, embora não apareça senão no barril. Não se conhecem senão 3 meios de a impedir, a aguardente, o enxoframento, e o aquecimento. Este não é possível agora, e a aguardente não convém. Resta o ácido sulfuroso ou fumo de enxofre. O remédio da cinza é só para os vinhos azedos: para o agridoce não há nenhum e da sua última infiro que era essa a moléstia de que na primeira prova tinham desconfiado. Nem a aguardente nem o

enxofre, nem o aquecimento tiram a moléstia quando ela se tiver declarado; o que fazem é impedi-la para que não apareça, nem se desenvolva mais se tiver aparecido. Disto se vê que convém aplicar um desses meios à menor desconfiança. Mas com a falta de frio terá o vinho caído suficientemente para se esperar que depois clarifique com a clara de ovo? Isso só lá se pode saber à vista do vinho. À vista destas explicações, e sendo provável que já lá estejam os 2 cascos, far-se-á o que entender mais razoável, para o que dou carta branca. Também me parece que se procurassem por aí vinho, se se pusesse fora o do tonel, enxofrando o resto com todo o esmero, e apenas dando ao do tonel um trabalho mais leve se a tirada não fosse imediata.

Peço o favor de dizer ao Jacinto que pode dispor da barra que não serviu para a carreta e prevenir disso o Francisco. É uma coisa que me incomoda ter feito todas as diligências para que ele me diga o que lhe devo dar ou por obras ou por dia de trabalho, sem obter nunca isso dele. Já lhe dei de uma vez trinta e tantos mil réis, mas parte deste dinheiro, não sei quanto, foi de ferro para mim. Doutra vez comprei para ele obra de uns 40$000 réis de ferro e carvão; mas nem de longe

posso calcular se isso corresponde ao trabalho que me tem feito. Não sei como sair disto. O pior é não haver por aí outro capaz de fazer certas obras de que, às vezes, necessito. Agora tenho tenção de lhe levar pano para um casaco de Inverno, mas ficando sempre na incerteza se paguei bem ou mal. Estas coisas são para nós só.

Tenho tenção de mandar entregar na próxima semana ao Sr. Nunes 100$000 réis, mas não sei o que por lá vai com a compra de azeitona, compra de cal, rancho, fim de mês &c.ª. Peço o favor de me avisar logo que preveja que os *fundos* irão ao fundo.

Há alguma notícia de criada?

Esta continuação de tempo seco está aterrando todos. O Soure que partiu para Évora há dois dias disse-me que tinha de lá péssimas notícias. A bolota está caindo seca e por fazer. Calcula que a arroba de carne de porco irá a 4$000 réis. O Francisco deve contar com 3 a 4 móios de bolota para engordar bem os 3 porcos. Não deve por isso deixar comê-la às ovelhas que podem comer rama. Podemos fazer limpeza 3 a 4 meses, repartindo com o gado grosso e com o miúdo. Não faltam árvores que precisem dela, e os anos de safra são os mais próprios para isso. Assim engorda-

remos os porcos, teremos boa criação de borregos e iremos poupando o palheiro. Amaciando o tempo, teremos no pastio seco da charneca do Cervato uma ajuda menos má para as vacas comerem a dente. Reflecti que a limpeza da cevada da terra da Preta será melhor ficar para quando eu for, porque é preciso rebaixar muito as árvores e os limpadores terão medo de o fazer, mas podem começar na terra do Crispim, logo que a azeitona esteja tirada, e onde se podem governar por algumas que já lá estão limpas, ou irem à terra da Quinta onde já também se começou a limpeza, se lá for preciso o rancho.

Faz-me favor de saber do Francisco se na remessa dos pregos e outras miudezas, ele achou meia dúzia de garfos e facas que são para uso da cozinha?

Ele que não se esqueça de mandar deitar água nos alguidares que defendem o doce das formigas no celeiro. Quanto aos melões que os mande vigiar para se tirar algum tocado. Quando formos veremos o que se há-de fazer.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e V. S.ª creia-me

Seu am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 7 Novembro [1874].

Pouco tempo me sobeja hoje para responder à sua de ontem, mas aproveito-o para dizer o necessário.

Acabo de escrever um bilhete ao Duque para ver se ainda hoje esperta o feitor de Cadafais para mandar quanto antes a quartola. O Duque tinha-lhe mandado a ordem na véspera do dia em que costuma vir dar contas a Lisboa. É possível que o homem não a recebesse antes de vir e isto atrasasse a remessa. Logo que chegue a quartola o Francisco deve interromper tudo para encher o casco e remetê-lo. Os Martins disseram que por grande velocidade porque eles pagavam a diferença. Se na estação de Santarém o não demorarem, a diferença do transporte não é compensada por estar cá um dia mais cedo, depois da demora que houve. O casco deve ser dirigido a Jerónimo Martins & Filho na estação do Poço do Bispo e a guia aos mesmos em Lisboa, Chia-

do, 13 e 15. Entretanto o que diz o Antunes sobre haver este ano mais azeitona do que no ano da safra pode ser verdade, mas não se segue que tenhamos tanto azeite, porque nesse ano houve moeduras de 16, 18, 20 e mais alqueires. Por isso se deve ir aproveitando a de fora capaz e em estado de dar azeite fino, ainda que a um ou outro se tenha de dar dinheiro em vez de azeite, bem entendido que se deve ir empurrando do novo até onde for possível, porque, aqui mesmo, este vale a 2$000 réis e o velho a 2$500 e 2$600 réis.

Quanto ao mais só tenho a renovar os meus agradecimentos pelos seus bons ofícios.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e V. S.ª creia-me

Seu am.° obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] Novembro 9 — [18]74.

Pelo correio de amanhã deve V. S.ª receber a guia de um caixote com louça, do que previno para que não suceda, mandá-lo em algum retorno para Vale de Lobos.

Contém umas chícaras de almoço que nos pareceram bonitas e que oferecemos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José para servirem ao seu almoço, substituindo-se umas às outras, à medida que as criadas as forem quebrando, o que é natural executem com o seu habitual zelo neste serviço. Da lembrança pedimos encarecidas desculpas.

Peço que quando for a Vale de Lobos diga ao Francisco que me remeta uma bilha pequena de azeite fino velho para nosso uso, porque se acabou o que havia e é asneira pagá-lo ao Martins a 360 e meio o litro.

Não sei se hoje apanharei o procurador para ir levar dinheiro ao Sr. Nunes, mas espero fique infalìvelmente lá amanhã.

Com a bilha do azeite podem vir duas ou três botijas de vinagre bom, tudo metido num cesto, com o que virá uma e outra coisa mais bem resguardada.

Quanto à troca da azeitona por azeite e por dinheiro o Francisco fará o que convier. Ele bem sabe que nos basta deixar em casa o azeite necessário para comedias do maioral e para consumo, porque o azeite ordinário será por muito tempo mau de vender, pois está o mercado ainda atacado dele, e a colheita é mais avultada do que se pensava. Ainda ontem a Condessa de Ficalho me disse que lá para Serpa e Moura onde está Ficalho havia grande produção. Era uma das terras de azeite onde se dizia haver muito pouco. Regule-se por isto.

Peço o favor de fazer os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 15 Novembro [1874].

Estimarei que ao receber esta esteja gozando da sua habitual saúde, e que a conserve a Ex.ma Sr.a D.a Maria José, a quem fará recomendados os desta casa, que vão passando na forma do costume.

Quanto ao bagaço o que me parece melhor é o que diz o Francisco. Metê-lo no lagar do vinho de modo nenhum. Os alentejanos cobrem o vinho com azeite, mas o bagaço não tem só azeite: tem outros elementos que podem entrar em fermentação e se esta se levantar lá irá ter com o vinho, que já parece disposto a arruinar-se. Nós não estamos nos charcos que produzem as sezões, mas os miasmas cá vêm entrar-nos pela boca e nariz. É por isso que eu tanto recomendo ao Francisco que não me tenha no lagar vinagre ou coisa azeda ou podre, ou que possa apodrecer. Quantos vinhos se estragam só por isso!

Não se poderia mandar fazer uma cova em

terreno bem firme (por exemplo onde há uma cova para água entre a rua da alfazema e a eira) onde se metesse o bagaço saído da prensa, e aproveitar-se o depósito novo que eu mandei fazer, para aí se guardar o bagaço que tem de ser remoído, armando-se-lhe com uns paus e umas telhas um tecto provisório? O José Pereira da Cabrita conserva o bagaço em covas no chão, que cobre com terra e até lavra e semeia por cima.

Também lembro que tendo de se despejar para a obra da adega a casa da lenha mais tarde ou mais cedo, o rancho poderia vir um dia despejá-la, levando a lenha mesmo às costas ou a braços para a pilha dela junto ao curral das ovelhas, e aproveitar a cova (depois de bem aguado e batido o fundo) que ali há para um ou outro bagaço, ainda que me pareça melhor para o que está para remover, não só por ficar à mão, mas porque se poupa o telhado provisório na cova nova, e porque é serviço que decerto se faz num dia.

Também lembro ao Francisco que se ele achasse, no rancho ou fora, um homem com algumas luzes de lagareiro e um ajuda jeitoso se poderia com eles, tomando-os para o lagar, duplicar talvez o trabalho da prensa. Depois de a apertar duas ou três vezes com intervalos

de meia a uma hora, e depois do último apertão, deixando-a a escorrer outra hora, não é capaz de tirar da massa mais uma canada de azeite ordinário, que pelo preço actual valeria 150? À custa disto valia a pena de activar o trabalho da prensa. Ele que pense lá nesta ideia. Os homens a mais, nada custam, porque o trabalho há-de fazer-se ou em menos tempo com mais gente, ou em mais com menos gente.

Quanto ao pedreiro, poucos dias me demorarei aqui; mas entretanto, que vá ele tapando com um crescimento de pedra seca a boca da mina que se abriu junto à estrada real; que empregue nisso a menos pedra grossa que puder, e basta que lhe dê dois palmos de grossura: escuso dizer que não precisa alicerce. Pedra para isso parece-me que chega a que está por ali espalhada. Se acabar antes de eu ir, que vá levantando o fundo do tanque velho das quebradas, e fazendo arrumar a pedra ao lado dele da parte oposta àquela onde começa a mina para não embaraçar o trabalho nesta. (O fundo só. Não deve bulir nas paredes).

Aqui recebi as encomendas que chegaram bem. Pelas azeitonas que vieram vejo que nada ou pouco engrossaram depois que vim, salvo

se o Antunes mandou para casa as primeiras que vieram à mão. O Francisco que não se esqueça de mandar encher com elas as talhas que estão na dispensa ou pelo menos a grande, sendo deitadas apenas em água que as mulheres devem ter cuidado de mudar uma ou duas vezes por semana. O melhor é pô-la debaixo do coberto do pátio da cozinha para com mais facilidade se mudar a água. Devem tapá-la com uma peneira velha por cima ou com um crivo. O Francisco que veja se examina a azeitona que mandam antes que a deitem na talha; que tenha paciência, porque não há remédio senão ver tudo.

Estou zangado com o que me conta da limpeza. Se há terra em Vale de Lobos que se possa semear de temporões um pouco mais tarde é a covada da terra da Preta. Eu dei a razão porque mandava levantar dali os limpadores, que sem mim não se atreverão a rebaixar as árvores quanto elas precisam. Fazia *jeito* à lavoura de José de Sá semear-se já: o *jeito* que me fazia a mim pôs-se de parte. Quer dizer que se não achar o trabalho à minha vontade terei de o fazer de novo, ou repeti-lo para o ano, atrasando um ano a arrebentação nova. Tomarei as minhas providências para que me não torne a suceder isso.

Quanto a mandar buscar azeitona com bois de fora, fazer talhas, etc., o Francisco que faça o que entender melhor. A minha questão é pôr fora a maior porção de azeite ordinário que puder em troca de azeitona, porque tenho quase certeza do trambulhão que ele há-de levar, e a dificuldade que há-de haver em o vender. Os depósitos ainda estão cheios. O que sucederá quando vier o novo que não é tão pouco como se supunha? Até os olivais de roda de Lisboa deram muito azeite.

Peço o favor de dar ao Pedroso quando tiver ocasião quatro libras, porque este ano teve connosco mais trabalho indo umas poucas de vezes de propósito a Vale de Lobos, e até teve a delicadeza de vir ver a Mariana a Lisboa quando ela caiu.

Quanto à aveia, só se o Francisco vir que não chega a nossa. O que queria era que o barqueiro levasse um, dois ou três alqueires da americana para experiência.

De V. S.ª
am.° e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 17 — Novembro [1877].

Acabo de receber a sua de ontem de que deduzo não haver novidade de saúde nessa casa, com o que muito folgo.

A Mariana esteve em casa do Il.mo Sr. Nunes e aí lhe disseram que não era preciso avisar da nossa partida senão na véspera, o que a Mariana me pede lhe diga para o comunicar à Ex.ma Sr.a D.a Maria José, a quem ela depois escreverá, não podendo fazê-lo hoje.

Esta tem por principal objecto pedir a V. S.a que saiba do Francisco quantos litros de azeite foram de Cadafais. Quantos leva o casco sabia eu; do que não estou certo é de quantos vieram meus e quantos do Duque, para repartir o dinheiro quando mandar cobrar a importância.

Creio que nesta semana ficarão aviadas todas as visitas que, além das do costume, trouxe a vinda da Mariana e as pequenas compras cuja necessidade todos os dias ajuntam alguma coisa que tinha esquecido.

Eu desejaria que se aproveitasse este triste bom tempo principalmente em apanhar a nossa

azeitona, no que segundo vejo da sua carta ainda se hão-de consumir um par de dias. Nada mais fácil do que mudar de repente o tempo, e não vejo razão para a minha ser apanhada com chuva e a dos outros com bom tempo. Eu tinha recomendado ao Antunes quando me falou em ceder o rancho a dois ou três que queriam com esse favor vender-nos a sua azeitona que não se obrigasse senão para quando pudesse ser, e não para quando eles quisessem. É possível que um ou outro dia nos convenha a nós próprios ceder o rancho; mas sem isso, que tenham paciência; se a azeitona num ou noutro caso não for capaz para azeite fino, não somos obrigados a comprá-la, e o mais que poderemos é fazer-lhe com ela azeite ordinário e não lhe levar maquia. Antes isso do que deixar para trás a nossa.

Disponha do seu

Am.º obrig.mo e c.

HERCULANO

P. S.

Seria bom prevenir a criada de Abrantes de que poucos dias podemos tardar e que deve estar pronta ao primeiro aviso, e mandar-lhe o mais que a V. S.ª parecer necessário para a ajudar a viver.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 30 Novembro [18]74.

Desejamos que todos dessa casa passem sem novidade e far-nos-á recomendados às senhoras.

Estamos atrapalhados com o negócio das talhas. O latoeiro não apareceu, e apenas temos despejos para esta semana. Mandou o Francisco pelo José de Sá falar a um tal João Guedes, oficial de um latoeiro da Praça para vir aqui fazer duas talhas. O homem respondeu que não podia desamparar a loja do mestre, mas que se quisesse faria lá uma talha de 2 pipas com torneira para 10.500, dando-a pronta na quinta-feira, se hoje se lhe desse a resposta. Estou escaldado com duas que há 3 anos vieram de Santarém feitas de péssima folha, e quisera aproveitar a que mandei vir de Lisboa que é escolhida; mas é possível trocarem-na, supondo que ma aceitam para fazerem a obra.

Se fosse possível descobrir hoje por aí um

oficial de latoeiro que quisesse vir trabalhar em Vale de Lobos, ainda ganhando a mais um ou dois tostões por dia, a fora o comer, preferiria isso; mas no caso de não se achar, o amigo obsequiar-me-ia muito em falar com o tal Guedes ou com outro que ajustasse ou duas de 30 almudes ou uma de 50 a 60, dando eu a folha, tanto dobrada para a talha, como singela para a tampa, comprometendo-se ele a não vir trocada. Neste caso o homem diria quanto leva de feitio, pondo lá a verguinha para asas e tampa, arco de ferro para o pé e a solda, e além disso a torneira sendo a talha de duas pipas, ou mais, em que a torneira se não pode dispensar. No caso, porém, de haver alguem que viesse trabalhar cá, seria preciso que indicassem a porção de verguinha e de que grossura, e a porção de arco que devia vir, bem como a quantidade de pez louro, porque de chumbo e estanho estou eu provido. Amanhã (terça-feira) mando o rapaz cedo na égua saber a resposta. Se há oficial para vir, vem este na égua, e o rapaz a pé trazendo logo o pez louro, e a verguinha e arco na quarta-feira quando for às compras. No caso de se fazer a obra lá, volta de tarde amanhã mesmo com a folha, dizendo o homem quantas quer das dobradas e quantas das singelas, ou para

as duas ou para uma grande. O importante é estar a obra pronta no sábado sendo grande, e sendo pequena, uma no sábado e outra na terça-feira da semana seguinte.

Esta semana cai-me em cima tudo: rancho, soldadas, azeitona a pagar a dinheiro, etc. Tenha por isso a bondade de me mandar 80$000 réis.

A coisa já regula por 21 pipas de azeite fino recolhido no armazém. Conto que passe bastante das 24.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

P. S.

E a criada?

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 5 Dezembro [18]74.

Se tivesse prevenido que vinha amanhã, deixava para sexta-feira a remessa de uma bilha de azeite que vai para o Porto, e de 2 cestos com fruta que vão para Lisboa. Agora é tarde, porque os cestos estão arranjados e as coisas dispostas para irem, mais a bilha, na carreta que há-de trazer as talhas. Vai a égua pelo rapaz. Peço o favor, no caso de vir amanhã, de despachar primeiro os 2 cestos por grande velocidade metendo a guia deles no sobrescrito para meu cunhado, e a do azeite que vai para o Porto (por pequena velocidade) no sobrescrito para os Martins.

Resolvi ficar com as duas talhas do Peixoto porque vejo que me serão necessárias. Assim terá a bondade de lhe escrever outro bilhete incluindo o preço da segunda se já lhe tiver pago a primeira e pedindo-lhe que entregue ambas ao moço que vai com a carreta.

Até amanhã.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 10 Dezembro [18]74.

Espero que a viagem não lhe agravasse a sua defluxeira, e que não tivesse inconveniente a volta de noite à Ribeira.

Peço o favor de me mandar pelo Manuel 30$000 réis. As duas talhas estão encanteiradas, e parecem muito boas. Provàvelmente estarão cheias dentro de 6 ou 7 dias. O pior é que até hoje o funileiro não apareceu, e é possível que tenha de mandar vir algumas de Lisboa.

Desejo que cheguem boas notícias da Ex.ma Sr.a D.a Maria José, como é provável, porque para ela são tão agradáveis e benéficos os ares da capital, como para mim o ver-me livre deles.

De V. S.a
am.o e c. obrig.m

A. Herculano

[*Sobrescrito na própria folha (selo de 5 réis):* «Il.mo Sr. / José Cândido dos Santos»].

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 10 Dezembro [18]71.

Como o esperamos cá amanhã, para o que foi dada ordem de o Manuel levar a égua, escrevo só estas duas linhas para pedir o favor de trazer 60$000 réis de prevenção porque não sei se terei no domingo próximo o mesmo saque de dinheiro que tive no passado, em que a maior parte dos fregueses de azeitona preferiram o metal ao azeite.

Am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Aml.e Sr.

[Vale de Lobos] 13 Dezembro [18]71.

Ontem, além da féria, tive de pagar uma porção de azeite, cujo dono preferiu moeda a fazenda. Hoje é possível que venha mais algum com essa pretensão e por isso peço o favor de mandar mais 40$000 réis que podem ser em oiro visto não serem para férias e haver pouca prata.

A concorrência da azeitona põe-me em embaraços. O meu rancho murmura por o mandar fazer outro serviço, e assim tenho na segunda-feira de continuar a colheita, ao passo que os fregueses querem que lhes fabriquem logo a sua azeitona, e mesmo ao azeite fino não convém grande demora na tulha. Por outro lado se não remoo bagaço não tenho azeite para ter às partes. Assim não tenho remédio senão fechar a porta a mais fregueses, e contentar com o que se tem feito e tem ainda de fazer, que não é pouco.

Como amanhã ou depois tem de ir um carro, provàvelmente alugado, levar um casco de azeite para os Martins, seria bom estar-se prevenido com algum carvão para vir no retorno, e a Mariana pede que o rapaz traga hoje algum para uso imediato.

Se escrever para Abrantes será bom pedir uma resposta categórica a respeito da criada, porque assim nem podemos contar com ela, nem procurar outra, e os dois mostrengos que temos aqui, não só não prestam, mas cada vez brigam mais.

De V. S.ª
am.º obrig.mo e c.

HERCULANO

Il.^mo Am.^l e S.^r

[Vale de Lobos] 15 — Dezembro [18]74.

Vai hoje um carro com o casco de azeite para os Martins. O moço leva ordem para procurar a V. S.ª a fim de o encaminhar na entrega na estação. Segundo o costume, vai para a estação do Poço do Bispo. Junto o sobrescrito para a guia.

Hão-de ir hoje também duas abóboras; uma, a menina, para as belhozes do Natal; a outra, espécie mais delicada de moganga, para doce, que sem levar ovos, parece tê-los em quantidade.

Devolvo uma carta do seu parente de Abrantes. Suspeito que está outra cá, mas não a encontro no meio desta papelada.

De V. S.ª
am.^l obrig.^mo

Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos, 15 Dezembro [18]74.

O rapaz leva a égua conforme a sua recomendação.

Inclusa achará a carta de Abrantes que ficou aqui.

A que mandou a José de Sá não foi entregue no domingo, porque ele tinha ido para Santarém, mas foi-o na segunda-feira pela manhã. Até ontem à noite não mandou falar na quartola, que está despejada e que pròximamente leva 15 almudes.

Esta semana acaba o rancho: teremos no sábado féria e diafa: é possível que no domingo tenhamos de pagar algum azeite a dinheiro. Assim será bom virem 50$000, sendo em prata o que se puder alcançar.

Até depois.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.^mo

A. Herculano

Il.^mo^ Am. e Sr.

[Vale de Lobos] 2.a f.a 12 Dezembro [1871].

Quase que é escusado perguntar-lhe pela saúde, que é tal que lhe daria o direito de acreditar ser a doença uma invenção dos médicos para terem que fazer.

Encomendei há tempo para Lisboa uma barrica de pozolana que me está sendo precisa: encomendei outra de cimento de Portland na semana seguinte. Falam-me desta agora, e não da primeira. Traria o barco a da pozolana, e estará por casa do arrais, ou esqueceriam em Lisboa de satisfazer a primeira encomenda? Perguntei-o agora para lá. Se entretanto tiver ocasião de indagar do arrais se sabe alguma coisa a este respeito, far-me-á nisso favor.

Os meus fundos aí, com o temporal de despesas que tem havido, calculo que se aproximam do *fundo*, porque me tenho descuidado de tomar nota do que tem vindo ùltimamente.

Mando ordem ao procurador para que vá quanto antes cobrar dos Martins 200$000 réis e entregue 150$000 réis ao Sr. Nunes, reservando o resto para outras despesas. Quando for a Lisboa, far-me-á o favor de receber lá mais uns 100$000 réis que até o dia 5 ou 6 devem estar na mão de meu cunhado Meira.

Esta semana basta que venham uns 25 ou 30$000.

O *fino* já passou o cabo das 32 pipas, e espero que o excesso chegue bem para o consumo de nós outros pecadores que não temos pior boca do que os ricaços de Lisboa. A propósito disso, mande, antes de partir, a bilhinha para se encher com o velho que ficará provàvelmente esgotado na primeira remessa para o Martins.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 24 Dezembro [18]74.

O rapaz leva a bilha e queira Deus que chegue a tempo de aproveitar às broas[1], o que se não suceder, não será por minha culpa.

Vão uns queijos, que, pela cara, não parecem maus, e uma amostra das tangerinas, que se não aproveitarem a V. S.ª, não faltará lá quem as aproveite, apesar de estarem ainda um pouco ásperas. Como a burra leva hoje os seirões também tomei à minha conta fornecer de hortaliça a sua panela do dia de Natal.

Peço o favor de comprar uns alforges novos para o rapaz, porque os velhos já não têm conserto possível.

Desejo-lhe festas felizes com boas notícias da Ex.ma Sr.ª D. Maria José.

De V. S.ª
am.º e c.

A. Herculano

---

[1] Herculano escreve «boroas».

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 30 Dezembro [18]74.

O rapaz leva um cesto com fruta e outras coisas, que devem ir por grande velocidade, visto que a administração do Caminho de Ferro se revestiu a si própria do ofício de almocreve e por pequena velocidade pode chegar tudo podre.

Como se demora alguns dias em Lisboa, lembro-me que talvez tivesse ocasião de saber alguma coisa a respeito da avaria, porque a pouca que veio está acabada.

A Mariana pede para V. S.ª dirigir para a Rua de S. Francisco de Paula uma ave que João Urbano aí há-de mandar e que é para a Rita.

Faça boa viagem e não se esqueça de uma noite a S. Carlos.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.^mo

Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 10 Janeiro [1875].

Desejo que continue a sua invejável saúde e que haja boas notícias da Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José. Digo boas notícias, porque não é provável que já se tenha realizado a sua volta de Lisboa.

Recebo com atraso uma carta do Duque de Palmela incluindo a guia de uma porção de roseiras e não sei que outras plantas. Peço ao meu amigo que tire essas almas do purgatório chamado Caminho de Ferro, dando-lhe a comer o meio tostão das espertezas.

O meu Francisco casa-se breve. Quero dar-lhe para a despesa da igreja, que bem o merece. Por isso será bom que venham para as despesas da semana uns 40$000 réis.

Nós aqui vamos curtindo as defluxeiras. Vai uma quinzena minha para medida do corpo, e não para feitio; porque o que quero é um jaquetão de pano grosso para o Inverno

que desça bem até os rins ou vazio. Peço que recomende ao alfaiate a maior brevidade, porque o que trago está pronto com as repetidas visitas ao lagar e à mina.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo
A. Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos], 21 Jan.^ro [18]75.

Aqui chegaram sem novidade as encomendas vindas no barco. Pela sua carta vejo o preço da avaria. Desejaria que soubesse a importância total da que vem e a indicação da pessoa a quem se deve entregar o dinheiro, que é melhor mandar eu pagar em Lisboa, evitando-se contas de lá para cá e de cá para lá.

Também é natural que se trate agora do pagamento da contribuição, e dos foros do Reguengo. Conhecida a importância destas verbas, V. S.ª far-me-ia favor em dizer-me o que fica aí disponível para eu calcular e prover com tempo.

Peço me remeta esta semana 30$000 réis.

A Mariana esperava por estes dias a Ex.^ma Sr.ª D.ª Maria José, mas não tendo recomendado ao rapaz que fossem as cavalga-

duras, vê-se que a expedição ficou adiada. Entretanto estamos com cuidado não fosse por falta de saúde.

De V. S.ª
am.º e c.

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 20 Junho [1874].

Aí lhe vou dar mais uma das minhas maçadas do costume. Tenho esses dois caixotinhos que o rapaz leve, com pés e estacas de roseiras um para o Porto e outro para Lisboa, conforme vai indicado nas tampas. Pedia o favor de mos despachar por grande velocidade ou por qualquer tabela especial que haja, contanto que cheguem brevemente aos seus destinos. Mando os sobrescritos para as guias.

Hoje ou amanhã ao mais tardar devem entregar ao Sr. Nunes por ordem que dei no sábado 100$000 réis. Esta semana é fim de mês e convirá virem 40$000 réis na sexta-feira.

A Mariana pede uma cesta com tampa em que foram laranjas quando a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José estava em Lisboa.

Desejo que chegasse bem e que a saúde (além da graça do Senhor) reine nessa casa.

Am.^o e c.

Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 29 Jan.^o [1]873

O rapaz leva a égua. Como naturalmente vem pelo lado da estação peço o favor de expedir esse caixotinho por pequena velocidade. Contém garrafas com azeite. É uma amostra do novo que mando aos Martins, que devem ficar admirados de que em Janeiro esteja assim. O Manuel leva a carta que lhes escrevo e dentro da qual pode ir a guia.

Até depois.

De V. S.^a
am.^o e c. obrig.^mo

Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 31 Março [18]75.

Agradeço a remessa das nespereiras, que chegaram aqui em excelente estado.

Anteontem tivemos quase um dilúvio, que percorreu uma estreita faixa de terra. Vale de Lobos apanhou-o em cheio. Ficou tudo bem regado, e as oliveiras gozaram da rega, ao menos nas raízes menos profundas, e as vinhas ficaram fartas. Houve alguns estragos, mas pequenos.

Esteve aqui o seu prior. Pediu-me estacas de um arbusto de abrigo que tenho. Mando-lhas, e juntamente de outro que não cresce tanto, mas que é mais fechado, mais bonito, e igualmente não perde a folha, o que peço lhe diga quando o encontrar. O rapaz vai levar-lhas, porque diz que sabe a casa.

Peço o favor de mandar esta semana 20$000 réis e de me dizer se o Sr. Nunes já avisou de ter recebido os 50$000 réis para pagar a ava-

ria, lançando o resto em s/c. Para a semana que vem hão-de entregar-lhe lá 150$000 réis.

Desejo que a saúde por aí vá triunfando dos rigores da Quaresma. Os nossos cumprimentos para a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José.

De V. S.ª
am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 31 Março [18]75.

Começo por agradecer os favores com que quis celebrar o dia dos meus anos. Esta coisa de nos alegrarmos por ordem da folhinha é um dos mil destemperos com que temos de transigir; mas que nem por isso deixe de incomodar os nossos amigos é o que eu sinto. V. S.ª, em harmonia com o seu génio obsequioso, não quis ser dos menos incomodados.

Quanto à avaria, nem era da nova o que as aves não quiseram comer, nem era defeito dela. Não sei explicar o facto. Por terem deixado muita não parece. Os pardais que há em Vale de Lobos comeriam numa ou duas horas dois ou três alqueires se lhos dessem. Entretanto, reflectindo melhor, parece-me que não devo comprar mais sem ser joeirada, e assolejada uma pouca, a ver como sai.

Remeto uma nota de 20$000 réis que a Mariana trouxe consigo. Peço que em lugar dela me remeta 40$000 réis, sendo em prata o

mais que for possível porque tenho esta semana que pagar soldadas além de férias.

Queira V. S.ª apresentar à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José os nossos cumprimentos e creia-me que sou

De V. S.ª
am.º obrig.mo

A. Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 28 Abril [18]75.

Remeto hoje o meu foro a D. Fernando[1] por via do Manuel. Peço o favor de expedir o caixote por grande velocidade, ou por tabela especial, se para isso a há. A questão é chegar depressa, por causa do requeijão de forno que leva.

Como me diz que vem aqui amanhã sexta-feira far-me-á o obséquio de trazer 50$000 réis visto acumular-se esta semana malta grande e soldadas.

Os nossos cumprimentos para a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José.

De V. S.^a
am.^o obrig.^mo e c.

A. Herculano

P. S.

O dinheiro basta uma parte em prata.

[1] O habitual presente ao Rei D. Fernando.

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] Doringo 9 de Maio [1875].

Agradeço o aviso da chegada da pozolana e das encomendas de Lisboa. Conto com mandar amanhã a carreta pequena para trazer isso tudo, porque a grande é cá muito necessária para recolher feno. Se não pudesse com tudo, ficaria alguma pozolana para vir outro dia.

O rapaz trouxe o carvão e diz que nada mais recebeu. Naturalmente perdeu o gingibre pelo caminho, porque, além de preguiçoso, é aparvalhado.

Tenho esta semana aqui o Monteiro a arranjar a capela ou oratório, e espero amanhã o carpinteiro que há-de vir ajudar a pregar o pano no luto, e provàvelmente virá depois o pintor. Queira por isso mandar-me uns 30$000 réis e é natural que para o fim da semana seja preciso mais algum que requererei com tempo.

Os nossos cumprimentos à Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José e V. S.^a creia-me

Seu am.^o obrig.^mo

Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

V[ale] de L[obos] 4 Junho [18]75.

Dou-lhe os emboras pelos bons princípios da sua digressão e desejo do coração que ela continue até à volta com a mesma felicidade.

Agradeço de novo todos os cuidados que tem tido com as nossas coisas, ainda na sua viagem e no meio dos preparativos dela. A Mariana agradece comigo; e ambos nós pedimos nos queira fazer lembrados à Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José, a quem eu em especial dou os parabéns pela boa fortuna de estar em Lisboa, embora não lhe inveje demasiado essa fortuna.

Como V. S.^a tomou a si o negócio da peneira de metal, devo preveni-lo que não convinha que lhe ponham novo fundo de tecido de ferro ou de metal amarelo que a inutilizaria. O fundo velho que ela levava era de fio de estanho, único que não tem inconveniente na aplicação a que é destinada, isto é à lavagem da manteiga.

Também me lembra que demorando-se V. S.ª

por aí, talvez calhasse encontrar avaria análoga à que veio, ou mesmo algum trigo mais barato com que pudesse pagar a renda do Monte de Cavalhariças e o foro do mato da Papoula, verbas que vão tocar em 40 alqueires e visto o preço que está tendo por aqui o trigo rijo.

Já se foi embora a Alexandrina e ainda não veio outra: a Maria da cozinha anda entrapada com papas no pescoço, e a bruta da Marradinha faz de criada. No meio disto apareceu-me aqui o Marquês de Sabugosa. No meio de todas estas atrapalhações esqueceu mandar o bocal do candeeiro ao arrais. Irá para outra viagem.

Por falta de tempo paro aqui. Ficará o que mais ocorrer para outro correio.

De V. S.ª
am.º e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

O homem com que desejava substituir o garoto que se foi, não quis vir porque estava arranjado com mais vantagens do que me convinha fazer-lhe.

Assim, querendo a mãe do rapaz que veio aqui assoldadá-lo, pode ele vir quanto antes. Tomo-o para experimentar até o S. Miguel e então ficará assoldadado por ano. Quanto a ordenado deve receber 900 ou 1$000 réis mensais aqui, e se a mãe não quiser descer dos 1$200 V. S.ª fará o favor de a mandar buscar a sua casa o resto todos os meses, até que, ao menos eu possa justificar pelo serviço dele o aumento *ostensivo* de ordenado, no novo ajuste do S. Miguel.

Diz a Mariana que peça em seu nome desculpa à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José por lhe remeter esse saquitel da nossa alfazema.

Eu também pela minha parte tenho de pedir desculpa das continuadas impertinências.

De V. S.ª
am.o e c.

[Vale de Lobos] 2.a f.a 5 Julho [1875].

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 2.a f.ra 30 Agosto [18]75.

Estimaremos que tenha recebido boas notícias de Lisboa, e sobre o que me diz da febre amarela estarei de observação por alguns dias antes de resolver a partida daqui. Os periódicos negam o facto; mas essa negativa nada prova. Quando o há, o costume é negá-lo enquanto é possível ocultá-lo; porque a apreensão e o susto público facilitam o seu desenvolvimento. Veremos.

Quanto ao toucinho diz a Mariana que bastam 3 quilos, visto estarmos de partida, e alguns frângãos poucos pela mesma razão, não querendo que fique excesso de provimentos.

Os seus barris chegaram e estão-se preparando para se encherem, bem como o que vai daqui. Irá o oratório e ficará o casco, e lá liquidará o custo com o dono. Os barris irão para a estação.

Quanto ao Jacinto serralheiro, de modo nenhum lhe aceite o dinheiro da alfazema.

Como o mês acaba amanhã peço o favor de me mandar 50$000 réis ou 25$000 pelo Jacinto, rapaz, e depois V. S.ª trazer os outros 25$000 na quarta-feira. Devem hoje entregar ao Sr. Nunes 100$000, porque haviam de receber em Lisboa ordem para isso no sábado.

Estamos com a vindima do bastardo, e seguirá logo a do moscatel antes que se reduza tudo a passas.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 31 Agosto [18]75.

Recebi a sua carta e os 25$000 réis. Vai apesar do que nela diz a carreta com o vinho. O carreiro leva ordem para procurar primeiro a V. S.ª assim por causa do oratório que aí deve deixar, como para saber se como me dizia na carta anterior quer os barris na estação. A carreta nada perde em ir porque há-de trazer uma charrua que o Jacinto embirrou a querer que se experimente aqui persuadido de que é superior à americana. Peço que recomende ao carreiro que não se esqueça de ir por lá quando for buscar as tábuas que também tem de trazer, e que também era indispensável virem hoje.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

Il.^mo Am.^l e Sr.

[Lisboa] 8/10 1 [1873].

Apenas recebi ontem a sua carta saí imediatamente para falar com os Martins para combinar no modo de acudir ao contratempo do casco. Assentou-se em mandar para cima dois barris em que ele costumava vir dantes, e fazer com eles duas remessas sucessivas até o carro estar consertado. Precisavam de arranjo e por isso só hoje poderão ser remetidos. A guia vai a V. S.^a com prevenção de irem logo para Vale de Lobos os barris, e recomendação ao Francisco que os lave bem e encha e mande para baixo no menos tempo possível, porque os homens estão sem azeite e, embora seja por culpa deles, o caso é que eu também perco com isso. Do casco, no caso de o não ter acabado de escangalhar de todo o carreiro, pode-se tirar para os barris, e o resto despejar nalguma talha vazia, para não

perturbar o das talhas que tem a borra assente. Despejado o casco, é preciso mandar recado ao nosso tanoeiro para quanto antes ir consertá-lo, metendo-lhe uma aduela nova, a qual depois de aparelhada deve ser escaldada com água a ferver e potassa pela face que fica para dentro e depois metida no seu lugar para o casco levar depois a lavagem da soda.

Do que estamos mal é de carreiro, embora seja bom noutras coisas, porque me vai por um preço exorbitante em consequência da sua brutalidade. Um dia vi-lhe dar com a roda da carreta uma pancada tal no tanque do poço que não sei como o não aluiu. Do vinho que veio para o Aguiar [1] quebrou parte das garrafas, e o mesmo fez às novas que foram daqui. Agora quebra-me o pente a uma aduela do casco, o que me poderia custar 42 libras, e que não sei se custou, porque não sei se acabaria de escangalhar o casco no retorno. Se continuar assim não teremos remédio senão procurar outro.

Ontem estava em casa do Manuel Jorge quando chegou a sua carta com a guia. O correio levou-a à Secretaria, e quando o contínuo a trouxe de lá já era tarde, de sorte que

[1] António Augusto de Aguiar.

só esta manhã poderiam ir buscar a encomenda. Manuel Jorge[1] pediu-me também para agradecer a prevenção que lhe fez.

Quanto ao trigo, o móio é incluindo os 22 alqueires dele que já se tiraram.

Acabada a cava, os homens podem continuar com a rua à borda do rio, mas puxando a terra tirada da valeta às covas com a pá dos bois, e cavando (sem esgraminhar) onde a terra velha ficar a descoberto para se poder semear a rua de erva da rua das pereiras logo que tenha chovido suficientemente.

Quanto à vaca não acho acertado vendê-la agora na baixa de preço do gado, tendo nós estado a sustentá-la até aqui, na falta da comida verde. Dá-se além disso a circunstância de ter a prenhês muito adiantada, e a cria no fim de 3 ou 4 meses valerá quase tanto como a mãe vale hoje na baixa. A mais que a temos sustentado seca ou quase seca e vamos vendê-la próximo a dar o leite. De modo que, por qualquer lado que se olhe, o negócio é mau.

Quanto ao bastardo, ainda me parece o mesmo que me pareceu quando o vi adormecido; isto é que se devia abafar com quatro ou cinco canadas de aguardente boa de 30 graus.

---

[1] Manuel Jorge da Lima, do Porto.

Assim decerto não se perde, e teremos por excepção uma porção de vinho de senhoras.

O Aguiar o defeito que achou no nosso vinho foi o de ser muito alcoólico, embora não levasse aguardente. A sua opinião é que eu devia mandar enxertar parte da vinha em uvas mais aguadas e menos açucaradas. Nisto não concordo; mas chegarei ao mesmo resultado, limitando-me a meter só (além do arinto nas covas) ribeira-branca, e tintureiro, ou outras semelhantes, que dêem ao mesmo tempo muita uva e aguada. Por isso o Antunes que vá vendo se obtém ribeira-branca para o pedaço alto da cova do Reguengo, que se cavou já à manta para meter o bacelo à estaca.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] Dom.o 3 — 8.bro [1875].

Escrevo duas linhas por causa da urgência sobre dois pontos: o primeiro é o da contribuição paroquial. Devia pagar-se logo. O Aviso é de 27, hoje são 3 e depois de amanhã findam os 8 dias. Se casualmente hoje estivesse fora de casa, ou V. S.a não tivesse ido ontem a Vale de Lobos, tínhamos certo o relaxe que me custaria mais alguns tostões. Depois veremos se anda nisto alguma maroteira e se é preciso dar ensinadela ao tal Madeira e ao mariola do pároco, que talvez esteja atrás da cortina.

Em rigor o vinho não é abafado porque ao abafado deita-se na cama. No Douro, onde o vinho é em grande parte de bastardo, quando ele já tem fervido cortam a fermentação com 2 almudes de aguardente em pipa de 30 almudes para a jeropiga. Entendi que como este já tinha fervido muito, e era só para obstar a que azedasse que se lhe deitava a aguardente,

disse aquela porção. Como não sei bem qual é o estado do vinho, deite-lhe lá o Francisco a que lhe parecer, misturando com água a porção de vinho que tirar para isso da quartola, a ver o que sucede.

Sem mais. Escrevo esta a falarem cinco ou seis pessoas de roda de mim.

De V. S.ª
am.º e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 8 — 8.bro [18]75.

Saí ontem pela primeira vez depois de 4 dias de encerro por causa de uma constipação que me apareceu no sábado, e ontem mesmo passei por fora o dia incomodado. Hoje sinto-me melhor, e tenho tenção de sair, não só porque preciso, mas porque me faz ainda pior estar aqui abafado em casa. Escrevi ao Tiago para me mandar para cima as pás, com outras ferragens que lá são precisas e da sua carta vejo que o homem se não descuidou.

Verei se apanho o Carlos Bento para que fale de novo ao Serpa sobre o negócio do seu protegido. Consta-me que ele já veio de Sintra.

A Ex.ma Sr.a D.a Maria José passou ontem o dia aqui, e recolheu-se à noite sem novidade. Não se pode dizer de perfeita saúde; porque Lisboa não parece ser muito grata ao amor que ela lhe tem.

Tenho feito altas diligências para obter gar-

rafões de grés: tudo debalde, apesar de eu autorizar a compra até o preço de 600 ou mesmo 700 réis. Falam-me agora de que há uns 8 ou 10 para vender. Veremos o despropósito que pedem.

Como vai a Vale de Lobos peço que diga ao Francisco, que visto ficar tudo de pousio, menos os pedaços que ele sabe, isto é o do Reguengo onde o José de Sá teve a cevada para verde e onde tivemos o faval, além da cevada no tanchoal novo, que ele e o Antunes escolham cada qual o seu pedaço no Reguengo ou no prédio que foi do Jerónimo para cada um fazer a sua seara do que lhes parecer, e que visto continuar o Estio os mandem lavrar em seco, visto que os bois não terão muito que fazer, de modo que possam semeá-los logo que chova, única maneira de tirarem algum produto. Na minha opinião o que eles deviam era fazer uma seara de meias; mas não lhes quero forçar a vontade.

Quanto à poda e cava da vinha não me parece mal a ideia; mas o Francisco que o proponha ao Antunes e façam-no se ele concordar. Ele dói-se de não lhe darem autoridade nas coisas da vinha, e eu não me esqueço de que é um criado antigo, que me tem amizade, apesar de uma ou outra tolice que tenha feito.

Não costumo dar menos apreço à amizade e lealdade de jaqueta do que à de sobrecasaca. Digo isto também pelo Francisco que gosta de trazer sempre uma teia de aranha nos miolos, e que já não sei como lha hei-de de lá vasculhar.

Se não concordarem em se fazer poda e cava, pode-se ir adiantando o enterrar prumos para o futuro parreiral, o que não embaraça meter depois as parreiras nos intervalos. Aqui é que se estuda a questão das uvas de embarque e do fabrico do vinho visto pelo lado comercial. O que hoje sei obriga-me a modificar os meus planos sobre esses assuntos, e hoje tenho tanto interesse em fazer o parreiral, posto que com fim diverso do que tinha, como em tratar das baceladas metidas [1]. Acabou-se o papel. Sem mais

Am.º e c.

HERCULANO

[1] Influência das conferências de António Augusto de Aguiar no salão do Teatro de D.ª Maria e no Teatro da Trindade, realizadas em 1875. (Vid. Gomes de Brito, *Alexandre Herculano, Páginas Íntimas*, p. 48).

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Lisboa] 9 — S.bro [1875[1]].

Escrevi ontem e escrevo hoje de novo em resposta à sua também de ontem que neste momento recebo.

Pelo tratamento de minha irmã tenho de dar ao Pedroso mais algumas libras quando lhe mandar pagar o partido, que é em Novembro. Ele pediu muito pouco (9$000 réis anuais) quando pelo José de Sá lhe mandei falar nisso. A minha tenção foi desde logo não me limitar às duas libras senão nos anos em que nada ou quase nada tivesse que fazer comigo ou com gente minha, e nos outros anos pagar-lhe em proporção do trabalho. Acho que quando se está a uma légua do facultativo vale bem a pena de dar duas libras por ano para se ter a certeza de que ele virá com a brevidade que o caso exigir.

[1] Há sobrescrito a «Il.^mo Sr. José Cândido dos Santos / Ribeira / Santarém», carimbado de Lisboa (expedição), 9-10-1875, e de Santarém (destino), 10-10-1875.

Assim não vejo a necessidade de consentir em que a Maria Joaquina os vá incomodar. O Pedroso tem grande clínica, e é natural que tenha algum doente para aqueles lados. Em todo o caso hei-de pagar-lhe em proporção do trabalho. Por outra parte a doença não é daquelas que precisam ter o facultativo sempre à mão.

Hoje mando pôr uns cestos na Calçada do Marquês para irem com os panos.

Peço o favor de mandar ir o meu guarda-chuva agalegado pelo Manuel, a fim de lhe fazer pôr um pano forte, e ainda que seja de brim ou coisa semelhante não tem dúvida, porque não me importa que seja claro.

De V. S.ª
am.° e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 9 8.bro Sábado 4 da tarde [1875].

Sai daqui Carlos Bento que veio dizer-me estar com certeza despachado o Sr. J. M. da Cunha e Silva.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

[*Sobrescrito:* «Il.mo Sr. José Cândido dos Santos / Ribeira Santarém»[1].

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 10—S.bro [18]75.

Ontem escrevi duas linhas à pressa antes de se tirarem as cartas das caixas para o avisar de que o despacho em que se empenhava estava feito. Hoje também o faço à pressa, antes de ir a casa do Sebastião do Canto, administrador da Casa Real, que está convalescente e me pediu uma conferência. Quanto a garrafões está tudo corrido, e apenas tenho promessa de 2 a 800 réis e a oferta de 10 ou 12 a 1$000 réis, sobre o que não sei ainda o que farei.

Acerca do vinho, em geral tem-se cometido um erro em que nunca adverti, e para que até

[1] Sobrescrito carimbado de Lisboa (expedição), 10-10-1875, e de Santarém (destino), 11-10-1875.

certo ponto tenho contribuído. É o atestá-lo enquanto está fervendo nos cascos ou quartolas, porque os batoques não têm capacidade suficiente para a fervura, e é preciso deixar-lhe maior superfície exposta ao ar, o que se obtém não os atestando senão quando a fervura acaba de todo. Quem sabe se o que sucedeu ao bastardo proveio em parte disto? Digo em parte, porque a causa principal está no excesso do açúcar.

Quanto à ribeira-branca é coisa em que nunca ouvi aqui falar; só se tem outro nome. Eu lembrei-me da ribeira-branca e do tintureiro por ter ouvido que davam um vinho fraco e uva em abundância. Quaisquer outras castas brancas que dêem mosto fraco, bastante produção e amadureçam todas a um tempo, servem. O caso é que daqui por diante tenhamos uvas que se contraponham às que já temos, isto é que tenham de menos o açúcar que elas têm de mais. Sabe o que aconteceu com o vinho de 73? A uma garrafa dele ajuntou-se um pequeno cálice de vinho do Porto, e depois ninguém o distinguiu de um Porto bom, posto que não de primeira ordem. Mas não é vinho do Porto que nos convém fazer.

Quanto a uvas de embarque a questão não

é de alicante, senão aqui em Lisboa. A questão para nós é outra. É de clima. A diminuição de valor da nossa formosa é inevitável. A mancomunação dos compradores é um sonho. Na Outra Banda, em Almada e por outras partes, vendeu-se uva a 2$400 em em que o exportador ganhou 4 a 5$000 réis. Os que nos fins de Agosto e princípios de Setembro compraram aí a 9, 10 ou 11 tostões perderam infalìvelmente.

Comparando o que se estrumou com o resto do ano passado, com a mão-cheia que estava ao fim da rampa do lado da parreira, e com a pilha do redondo, o que tudo junto não fazia a pilha debaixo da figueira, custa-me a compreender como o resto da terra ao lado da horta, e os talhos dos quarteirões, dois dos quais estavam já estrumados, absorveram toda a pilha e ainda foi preciso ir tirar da outra. Naturalmente o carreiro pôs uns montes ao pé dos outros, à moda daí, que estão costumados a estercar com as palhoças e cacos de fogareiro de Santarém. Do que nos resta é preciso contar com o pomar de laranja, com faval para casa, e com um talho novo nos quarteirões, onde já está em monte do das ovelhas e onde se deve ir deitando o que fizerem até as chuvas, o qual deve servir para verdes. Se sobe-

jar algum deve-se estercar para baixo dos 4 tabuleiros de favas regadas, e toda a mais terra cavada à greta para que ele não chegar semear-se-á de trigo.

De V. S.ª
am.º e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] Domingo 17 — 8.bro [1875].

Tinha pegado na pena para lhe escrever quando chegou a sua carta, que agradeço. Isto por aqui tem ido mal com as constipações, que têm corrido todos menos a criada e o rapaz. A minha, a primeira em data, ainda não acabou e com tal expectoração que me tem enfraquecido muito. A de meu cunhado começou com o aspecto de uma repetição de ataque cerebral, que nos obrigou a chamar logo o médico. Felizmente vai safo. Assim os banhos pararam. Eu estou pouco resolvido a continuá-los por minha parte.

Quanto ao faval não vejo que a falha de chuva influa em ser feito aqui ou ali, porque sem ela em parte nenhuma pode por ora ser semeado, salvo se o Francisco pode dispor de água para as regar; mas nesse caso tem de semeá-las em rego, e depois de chover sacharem-se para ficarem em margem e a margem em rego de esgoto. Mas valerá a pena este

trabalho para ter favas três ou quatro semanas mais cedo? Seja o que for, ele que arranje lá isso como entender.

O pomar pode ser estercado e cavado só quanto basta para cobrir o esterco para não ofender as raízes e semear-se de verde logo que chover.

Estive aqui com o Pires, engenheiro em chefe da Companhia. Disse-me que não se trataria da expropriação em Vale de Lobos sem que eu aí voltasse. Assim, meçam eles o que quiserem, mas a mim não me importa que os outros se deixassem por lá comer. A expropriação é negócio mais complexo do que saber quanto dão por metro de terra: é preciso ver a questão das oliveiras que devem transplantar-se e não vender-se, mas com indemnização, por muitos anos que se perdem de fruto e pelo risco de não pegarem: é preciso assentar a questão de serventias para se fazer a obra porque não hão-de servir-se por cima dos 10 metros de terreno que expropriam em largura: é preciso saber se precisam deitar entulhos fora do terreno expropriado; é preciso que se declare que não fica servidão nenhuma imposta na propriedade; é preciso fixarem a obrigação de darem as necessárias passagens de nível para serviço dos pedaços de terra que

ficam além do terreno expropriado: é preciso que se obriguem a não arrendar nunca o terreno expropriado, especialmente para pastagens &c.ª. Neste negócio não devemos perder um ceitil. Que nos importa a nós que a Companhia ganhe ou perca, que se mantenha ou quebre, ou que Lisboa tenha mais ou menos água? Com o que podemos contar é com ver-nos gregos para ter farinhas no Verão se chegar a fazer-se o canal.

É da sua carta que infiro que o rapaz já foi despachado; porque não tornei a ver o Carlos Bento e nada mais soube a tal respeito. Do pai do rapaz o que desejo é saber com certeza o número de metros quadrados que me levam; porque verificá-lo em medição mandada fazer por mim sai caro. Quanto a preço e condições, se não combinar com a Companhia, lá está o poder judicial, que em questões destas é o caminho coimbrão.

O azeite que veio nos 3 barris não foram 348 litros, foram 359 segundo a medição do Martins, de sorte que ainda sobeja do que o Francisco supunha faltar-lhe. Agora deve vir o carro cheio; mas o Francisco que tenha cautela com o gosto da madeira da aduela nova. Depois da lavagem da potassa e da soda, seria bom deitar dentro do casco um litro de azeite

e tê-lo dentro um dia ou dois baloiçando-o por cima da aduela nova de horas a horas, para o gosto do azeite se entranhar bem na madeira; é um litro de azeite fino que serve depois para luzes ou para outra qualquer coisa.

O Francisco que combine com o Marradinha sobre a limpeza do olival que deve começar um ou dois dias depois de começar a apanha, e há-de ser na folha da eira, por onde há-de principiar a apanha, esteja ou não mais madura. Quero isso para se semear a cevada o mais cedo possível, e para ter rama para as ovelhas, a ver se escapa alguma criação, porque este ano já se não pode contar com os outonos. Se chover, não virão tão cedo, e logo que levante, as geadas virão queimá-los. Os lavradores contam já com perder a criação deste ano. Eu não estou resolvido a pagar jornais de 400 réis em limpeza. O Marradinha tem de arranjar um irmão ou o Botas, ou tem de ir para a limpeza pelo preço do costume, a 280. O que lhe posso fazer é que se limpando uns dias sim outros não me der comida constante para o gado, irá trabalhar de pedreiro nos dias que poupar.

Deve-se tratar de arranjar a cevada para a sementeira. Se além da aveia para farrejo se arranjasse um saco dela para semear na terra

mais grossa da que foi cavada à greta seria excelente, porque nos daria semente sobeja para o ano, e semearíamos menos cevada, que semeio mais para defender as tanchoeiras do que para esperar grande produto.

[...]

De V. S.ª
am.º obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 8.bro 20 — [1875].

Agradeço as miúdas notícias que dá sobre o negócio da expropriação, e sobre as coisas de Vale de Lobos. Se a água que ontem caiu chegou aí, já os lavradores poderão ir semeando farrejos. No levante do tempo o Antunes deve logo tratar de arranjar o talhão pegado com os que tiveram milho basto nos quarteirões, para se estercar e semear de verde. Estercá-lo antes de ser puxado abaixo e endireitado é reduzir a utilidade do estrume quase que só a criar o verde. A não se poder arranjar antes de o estercar é melhor deixá-los assim para a Primavera.

Pelo que toca à expropriação, à vista das informações devem pedir-se 80 réis por metro para não mostrar que se sabe o preço máximo que os agentes estão autorizados a oferecer. Se eles pagam o terreno a 50 réis quando as oliveiras ficam para o expropriado é claro que, ficando com elas, a Companhia não faz favor

em pagar a 70 réis. Neste caso, em que só tenho uma pequena tira de pousio nos Martinhais ao longo do Casalinho (pelo qual hei-de pedir a 40 réis, porque é terra própria para vinha, e que para isso destinava, como se vê pela plantação que vem vindo do Reguengo) antes quero 2.500 ou 2.700 metros, porque pode regular a terra de olival, com a diferença de 20 réis por metro, o que monta a 50 ou 60 mil réis, do que 17 oliveiras que decotadas e com a incerteza de pegarem não valem 30$000. Entendo que é melhor esperar que a Companhia as arranque, e tenha de vender não só essas mas muitas outras, para comprar as que me parecer, se saírem baratas. Nisto é que o Marques pode servir avisando de quando se vendem algumas até meia légua de distância para qualquer dos lados.

Creio que não me expliquei bem a respeito do casco de azeite. O que eu quis dizer foi que, depois de bem arranjado devia vir logo cheio para baixo, porque foi isso que os Martins me disseram, visto que um dos barris fora logo para fora, e os dois para pouco tempo chegam.

Também me parece que me esqueceu dizer, a respeito de cal, que se pode comprar alguma se acham que não chegará até à nova.

Ao pedreiro recomendei que não crescesse a parede do topo da adega mais do que fosse necessário para o enxurro não entrar para dentro, porque tem de levar duas janelas baixas junto da abobadilha com uma cruzeta de ferro, e é preciso deixar vão para se assentarem. Deus queira que se não esquecesse. Seria bom que as moças vissem se a chuva penetrou nalguma parte em casa para ele consertar qualquer biqueira, e bom seria que desse uma revista aos outros telhados.

A Mariana e a Rita tomam de novo banhos. Eu fechei a loja. Tenho tido uma tal expectoração que receio meter-me no mar. Desde que estou em Lisboa poucos dias tenho passado bem.

Desejo a sua saúde continue inalterável e creia-me

Seu am.° obrig.^mo^

A. Herculano

[*Sobrescrito:* Il.mo Sr. / José Cândido dos Santos / Ribeira / Santarém [1]].

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 28 — S.bro [18]75.

Tenho recebido as suas cartas e nunca agradecerei suficientemente o cuidado que lhe têm merecido as minhas coisas daí, nem o incómodo que tem tido em me comunicar todas as circunstâncias atendíveis do que se passa em Vale de Lobos.

Há oito dias que passo bastante apoquentado com a tosse, e sobretudo com a expectoração, que me põe num estado de abatimento indizível. Começo a suspeitar que andam por aqui algumas intermitentes solapadas, e parece-me que não terei remédio senão chamar o médico para ver se não há inconveniente em tomar algum quinino.

---

[1] Sobrescrito carimbado de Lisboa (expedição), 28-10-1875, e de Santarém (destino), 29-10-1875.

Quanto à nossa ida, não sei quando será. Com as morrinhas que por aqui tem havido, os banhos só acabarão no fim do mês, ficando a Rita com 26 e a Mariana com 25. Eu fiquei com 15 porque depois que me constipei nunca mais pude ir ao mar. A Mariana tem compras e visitas a fazer e visitas a receber, e os dias de chuva &c. De modo que antes de 10 ou 15 de Novembro não poderemos desempegar-nos daqui. Se a Ex.ma Sr.a D.a Maria José ainda cá estiver irá connosco, e mesmo esperaremos por ela, se for preciso, alguns dias.

Anteontem mandei entregar ao Sr. Nunes 60$000 réis.

Peço o favor de examinar *com jeito*, quando for a Vale de Lobos, se o Francisco tem relógio, e de me informar a este respeito.

Quanto a corte de madeira, posto que seja um pouco cedo, como tem de ser cortada alguma da mais grossa na vala de despejo do moinho, para se não perder, é aí que se deve cortar entre os freixos mais grossos qualquer pau que seja preciso. O carpinteiro deve examinar e medir duas peças grossas para o rolo de dentes que estão na adega que há-de ser, para ver se no pé de um ou dois dos mais grossos pode tirar outras duas, de modo que possamos reconstruir o rolo que fizeram o favor

de me estragar completamente. Quanto a grades, na forja estavam arrumados uns poucos de paus já talhados para grade, e não tenho ideia de se terem gasto noutra coisa. Mas em todo o caso o carpinteiro tem para se guiar qualquer das duas grades à Valcourt, sendo a melhor uma que é mais sobre o estreito. É preciso, porém, não a confundir com umas pequenas com dentes de pau. A que eu indico é uma que tem os dentes de cutelo parafusados com porcas no tardoz da grade.

A remessa da fruta aqui chegou a porto e salvamento. O Francisco que venda a que lhe parecer, contanto que nos deixe alguma para até o Natal.

Quanto ao vinho o que é necessário agora é vigiá-lo para logo que a fervura acabe de todo, se atestarem as vazilhas, e tê-las sempre atestadas. Desejo saber se o Francisco já arranjou o arinto e o moscatel do ano passado em garrafas, garrafões ou barris, donde é provável sejam outra vez trasfegados.

Quanto à bondade do vinho creio bem que sairá bom, o que é geral este ano. Agora quanto ao preço, veremos. O que eu sei é que o que geralmente se chama bom por ser encorpado e forte custa-lhe a apanhar 4 ou 5 libras, e o de Colares, que é o contrário, ven-

de-se lá a 75$000 réis, de modo que já levam para ali vinhos delgados de Torres com que o falsificam. Além disso, cresce todos os dias em Lisboa a entrada de vinhos franceses de Bordéus; caríssimos, e parte dos quais infelizmente são feitos com vinhos portugueses, arranjados pelos que daqui levaram há dois anos. Fala-se em que os franceses virão buscar aqui este ano 40.000 pipas. Se assim for, cá tornarão a meter parte delas, depois de transformadas em vinhos de Bordéus, por 6, 8, ou 10 vezes o preço por que saíram de cá. E o pior não é isto. É o que sucederá quando, acabada a guerra de D. Carlos, os franceses puderem ir outra vez comprá-los em Espanha. A questão do vinho está sendo uma questão muito séria para Portugal. Sabe, em resumo, o meu amigo, qual é o melhor vinho? É o que melhor se vende ou mais caro.

Não fazendo muita falta a outro serviço o Antunes deve logo que possa enquanto há gente barata arranjar as valetas para o parreiral grande do Reguengo, deixando logo as covas abertas contando com o que a terra alteia, e ferrando os prumos nos intervalos de modo que já este ano se passem para lá a maior porção de parreiras que se puder, mudança a que eu quero assistir. É uma expe-

riência que desejo fazer e que se sair bem ajudará muito a resolver a questão dos vinhos de pasto. Por isso tenho a peito a obra do parreiral.

O Francisco que não se esqueça de mandar recolher, seja onde for, todos os canos de ferro que andarem por fora sem necessidade, e o Pedro Marradinha que lhes dê uma lambuzadela com óleo de carvão de pedra para se conservarem.

Pelo Marradinha se ajustaram 400 vasos pequenos, 200 por 800 réis e 200 por 1$000 (se bem me lembro). Se não foram, o Marradinha que aperte com o oleiro.

De V. S.ª
am.º obrig.mo

HERCULANO

P. S.

Se o Francisco e o Antunes quiserem semear do trigo do Monsanto, podem tirar a sementeira do celeiro: depois ma darão quando colherem. Em todo o caso, se não semearam o mais cedo possível contem com ter pouco ou talvez nada. O mesmo digo da minha cevada e aveia no tanchoal.

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 3 Novembro [18]75.

Quis escrever a V. S.ª na segunda-feira e literalmente não pude. Sucederam-se as visitas desde as 10 da manhã até às 4 da tarde em que jantei sem sobremesa, porque me procuraram sem ter acabado de jantar, ficando livre só às 8 da noite hora a que já não podia escrever para utilizar a sua viagem da terça-feira. Escrevo hoje, mas antes de almoço, não me suceda como anteontem.

Das visitas que tive na segunda-feira a mais útil foi a do Aguiar [1], que me trouxe a dosagem do nosso vinho de 72 e 73. Tanto um como outro não chegam a 14° de álcool. Só o moscatel de 73 é que passa um pouco. De modo que ambos os tintos passariam por baixo da escala inglesa pagando os direitos pequenos, e só o moscatel pagaria os grandes. Conhece os dois tintos, e por isso já se vê pode-

[1] António Augusto de Aguiar.

riam vender-se em Inglaterra vinhos nossos mesmo de certa força sem pagar os grandes direitos, contra os quais tanto gritam os que querem vender aguardente embrulhada em vinho.

Quanto à grade pode o Francisco mandar fazer uma das da terra, porque se não servem para estorroar, servem para cobrir semente e alisar o chão, o que fazem mais depressa que as outras, posto que mais imperfeitamente quando estas estão bem montadas. É natural que os paus para ela se possam tirar dos freixos que se hão-de cortar, tanto mais que são peças delgadas.

Eu tinha lembrado irem-se abrindo as valetas e covas no parreiral na suposição de que a chuva fosse mais e a terra ficasse repassada. Na hipótese contrária, de certo que não convém brigar com aquele chão diabólico.

Vejo o que o Francisco diz a respeito do trigo que semeou. Tendo eu mandado ficar os 38 alqueires que completam o móio com os 32 do foro ao Patarata e tendo só de tirar-se os 18 alqueires do monte da cavalariça (que devem estar já entregues) ficam ainda 20 de que ele pode tirar os 2 sacos que semeou sem os pedir a José de Sá, e ainda algum mais que queira semear, porque me parece que, visto

não ser todo do Monsanto não lhe convirá misturá-lo com este, porque sairá depois o trigo desigual na cor, na rijeza, e até no amadurecer mas que faça lá nisso o que lhe parecer.

Como o moscatel e o arinto estão acomodados em garrafões, deixá-los estar. Na Primavera ou fins do Inverno é que devem ser trasfegados para garrafas. Deixá-los clarificar nos garrafões.

Estou diligenciando saber de Alemanha e da Bélgica quanto custariam, postos aqui, os garrafões novos. Talvez custem menos do que os despropositados preços que pedem pelos servidos.

Hei-de ver o que dizem no Tesouro sobre a venda das oliveiras da igreja. Em todo o caso posso obrigar a vender-mas ou a Fazenda ou quem quer a que a Fazenda as transmita.

Tenha saúde e venturas que é o que lhe deseja

Seu am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] Dom.o 7 Nov.o [18]75.

Antes mesmo de chegar o correio com a guia do cesto, escrevo a V. S.ª porque receio as interrupções de visitas a que são muito arriscadas as manhãs dos domingos. Escreverei até onde me deixarem.

Há dois dias que estou de cama com a renovação da constipação de que já não espero ver-me livre senão em Vale de Lobos. Apenas recebi a sua carta com a notícia da causa da azedia, pensei logo no modo de atalhar o mal. A cinza é boa quando o vinho está feito de muitos meses e tende a alterar-se por efeito do calor; mas duvido de que seja eficaz agora. Os espanhóis costumam geralmente deitar gesso no vinho quando desconfiam que ele tende a zedar, e muitos deitam-lhe logo na cama, de prevenção. O gesso forma com os

ácidos um sal neutro inerte que não dá ao vinho nem mau gosto nem qualidade nenhuma nociva. Mas o remédio mais acreditado hoje na Europa é o tártaro neutro de potassa, mais enérgico e não menos inocente. Ignoro a porção que se deve deitar; se pode ser sobre a borra, ou se é preciso trasfegar antes; o tempo que deve conservar-se antes de pôr em limpo &c. Escrevi sobre isso ao Aguiar e espero a resposta. Quer se use de um, quer de outro meio, não é por alguns dias de espera que o remédio falhará.

Quanto à atestação do vinho tinto não importa que esteja por ora em vazio. Se for preciso, antes de eu ir, atestar, por estar de todo feito, do que duvido, poderiam empregar-se as pedras, que nesta conjuntura não precisa que sejam só seixos, podendo ser até pedra nova quebrada das pedreiras. O que importa é que sejam perfeitamente lavadas e limpas. Quanto à madeira para o rolo verá isso quando for. O rolo só pode servir com terra seca, e mal de nós se ele pudesse servir este Inverno. Até Janeiro é tempo próprio para cortar madeiras. Se agora for urgente cortar alguma, que o carpinteiro a tire da vala que eu disse. Se depois não acharmos madeira igual às duas peças que há para o rolo, pode-se construir

de outro feitio com peças de menor grossura e largura, ficando todavia com o mesmo diâmetro. O que talvez se podia era ir escolhendo madeira para as peças da grade em que ele gira.

Uma coisa que se deve advertir ao Francisco é que não faça contrato nenhum sobre azeitona. Informam-me que geralmente está má e em parte ardida. Depois o azeite tem subido e eu não tenho necessidade de a pagar má em azeite ou em dinheiro, o que é o mesmo, a 2$600 ou 2$700, quando para o ano a posso ter boa a 2$000 réis ou 2$100, e no armazém está azeite fino de sobejo para a venda de todo o ano de 1876. Quanto ao Casalinho se definitivamente está ajustado fazê-lo, faz-se-lhe e entrega-se-lhe o azeite, que pouco há-de ser. Falou comigo há dias, não o Pires, mas outro engenheiro que pelas parecenças de família devia ser o Gamboa e Liz. Declarei-lhe que eu não contratava sem ver, e que indo daqui até meados do mês, lá falaríamos. Disse-me que os metros de expropriação eram 1.700 e tantos e que não sabia quantas oliveiras arrancavam: repliquei-lhe que começava por duvidar da medição do terreno, e que em relação às oliveiras não queria ficar com elas pelo modo que ele dizia, porque era um perfeito

engano, e que eu tinha condições impreteríveis a pôr no contrato para evitar questões futuras. Conveio em esperar que eu fosse e assim nos separámos.

Pelo que toca às oliveiras da igreja pedi informações do Tesouro para saber qual me conviria mais: comprá-las em praça à Fazenda, ou expropriá-las na forma do Código Civil. O que já sei é que não existe lei que isente a Fazenda da disposição do Código. Entretanto é possível que convenha mais a praça por haver o abatimento da 5.ª parte quando à primeira praça não aparece comprador e estou certo de que não aparece, porque eu tirava-lhas por expropriação judicial. Do que eu duvido é que elas estejam nas listas de bens nacionais e não estejam sonegadas pela Junta de Paróquia.

Chegou a sua carta de ontem com a guia. Lá foi um galego buscar e despachar o cesto. Direi à Rita do dinheiro do paliteiro.

Vejo que a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José chegou sem novidade. Deus queira que não estranhe agora os ares da Ribeira, como eu estranhei estes *cheirosos* ares de Lisboa.

Os três ou quatro primeiros dias da próxima semana irei provàvelmente estar na Ajuda, por causa da Livraria e de papéis

meus que tenho lá a arranjar; mas se houver urgência de escrever pode dirigir a carta para aqui como até agora.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 16 Novembro [18]75.

Procurei o Dulac para lhe falar sobre o negócio de Benfica.

Disse-me que os foros do tal Mota não pertenciam à irmã que está com ele, D.ª Emília, mas que tinham tocado em partilha a outra irmã, já falecida, que os deixou a seu irmão António; que duvida muito de que haja foros em dívida, porque quem serve de procurador ao irmão é o escrivão da Fazenda que lhe traz tudo regularmente cobrado; que se há algum atraso deve ser coisa de pouca monta, não só por isso, mas porque o foro ou foros são pequenos, e que de certo os frutos dão de sobejo para o pagamento porque as courelas que o pagam (tem ideia de serem duas) são de boa qualidade; que, apesar de estar indiferente com o irmão há muitos anos, como eu sabia, que haveria meios de o levar a algum arranjo, mas que duvidava de que ele quisesse ir penhorar os frutos, o que lhe traria despesa, estando certo de que a dívida do foro segue o prazo; que lhe lembrava, duas soluções: 1.ª pe-

nhorar V. S.ª também os frutos pela sua dívida, sobre o que consultaria o Mota Veiga, porque estava persuadido de que o poderia fazer embora a sua hipoteca só consistisse no fundo e que neste caso V. S.ª haveria os frutos sem que o irmão movesse questão de preferência, recebendo depois a importância dos foros em dívida da mão de V. S.ª. A 2.ª solução era dar o irmão procuração a V. S.ª para cobrar a dívida dos foros pelo modo que entendesse mais conveniente podendo assim penhorar os frutos quando de outro modo não o pudesse fazer. Ficou de vir aqui com o Mota Veiga amanhã ou depois falar comigo sobre isso, e indagar entretanto se há foros em atraso, do que ele muito e muito duvida. Bom será que V. S.ª também por lá busque informar-se melhor do que há nisso, e do que poderão valer os frutos, e bem assim se efectivamente são de enfiteuta ou se haverá a esse respeito alguma trapalhada, porque ele tem o tal Mota em muito má conta.

Quanto à Companhia dos vinhos está o negócio muito embrulhado, segundo me diz o Duque de Palmela a quem falei nisso. Foi ter com ele um tal Sousa, apresentando-lhe estatutos já feitos, e dizendo-lhe que o Aguiar estava nessa Companhia. O Duque respondeu-

-lhe que não entrava em Companhias e falou depois com o Aguiar que negou tê-lo autorizado para invocar o seu nome. A reunião na Secretaria de Obras Públicas foi, segundo também o Duque me disse, dos directores da célebre Companhia Agrícola nossa conhecida, e de que são directores Casal Ribeiro, Braamcamp e Melo Gouveia, assistindo a ela o Aguiar e o Palha. Na opinião do Duque a tal Companhia não é mato de que saia coelho.

Posto que mais ou menos adoentado espero por toda esta semana desembaraçar-me daqui. Por isso não falo das coisas de Vale de Lobos, até porque hoje me não sobra tempo para isso.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

A. Herculano

P. S.

Vão no barco do Fernando, ou noutro para quem o arrais o passou, 12 sacos de trigo, 2 para mim e 10 para o Paulino [1], a quem o arrais deve avisar em chegando. Leva também 2 garrafões e duas cadeiras de braços para Vale de Lobos.

---

[1] Paulino da Cunha e Silva.

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 20 Novembro [1875].

Depois de amanhã, segunda-feira 22, contamos com partir daqui no comboio da manhã e aí vamos pedir de almoçar, rogando desde já o favor de prevenir o trem para ir a Vale de Lobos.

Não vamos no comboio da noite porque há muitos dias que não me atrevo a estar fora depois das ave-marias. Sempre desconfiei pelos sintomas dos incómodos que tenho sentido, que andava nisto o que quer que fosse de intermitentes ocultas, no que o médico concordou comigo. Em consequência estou tomando quinino e uma viagem de noite pela borda do Tejo não me faria grande benefício.

O Dulac não me apareceu aqui ontem à noite como tinha prometido. Esta manhã não me é possível procurá-lo, porque ainda nos restam visitas de obrigação. É natural que

venha hoje, porque sabe que estou em casa todas as noites.

Os nossos cumprimentos para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 1 — Dezembro [18]75.

Pelo Jacinto vai uma pouca de hortaliça, a ver se a aproveitamos antes que as geadas dêem cabo dela.

Até agora ninguém apareceu a falar de expropriação. Entretanto o terreno está demarcado, e dizem-me que já começaram a mexer aí para os lados do Socorio. Não sei se é verdade. O que sei é que já esta semana a praça saiu a 180. Eu dei ordem ao Antunes para tomar a mais gente que pudesse a ver se me desembaraço das vinhas. Se as obras da ponte e do canal coincidirem, teremos este ano gente a 360 e 400 réis. Lá trago no Reguengo 18 homens.

Queira por isso V. S.ª remeter-me 50$000 réis e também porque é fim de mês e ficou um homem de trazer aqui mantas, de que é necessário fazer reforma.

Desejamos que as melhoras da Ex.ma Sr.a D.a Maria José tenham progredido até o completo restabelecimento.

De V. S.a
am.o e c.

HERCULANO

P. S.

Peço, a ser possível, que venham em prata 30$000 réis.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 6.a f.a 31 Dezembro [1875].

Vai a égua na forma indicada e como vem para aqui, teremos ocasião de falar do assunto da sua última carta.

Sei que a Ex.ma Sr.a D.a Maria José escreve, e por isso verá que não há novidade de saúde.

Devem vir 50$000 réis porque esta semana saiu aqui toda a gente. Não precisa ser tudo em prata. O nosso depósito deve ficar tísico. Mando por isso hoje ordem para que na terça-feira entreguem ao Sr. Nunes 60$000 réis e como é natural que V. S.a vá a Lisboa na próxima semana, se não voltar antes de sábado far-me-á favor de trazer de lá uns 200$000 réis visto que em Janeiro teremos provàvelmente pagamento de impostos. Se não estiver lá no sábado, virão por via do Sr. Nunes.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 5 Jan.ro [18]76.

Recebi as tangerinas. São exactamente as que eu conhecia como as melhores. Nenhumas outras têm comparação com elas. Desde já agradeço as borbulhas, se tornar a chover e não morrerem de frio e sede as laranjeiras de Vale de Lobos.

Por uma conversa que tive com o João Urbano, sube que a Casa de Bragança tem muitos foros e bens neste distrito. É possível que haja aqui ou se possa criar um almoxarifado ou administração especial para a cobrança desses rendimentos. De administrador geral da Casa ficou servindo por morte do Canto um tal Falcão da Fonseca, deputado, que talvez seja do *rebanho* do Ávila[1]. Veja se indaga até sexta-feira se há aqui alguém encarregado especialmente da administração neste distrito;

[1] Marquês de Ávila.

porque se convier levará uma nota por minha letra sobre isto.

Na sexta-feira basta que venham 20$000 réis porque esta semana acalmou o temporal de salários.

De V. S.ª
am.° e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 6 Janeiro [1876].

Só hoje posso remeter-lhe a carta de apresentação para o Sr. Marquês de Ávila, posto esteja feita desde anteontem.

Na carta particular que escrevi ao Sr. Marquês a seu respeito, apontava eu diversas soluções para realizar a sua pretensão. Entre elas esqueceu-me uma que V. S.a lhe poderá lembrar. Consta-me que a Casa de Bragança tem rendas e foros no distrito de Santarém, e que não só não há aqui um agente da Casa, mas que muita coisa anda alheada e foros mal cobrados. O deputado, que é e foi, Falcão da Fonseca, é naturalmente pessoa em quem o Sr. Marquês exerce influência. Entendo que a Casa ganharia em aproveitar na Alta Extremadura a sua actividade.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 18 Jan.ro (à noite) [1876?].

Recebi a sua carta e os 15$000 réis. Estimei saber que passam aí sem novidade. A Mariana está melhor, levantou-se hoje e creio que escreve à Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

O Worm diz que falou com V. S.a prevenindo-o a respeito de umas guarnições de papel pintado que mandou vir de Lisboa. Fez também aqui uma nota de coisas de que precisa para o seu trabalho e que há-de dar pela manhã ao rapaz. Vai nela incluído um pacote de vermelhão da China. Este só vem, dado o caso de não terem chegado de Lisboa as tais guarnições. Dos outros 15$000 réis que há-de dar ao rapaz faz favor de pagar a despesa dessas compras.

Lembro os 189$000 réis dos Martins completando os 200$000 com os 11$000 que deve receber em casa de meu cunhado. Estamos a mais de meio mês e tenho no fim dele as soldadas e antes do fim a contribuição pre-

dial e industrial que excede a 50$000. Se houvesse algum embaraço em trazer consigo o dinheiro dos Martins, pediria que me avisasse logo para remeter uma ordem sobre os Bertrands com quem tenho a liquidar o preço de um volume que se acaba de imprimir.

Pediria também que dissesse à Rita que desse ordem e dinheiro a João António para me comprar 6 cerejeiras, que desejaria fossem das pretas, todas no mesmo estabelecimento onde as comprou o ano passado; mas que as faça acondicionar bem, porque parte das que vieram o ano passado não pegaram, não tanto por ser tarde, como por serem arrancadas de muito tempo e mal acondicionadas.

Desculpe tantas impertinências e creia-me

Seu am.° obrig.mo

HERCULANO

P. S.

Faz favor de dizer em S. Francisco de Paula que não se esqueça João António de perguntar ao Tiago pelos garrafões, e que não compre mais nenhum porque um dos que vieram inutilizou-se, porque tinha servido a aguarrás ou óleo.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 16 Fever.o [18]76.

Já tinha dito à Mariana que na carta que escreveu à Ex.ma Sr.a D.a Maria José dissesse que precisávamos de 20$000 réis esta semana, e que eu tinha dado ordem para Lisboa, a fim de entregarem esta semana ao Sr. Nunes 100$000 réis quando me lembrou um pecado velho que me ia escapando. Amanhã quinta-feira 17 vão à praça no Governo Civil as 8 oliveiras que a igreja da Azóia tem em Vale de Lobos. Não me convém comprar por ora, porque a avaliação está exageradíssima. As 8 oliveiras poderão valer metade da avaliação. Desejava, porém, que o meu amigo fizesse vigiar a praça por alguém. Pode haver algum *esperto* que queira fazer-me comprá-las caras. Se aparecesse qualquer com cara de lançador seria necessário preveni-lo de que se as oliveiras se arrematarem estou decidido a aproveitar as disposições do Código Civil, e a

tirá-las a quem as comprar não pelo preço da arrematação porque nada tenho com isso, mas sim pelo que resultar da louvação judicial.

Am.° obrig.^mo^

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 4 Março [1876].

Peço o favor de fazer expedir pelo caminho de ferro as encomendas que vão, e que desejarei estejam em Lisboa antes de lá chegar a Mariana, indo por pequena velocidade.

Vai a conta para o Palha e devolvo o memorial, que pode aproveitar-se em Lisboa e para mim de nada serve.

Na sexta-feira irá a égua.

De dinheiro, ficando 60$000 réis sera sufificiente para esta e para a semana seguinte.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 2.a fr.a 6 Março [1876].

Por carta de Lisboa soube-se que as encomendas foram entregues no caminho de ferro anteontem 4. A guia que remeto (casco vazio) é datada de 2 para *se entregar* o casco depois de 10. Todavia é natural que já cá esteja, e que o 10 seja só para roubar os tantos réis de armazenagem, como é regular, visto termos que tratar com uma companhia de ladrões ou, para ser mais exato, de pilhos. Assim, diga-me em que dia deverei mandar a carreta, de modo que a aproveite para virem ambas as coisas, e talvez eu possa aproveitá-la para mandar umas encomendas para Lisboa.

Se até as senhoras partirem para Lisboa houver notícia da compra das limpaduras, peço o favor de dar uma nota da importância delas à Mariana para se pagarem quando se forem entregar os 100$000 réis ao Sr. Nunes.

De V. S.a
am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 24 Março [18]76.

Vão mais laranjas para a venda. V. S.ª não precisa de dar cavaco sobre as que aí ficam. Só o que sinto é que elas sejam tão somenos como são este ano. Em todo o caso estão todas à sua disposição.

Vai também um boiãozinho com manteiga. Hoje temos aqui uma certa porção. Se o seu amigo Aquilino ou o João Gomes quisessem alguma mandaria no domingo ou amanhã amostras, e eles diriam o preço por que lhes convinha.

Amanhã ou depois vai aí o Francisco para ir às ovelhas, porque é necessário que apareça ao maioral das ovelhas que me consta vai assalganhando a pastagem com todo o brio. Também terá de ir o casco de azeite provàvelmente pelo caminho de ferro.

A Mariana pede arroz e bacalhau. Se por

lá houver qualquer das duas coisas peço o favor de as comprar.

Lembro o célebre casco de 8$000 réis para quando encontrar o homem.

De V. S.ª
am.° e c.

HERCULANO

P. S.

Também a Mariana requer meio arrátel de cera para os castiçais do oratório.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Abril 12 — [18]76.

O rapaz leva a égua e desde já agradeço de novo o incómodo que quer tomar indo ver o meu gado e incumbindo-se de transmitir ordens aos homens que lá estão. Eles devem vir para cima, não só para deixar renovar a pastagem, mas também para se apartar o gado miúdo que deve ir ao mercado de sábado. O maiorial das ovelhas, pelo que disse o António entende que é melhor vir na quinta-feira, o que não me parece desarrazoado; mas o Francisco teima que basta vir na sexta-feira. A questão não tem importância. Lá resolverá o que lhe parecer, ouvidos os homens.

O rapaz leva o quilo de manteiga que mandou encomendar, e umas alfaces, que já da outra vez eu tinha recomendado ao Francisco lhe mandasse e de que ele se esqueceu.

Atendendo a terem saído na praça os homens a 160 (o que corresponde a 100 réis ou

ainda a menos no Inverno) e a ser a semana incompleta, o Antunes trouxe-me um rancho que anda acabando de arrotear o olival da encosta. Fará por isso o favor de trazer 25$000 réis.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José.

De V. S.ª
am.º e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 2.a f.a 1 Maio [1876].

Escrevo estas duas linhas para lhe dizer que o criado novo, se não asnear, sairá muito sofrível. Talvez a coisa mude em se restaurando da fome.

O engano que ele teve de ir ao outro açougue deu em resultado termos ontem excelente carne. Quando tiver ocasião, faz favor de contar isto ao nosso freguês?

Com o fim do mês fiquei limpo de prata e cobre. Faz favor de me mandar aí uns 20$000 réis em prata, e algum cobre se por aí tiver?

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

De V. S.a
am.o obrig.mo
Herculano

P. S.

Por ora o Vicente não deu sinal de si.

Il.mo Am.o e Sr.

Agradeço a remessa do bilhete do tanoeiro; nele já vejo duas coisas: que os 8$500 se transformaram em 9$600, e o casco em pipa. A coisa vai-se aproximando da razão e é natural que a completem as grossuras da madeira. Ainda assim não acho caro, e é natural que o tanoeiro de Tremês não o fizesse mais barato em castanho.

Mandarei pagar em Lisboa, visto que o bilhete indica loja do mesmo dono na Rua do Ouro. Será, porém, prudente não pagar sem se receber a tal pipa.

Dei ordem para se entregarem ao Sr. Nunes 150$000 réis que é natural recebesse hoje.

Vai o boião com manteiga. Sem a tampa, pesou 4 quilos. Lá verificarão qual é o peso da tara depois de despejado.

A Mariana pede o favor de alugar um trem para estar aqui na quinta-feira 8 do corrente às 5 horas da manhã, porque tem de estar na

igreja às 6 da manhã para ser madrinha do casamento da filha do Alexandre.

Não mando ainda hoje buscar a pipa não só porque me faz desarranjo, mas também à cautela, porque pode não ter chegado.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

[Vale de Lobos] Junho 6 — [18]76[1].

[1] Há envelope carimbado de Santarém (expedição), 6-6-18[...], endereçado para Cadafais, Vila Franca.

[*Sobrescrito:* Il.mo Sr. José Cândido dos Santos / Quinta da Carnota / Vila Franca do Ribatejo].

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 4 Agosto [1876].

Não tenho escrito porque me tem ùltimamente caído tanta coisa em cima, que não sei para onde me volte. Estou condenado a trabalhar até o último dia da vida.

Depois a saúde não tem sido boa. Há um mês que a desordem de ventre se interrompe um dia para voltar dois e três. Não é pelo sol que apanho, porque pouco tempo tenho para largar a pena da mão.

Dou-lhe os parabéns pelo bem que se vai achando na sua nova situação e que as coisas corram sempre do mesmo modo, o que aliás espero.

Agradeço a compra do junco, visto que ele

há-de vir a ser necessário, e fico ciente do que me diz a respeito do barco.

Desejarei que as melhoras da Ex.ma Sr.a D.a Maria José continuem e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

[*Sobrescrito:* Il.mo Sr. José Cândido dos Santos / Quinta da Carnota / Vila Franca [1]].

Il.mo Am.o e Sr.

Vale de Lobos 13 Nov.bro [1876].

Vieram os baús e caixote do caminho de ferro e o chumbo, pregos, rolhas, pua, parafusos e pozolana, tudo a salvamento. Vai hoje o moço, e não mando a carreta, não só porque é um grande desarranjo para o serviço do lagar, como porque não tenho a certeza de ter o barco descarregado. Sei que se economiza alguma coisa em carregar a carreta logo de bordo; mas um dia em que esta vá e venha inùltimente é uma perda muito superior ao que se possa gastar em remover as coisas do

[1] Este sobrescrito é carimbado de Santarém (expedição), 13-11-1876.

barco para terra, isto ainda quando não houvesse o embaraço do lagar. Assim procurarei ensejo de dispensar algum boi quando saiba que com certeza podem receber-se as restantes encomendas, quer a bordo, quer em terra.

Por aqui há grande procura de azeite por almocreves. Resolvi-me a ir vendendo o de bagaço misturado com alguma porção do ordinário, e agora já sai o de bagaço simples. Pensei que era melhor aproveitar esta procura, porque não sei se teremos outra antes do candeio, e se este aparecer; haverá trambolhão nos preços pelo muito azeite que está em depósito. O preço que tenho obtido é 2$300, o que me faz imaginar que o bom estará a 2$400 ou 2$500, visto que o meu de bagaço tem má cara, sendo preciso dar de noite uma calda ao que se há-de vender no dia seguinte, visto estar em postas nas talhas com cor muito esverdeada. Acho por isso que não vendo mal.

Quanto aos castiçais pode vir um par de cada vez que o moço for aí, advertindo este para os trazer com cuidado e podendo também virem as nozes quando calhar, isto é, as que não vão para Lisboa.

Desejaria saber do tanoeiro se o tal casco que ele me quer vender é de carvalho da terra

ou do Norte, porque sendo da terra temo que ponha algum mau gosto ao vinho.

Peço os nossos cumprimentos para a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e V. S.ª conte-me sempre como

Seu am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Sábado 2 Dez.bro [1876].

Escrevo esta à noite ao som da chuva, e nada se preveniu para a ida da jumenta porque seria impossível a projectada viagem com um tempo destes. Se o dia amanhã aparecer melhor, do que duvido, lá prevenirão o moço, pois que o que se não faz no dia de S.ta Maria faz-se no outro dia. A enguia, cá chegou, e frita estava excelente contra a minha expectativa, que creio pouco nos peixes de água doce dos rios ao sul do Mondego, a não ser alguma lampreia do Alto Tejo. A caixa da folha não trazia o estanho porque eu mesmo a fiz abrir diante de mim, e procurar o estanho. Como porém a tampa que trazia era apenas de umas travessas com aberturas pelo meio que se via a folha é possível que caísse ou a tirassem. O moço pode receber aqui a soldada, até porque ele a vai pedindo aos poucos. Da sua carta infiro que o barco chegou, visto que

V. S.ª recebeu o estanho do arrais. Tinha recomendado ao criado que soubesse se o barco estava e quando partiria. Creio que se esqueceu por que nada me soube dizer de positivo. Desejo sabê-lo, porque quero mandar uma ou duas vasilhas cheias de coaltar ou óleo do carvão de pedra para o acabamento da minha ponte, a cujas vigas já chegou a cheia, que temos sem interrupção há 48 horas.

A Mariana escreve à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José. V. S.ª continue a ter-me na conta de

Seu am.º obrig.mo

HERCULANO

P. S.

Não mandei buscar dinheiro porque tinha cá de sobejo mesmo para as soldadas. Provàvelmente ainda pedirei o favor de levar mais algum quando para aqui vier.

Il.mo Sr.

Ajuda 27 — Jan.ro.

Esteve aqui hoje um dos ajudantes do Procurador Geral da Coroa, a quem encarreguei o negócio do seu homem de Abrantes. Negou-se a Revista ao Recurso do Delegado, e portanto o homem está no meio da rua, logo que chegue a Abrantes (creio que a Comarca é de Abrantes) a decisão do Supremo Tribunal de Justiça.

Dê-me as suas ordens e creia que sou

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Fever.o 2.

Estimarei que fizesse a sua viagem sem contrariedade, e que arranjasse o negócio que o levava a Lisboa inteiramente à sua satisfação.

Vão por esta viagem do barco umas poucas de encomendas. Entre elas vão 2 cestos com peras e laranjas as quais a Mariana manda ao irmão com gosto de lhe dar uma amostra das laranjas de Vale de Lobos. A coisa nada vale, mas são apetites de senhoras. Manda também azeitonas à Rita. Previno o Alfaiate (que mandou dizer partia amanhã) que no caso de demorar a partida por qualquer motivo, entregue a V. S.ª os dois cestos a fim de V. S.ª ter a bondade de os remeter para a Calçada do Marquês de Abrantes pelo caminho de ferro.

Amanhã irá o rapaz às compras e peço que

por ele me remeta 40$000 réis, porque não só há a pagar jornais mas também soldadas, sendo fim de mês.

Os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Lisboa 6 Fever.o.

Parece haver um destino que quer que haja sempre um grande transtorno quando saio de Vale de Lobos.

Por carta de José de Sá vejo que houve ali uma cheia como nenhuma anterior. Os estragos são na verdade sérios, e provàvelmente não são conhecidos todos.

Peço que mande ordem para que, quando a água abater não apanhem uma única fêvera da erva que esteve debaixo da água para darem ao gado. O Pedro Marradinha que empregue o dia todo na limpeza das oliveiras em que andava só de tarde e que se reparta a rama entre as ovelhas, as vacas e os três bois.

O Antunes que não meta mais bacelo, sem eu ir, ou até nova ordem, senão aquele que já lá houver apanhado, para o que escolherá a melhor gente da terra para ir moendo o

trabalho; da gente que lá tem andado, e não outra.

É natural que o tufão de ontem fizesse por aí alguma diabrura mais. Dizem que os estragos por aqui, no Tejo, são grandíssimos. De positivo não sei nada porque não saí de casa. Se houver oliveiras quebradas que aproveitem a rama para o gado e não a deixem perder. Quanto a estragos em edifícios não se metam a consertar senão algum telhado, no caso de chover dentro, ou a desfazer qualquem embaraço ou reparar qualquer rombo que empeça o trabalho do moinho.

Qualquer eventualidade que eu não possa prever, V. S.ª, se ela precisar de pronta solução, valha-lhe com o seu bom juízo.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 7 Fever.o.

Tinha dito à Mariana que na carta que escrevia à Ex.ma Sr.a D.a Maria José pedisse a V. S.a o favor de me avisar logo que o barco chegasse, mas depois reflecti que era melhor escrever.

Chegou-me aviso para ir azeite, e juntamente a guia do casco, a qual remeto. A minha ideia era não tirar o casco da estação até chegar o barco, embora pagasse os 50 réis de armazenagem, porque assim a carreta trazia de uma vez a pozolana ou qualquer outra coisa que possa vir de Lisboa, e o casco que se pode trazer a pino. Lá governará o negócio como entender melhor.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 10 Fever.o.

Vai o carro. Não o mandei ontem por três razões; por ser dia de Entrudo, porque podia o barco não ter chegado anteontem, e porque um dia de serviço de bois perdido agora equivale a dois ou três noutra conjuntura.

Dei ordem para em Lisboa entregarem 50$000 réis ao Sr. Nunes para se pagar do custo da avaria, lançando o resto na conta de V. S.ª.

A Mariana pede para lhe mandar comprar duas canadas de petroline na folha que vai, e que as moças se esqueceram de dar ao rapaz.

Esta semana serão precisos uns 30$000 réis nos quais desejaria viessem alguns miúdos se os houvesse por lá.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José, a quem creio a Mariana escreveu.

Seu am.o m.to obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 13 Fev.ro 187[..].

Ainda uma vez temos de agradecer os cuidados que tem tido com as nossas coisas, especialmente minha mulher nas matérias de dispensa, ou munições de boca, que são da sua repartição, e a respeito das quais, temos em V. S.ª, conforme diz o ditado — pai, mãe e um bocadinho de avô.

Aproveitando a sua bondade habitual, atrevo-me a pedir-lhe a cobrança da inclusa letra quando estiver em Marvila. Terei então necessidade de uns 30 ou 40 mil réis. Veremos como hão-de vir para aqui.

Recomendações da Mariana para a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José, que desejamos não fosse de tal modo aborrecida de Vale de Lobos que não queira repetir quando a estação for mais amorável e V. S.ª creia-me

Seu am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 22 Fever.o.

A Mariana escreve à Ex.ma Sr.a D.a Maria José; mas receio que ela não explique bem as coisas em relação às encomendas que vão para Lisboa, e por isso escrevo também.

Peço o favor de despachar a bilha de azeite para meu cunhado por pequena velocidade, metendo a guia dentro da carta que a Mariana escreve ao irmão, e que vai aberta.

As garrafas de vinho que vão numa cesta são para Manuel Jorge[1], a quem o médico

---

[1] Conselheiro Manuel Jorge de Oliveira Lima. Nas cartas a Santos encontra-se a seguinte nota de Herculano: «Conselheiro Manuel Jorge de Oliveira Lima — Rua dos Algibebes, 32, 3.º / Um cesto de uvas das mais sãs e assolejadas trazendo no fundo bem empalhadas e divididas por jornais 6 garrafas de vinho (tinto de 73 quatro, moscatel de 73 duas). Podem vir num dos cestos da curtimenta (grande velocidade).

«Medida do vão do retábulo do oratório medido pelo vivo de dentro da moldura doirada: largura e altura.

«Trigo de José de Sá — Fazer contas com ele — Deixar um móio».

ordena comece a tomar alguns goles de vinho puro e pouco forte, devem ir por grande velocidade, e a guia dentro da carta que lhe escrevo a ele, e que também vai aberta.

Desculpe mais esta maçada.

Peço o favor de mandar esta semana 30$000 réis.

De V. S.ª
am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 14 Março.

Pelo Jerónimo recebi ontem a sua carta e vejo que o negócio está a bem dizer concluído. Saberei em tempo a embrulhada que havia na Repartição de Fazenda, lugar próprio de embrulhadas, em consequência de mil leis e regulamentos fiscais com que ninguém se entende.

O dia está tão ruim que aconselhei a Mariana a não se expor à ida a Santarém tanto mais que não poderia ver a procissão, visto que com o temporal nenhuma pessoa prudente se exporá numa janela. Mando por isso um bilhete a desavisar o caleche.

Até outro dia que quero mandar o moço quanto antes.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 18 Março.

Estava tão convencido de que tinha lido na sua carta de Lisboa e na da Mariana que vinham na terça-feira que quando o moço me entregou a sua última, hoje, tive um verdadeiro susto antes de a ler, susto que ainda me deixou certa inquietação por não receber carta dela, e tanto mais que tendo inutilizado as cartas anteriores não tenho meio de verificar o que anteriormente me haviam dito.

Mando por isso o moço com esta, a fim de saber se efectivamente chegaram ontem à noite. No caso afirmativo o moço pode trazer qualquer coisa que queiram, e avisando se vêm jantar.

Deve a Mariana trazer algum dinheiro de Lisboa consigo, e nesse caso nada é preciso vir daí. No caso contrário basta virem 20$000 réis.

Desejo que achasse de boa saúde a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José para quem peço os meus cumprimentos.

De V. S.ª
am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 19 Março.

Tinha essa carta feita para o Dulac com o intuito de lhe recomendar que verificasse ele *por si mesmo* a distância entre roda e roda dos carros de Alpiarça, por causa de uma carreta que se está aqui a fazer para ele. Lembrou-me porém que ele dizia na carta que escreveu a V. S.a que vinha *por estes dias* à Ribeira e que o procuraria. Peço por isso se ele tiver passado aí que mude a direcção do sobrescrito para Alpiarça, ou se estiver com ele que tenha a bondade de lha entregar. Se porém até quarta-feira não tiver aparecido peço o favor de a mandar deitar na caixa com a direcção que leva, antes de partir para aqui.

Até quarta-feira.

Am.o e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 20 Março.

Mando hoje um casco de azeite para os Martins e uma quartola vazia ao feitor de Cadafais. Aproveito a ocasião para remeter as barricas que tenho vazias para vir pozolana dos Açores. O arrais pode, em chegando, ou avisar o Nascimento para as fazer encher, ou encarregar-se disso ele mesmo pagando-se-lhe cá o custo juntamente com o frete. Vai também uma bilha com azeite para ele mandar entregar em casa de meu cunhado Meira.

Peço a V. S.a o favor de meter V. S.a mesmo as guias do caminho de ferro nos respectivos sobrescritos, não mas troque o moço.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 23 Março.

Como há tempos não ouço missa com medo das heresias e injúrias que os padres dizem às vezes a Deus por não saberem ler nem sequer o latim do missal, perco frequentemente o tino aos dias da semana. Foi o que me sucedeu agora. Embirrei em chamar quinta-feira ao dia de ontem e só tarde reparei na asneira. Volta por isso hoje o rapaz para me trazer uns 15$000 réis que serão de sobejo esta semana, indo de caminho ao Pedroso para lhe ver o furúnculo e a ferida do antraz.

A Mariana escreve à Ex.ma Sr.a D.a Maria José. Não vai a canastra porque por ora não quer mais criação. Os presuntos, sendo sãos, como é de crer, são baratíssimos. A carta para José de Sá lá foi mandada imediatamente.

Sou, como sabe, de V. S.a

Am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Março 24.

Não tive por quem mandar resposta a respeito dos presuntos. A Mariana tem tenção de os fazer da marrã que se há-de matar, e com os dois que vieram e mais dois que se comprassem agora teríamos para alguns meses, sendo possível que entretanto desçam os preços. Se, porém, estiverem comprados mais, a perda não será grande dando-lhes maior cura ao fumeiro se não tiverem bastante, que é esse o perigo sério que eu acho em comprar maior porção.

Quanto a dinheiro não é preciso por ora.

Peço os nossos cumprimentos para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José, e V. S.a creia-me

Seu am.° obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Vale de Lobos 25 Março.

Remeto duas amostras de manteiga, uma para o Aquilino, outra para João Gomes. A quantidade que este pede de sal é 3 vezes a que se lhe costuma deitar e portanto parece-me exagerada. Disse ao Francisco que deitasse mais algum, mas de modo nenhum a 5.ª parte do peso. Que a provem e se não a acharem suficientemente salgada carregar-se-á a mão na que for.

Eu agradeço a oferta da ida às Coselhas [?], porque V. S.ª tem outra força e autoridade que não tem o Francisco. O tratante do maioral o que quer é dar cabo da pastagem quanto antes para tornar aqui. Se comprasse uma pastagem ao pé da porta dele para deixar o rapaz com as ovelhas e meter-se em casa, veria como ela era excelente e durava. Para ele nada há como os pousios do Cervato. O António tem-se portado exce-

lentemente e ele como um canalha que é. Estou resolvido a substituí-lo mesmo fora de tempo, se não mudar de vida.

A mãe do rapaz ajuda; aos quinze dias de lá estar, mandou-se queixar de que não mandavam de comer ao filho, quando nesse tempo, além do farnel que levou, se lhe mandaram 8 pães grandes, uma canada de azeite, três bacalhaus e uma porção de arroz. O maioral pôs fora o que tinha que não prestava (para ele) e tomou este que é excelente (também para ele). Se este se for procurará outro, porque eu não quero saber disso. O que sei só é que eu não tenho obrigação de sustentar mais ninguém senão o rapaz, que comia pouco aqui, e lá come tanto ou mais que um homem. Quando me quiserem roubar há-de ser com cautela, que eu o não presinta.

Diga-me em que dia o incomoda menos a viagem para eu lhe mandar a égua.

Hoje vai o casco. Não há remédio senão ir pelo caminho de ferro, porque está cá há 20 dias e os homens hão-de estar faltos de azeite. Vai para o Poço do Bispo.

Isto por ora ainda está um pouco chocho; mas vou fazendo por endireitar a vida.

Vieram os 20$000 réis, o bacalhau e o arroz.

Peço as nossas recomendações para a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e V. S.ª creia-me

Seu am.º obrig.mo

HERCULANO

P. S.

O tonto do Parreiras leva uma carta de importância para o correio. Peço que lhe ensine onde é a caixa do correio.

2.º P. S.

Parece-me que os homens não quererão dar os 800 réis por quilo de manteiga porque me dizem que a inglesa está a 840 por miúdo, e portanto obtêm-na de Lisboa a 800 réis ou por menos. Entendo que nos devemos contentar com 720, até porque, se ganharem mais nesta, hão-de tratar de empurrá-la adiante, ao passo que se ganharem muito pouco, tomarão alguma por comprazer, e escusar-se-ão de continuar com qualquer pretexto. Diz o ditado que nem com toda a sede ao pote. Perde-se às vezes em querer ganhar muito.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 29 Março.

Começo por agradecer o seu mimo que tinha ao mesmo tempo o carácter provinciano pela abundância e o carácter cortesão pelo delicado. Se fosse lícito misturar as queixas com os agradecimentos queixar-me-ia de V. S.ª porque me aflige que os meus amigos se incomodem por causa de uma data da nossa vida que, passados os 50 anos, deveria ser mais triste que alegre, se bem pensássemos. Suprimo, porém, as queixas, porque cada qual vê as coisas com os seus olhos e não com os meus.

Desejaria que o tempo melhorasse por muitas razões, sendo uma e das principais que talvez com o tempo seco a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José sentisse alívios suficientes para vir estar por aqui. Será rara a moléstia que não aproveite com o ar do campo, de que tenho

ouvido contar milagres a médicos distintos, sobretudo ao Dr. Simas, que a final veio a experimentar em si próprio a verdade dessa doutrina.

Tem-me trazido o espírito tão preocupado cuidados e zanguinhas provenientes desses cordéis ou guitas que ainda me prendem a coisas e negócios em Lisboa que mais de uma vez se me confundem as ideias a respeito das de cá. Ajuda a isso a decadência dos anos. Estou em dúvida se me disse que era necessária uma procuração para se poder tratar do cancelamento das hipotecas dos Murtinhais. O Código nada diz a este respeito, mas talvez o digam os regulamentos das Conservatórias.

O Marquês de Sabugosa ficou de me remeter um vitelo turino que comprou para mim. Eu tomei a liberdade de lhe dar o seu nome para remeter a guia que há-de chegar quando o vitelo. Peço o favor, logo que chegue, de o mandar conduzir aqui por homem capaz.

Desculpe tanta maçada e creia que sou

De V. S.ª
am.º obrig.mo e c.
A. Herculano

P. S.

A Mariana pede desculpa de não escrever à Ex.ma Sr.a D.a Maria José, por incómodo de dores de cabeça e pelos hóspedes.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 5 Abril.

Agradeço a sua de hoje a que esta serve de resposta e o que o Jacinto levará amanhã, partindo daqui às 5 horas para estar aí antes das 8, e evitar a vinda do próprio, recomendação que se não tinha feito, mas a cujo motivo me parece atingir.

Por ora ainda não tenho moço de recados, nem o procuro destes sítios. Sendo de longe, evito certos atritos quando nos virmos obrigados a pô-lo fora por ladrão e bêbado, ou por outras virtudes análogas, como agora sucedeu. Assim, esperarei que apareça por lá algum, e remediar-nos-emos entretanto do modo possível.

O Jacinto leva o burro com os ceirões para trazer os cestos, e ele ou outro irá amanhã às compras, e irá pela Ribeira para vir trazendo a louça, visto não ser ela precisa de repente.

Todos desta casa se recomendam a V. S.ª e à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José, e em especial eu que sou

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 9 Abril.

Agradeço as suas cartas e a continuação dos seus amigáveis cuidados a respeito das coisas de Vale de Lobos.

O preço da pozolana efectivamente subiu, e o recibo da estância marca 120 réis por medida, mas a *medida* é alguma coisa mais que o alqueire. Talvez no armazém por grosso custasse um pouco menos, mas o transporte para o cais absorveria a vantagem, se a não excedesse.

Quanto à ida do Manuel e do Lourenço, que o Francisco trate de os substituir. O Manuel, fácil é de pôr outro em seu lugar até que se ache coisa melhor, se o que se tomar não for bom: quanto ao Lourenço não importa que o substitua por outro de maior ordenado contanto que ele me não acabe o mês em casa. Isto é que é impreterível. Se ele se despediu para se ir logo que não lhe pague também.

Eu ainda não sei quando irei. Aqui os negócios não correm com a facilidade com que se riscam lá em casa. Entretanto espero que não passe da entrada da próxima semana. Avisarei oportunamente.

O negócio do seu amigo Afra tem pecado mofento. Tinha riscado procurar o Oliveira Lima na Secretaria da Marinha a horas em que *casualmente* lá encontrasse o Corvo[1], e dirigir a conversa de modo que pudesse mostrar-lhe o papel do Afra em prova de como as coisas correm em Portugal. Era infalível ele pedir-me para o mostrar ao colega das Obras Públicas. Obtinha assim o meu fim sem pedir. É regra minha não pedir nada directamente a nenhum ministro, para conservar a liberdade de dizer a qualquer governo o que entendo sem medo de que me lancem em rosto algum favor.

Infelizmente o plano falhou; porque vim achar o Lima em casa doente de um modo que me assusta, porque o acho desfigurado e com maus sintomas. Resolvi-me a ir ter com o João Palha, que queria poupar porque já o tenho incomodado com uns poucos de negócios. Chego à Secretaria e dizem-me que

[1] João de Andrade Corvo, Ministro da Marinha.

não ia ali há tempo porque tem estado gravemente doente! E ainda há gente que morre e estala por vir meter-se nesta cloaca.

Ainda, se tiver tempo, quero ver se furo por outra parte. Mas o que é certo é que os dois melhores caminhos estão atravancados.

O homem que me procurou na estação é um doido de Viana que se meteu a escrever tolices e que me apoquentou até Lisboa e que ainda tentou apoquentar-me cá. Isto de ser um pouco conhecido, custa muito caro. Ainda anteontem tendo muito que fazer na baixa, não pude passar do Chiado, e voltei a jantar sem fazer nada. Esta mesma estou-a acabando à pressa antes que apareça por aí algum diabo.

Recomendações nossas à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos, 14 de Abril].

Aqui soube que fez uma fugida a Lisboa mas que vinha assistir à semana santa a Santarém. Eu contentei-me com a de Vale de Lobos. Pus ponto às semanas santas desde que os frades acabaram. Os frades era quem entendia daquilo.

Tenho eu e minha mulher a agradecer-lhe as suas repetidas finezas acerca das nossas munições de boca. Isto dos favores tem consigo um grande perigo para quem os faz que é o ser importunado mais vezes.

Desejava um pouco de vinho da amostra n.º 1, das duas que teve a bondade de mandar: queria de dois a três almudes. Se a pessoa que o vende tivesse um barril em que ele viesse e que eu restituísse logo que se engarrafasse seria excelente, porque estou muito falho neste género de trastes, e não me fio no estado em que se acham.

Remeto as 2 garrafinhas das amostras com os restos das provas que por cá se fizeram: não sei se vão em estado de se compararem; mas é natural que o vendedor saiba qual é o n.º 1 independente da amostra.

Os meus cumprimentos e de minha mulher à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e V. S.ª creia-me

Seu am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 21 Abril.

O Jacinto tem ordem para estar aí antes das 9, levar o freio e selim da égua e trazer os 2 sacos de pozolana.

Não me parece que o intuito do João Urbano fosse o que supõe. Só depois de outras razões para me esquivar a aceitar a oferta é que lhe dei a de ser necessário para V. S.a vir aqui. Já vê que o oferecimento e a insistência foram anteriores à declaração dessa circunstância afinal por mim.

Far-me-á o faxor de trazer 30$000 réis na sexta-feira.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

Herculano

P. S.

Remeto a carta do Sr. Nunes, que esqueceu cá hoje.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 21 Abril.

Teve V. S.ª o incómodo de escrever a meu cunhado por culpa do Jacinto. Não haveria grande inconveniente em ir a carta. Nela apenas se prevenia para mandarem entregar 100$000 réis ao Sr. Nunes, se por qualquer imprevisto obstáculo se não tivessem ainda entregado 200$000 réis.

Esteve aqui João Urbano e insistiu muito para que lhe mandassem a égua por 15 dias, a fim de aproveitar uma grande porção de azevém que tinha não sei onde para a engordar. Desejava evitar o obséquio, mas insistiu por modo que tive de ceder para não ser grosseiro. Assim, quando a quiser, previna-o com alguma antecedência para que a mande vir à Ribeira.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e V. S.ª creia-me

Seu am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 27 Abril.

Estimamos que a sua boa saúde continue na teima de não o desamparar e que ainda lhe sobeje para repartir com a Ex.ma Sr.a D.a Maria José, a quem nos fará recomendados.

Aqui esteve o pai do rapaz. Ficou este justo por 1$200 para vir daqui a dias. Basta que tenha metade do merecimento que o pai lhe atribui para ser de graça.

Quanto ao trigo obtiveram-se aqui dois sacos a 620 e espera-se arranjar mais algum por esse preço. Assim esperaremos, e se falhar recorreremos ao de 640.

Meti esta semana gente para acabar a cava das vinhas e deitar fenos abaixo. Deus queira que o tempo me não pregue algum logro.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Maio 1.

Recebo agora uma carta do Pequito contendo a guia que remeto de um rodado e de uma porção de madeira de azinho. Ser-me-ia quase impossível mandar esta semana os bois a buscar a encomenda. Pedia-lhe pois o favor de despachar aqueles objectos e fazê-los recolher onde puder, e onde se conservem até eu os poder mandar buscar.

Mando também uma carta que muito me convém ter a certeza de que é entregue amanhã em Lisboa, e que por isso lhe peço dê em mão ao correio quando passar à noite.

De V. S.ª
am.º obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 5 Maio.

Estimarei que voltasse da sua digressão ao Cartaxo sem incómodo de saúde e com bom resultado do seu trabalho, ainda que pouca fé tenho em franceses, os mais chatins deste mundo.

A Mariana escreveu, e da carta dela infiro, em boa lógica, que não será nestes cinco ou seis dias que as nossas viajantas estarão de volta. Diz-me que mandou entregar 100$000 réis ao Sr. Nunes.

Quando quiser a égua lá mande dizer. Hoje mesmo que fosse, iria levá-la o tratante do rapaz, excelente peça.

Houve aqui um sucesso importante. Na última mina que estava abrindo junto ao tanque velho apareceu de repente um jorro de água, que me parece de maior volume que o do tanque novo. Há 3 dias que corre com a mesma força. Não estavam furados bem cem

palmos quando apareceu. Pela grande abundância há-de dar algum trabalho a encanar.

Trago alguns homens, espero esta semana 300 palmos de frechal de carvalho para o tecto do celeiro novo e adega, e quero dar uma gratificação ao mineiro, além do jornal. Peço por isso que me mande 25$000 réis que com o que tenho aqui chega bem.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Maio 10.

Dei hoje balanço à avaria, e como quase sempre sucede nestas coisas achei-a mais ao cabo do que esperava. Se portanto tiver meio de avisar para Lisboa o Alfaiate a fim de comprar lá um moio dela estimaria bastante. Como levou trigo, é natural que tenha lá sacos para a trazer, e eu mandarei pôr aí um moio de sacos para se passar a eles a avaria se vier.

Suposta a possibilidade de dar aviso sobre a compra da avaria, pediria também que recomendasse ao Alfaiate que me comprasse na oficina de Teotónio José Xavier próximo do Arsenal do Exército uma ferragem completa de arado ou charrueco americano de aiveca móvel, trazendo duas folhas fundidas de sobrecelente. A tal ferragem com as duas folhas adicionais deve custar entre nove e onze mil réis; porque se põe cá as peças de madeira que saem mais baratas e há uns poucos de

anos que eu comprei na tal serralharia dois montados e prontos a trabalhar por 12$ cada um. No Peters vendem-se as ferragens dos ditos arados a 8$000 réis, mas não são tão bons.

O moço leva uma amostra do nosso queijo fresco. Mandei uns poucos a el-rei D. Fernando que os achou excelentes. Deus queira que os velhos me não enganassem na escolha dos dois que remeto.

Peço o favor de ensinar ao rapaz onde é a loja do tanoeiro que faz o pequeno barril para o fabrico da manteiga. É para saber se *com certeza* posso mandá-lo buscar na quinta-feira, a fim de não mandar inùtilmente a Santarém, por outro lado porque desejo aproveitar a nata que já comecei a fazer ajuntar calculando ter a máquina montada nesse dia ou quando muito sexta-feira.

Espero cal, madeira e ceiras esta semana e já cá estão umas poucas de moeduras de bagaço, cujo *aluguer* terei de pagar. Peço por isso o favor de 20$ réis vindo, se for possível, algum cobre ou pratas miúdas.

O Vicente esteve aqui. O homem do foro está renitente em 15 moedas porque não precisa vender. Dei carta branca ao Vicente. Cinco ou dez mil réis menos não devem em-

baraçar o negócio. Foros em dívida não há, ou quando muito um ou dois anos.

Os meu cumprimentos para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a continue a desfrutar a sua boa saúde e a ter-me na conta de

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 12 Maio.

Segundo indicações do Monteiro, restaurador da capela ou oratório da Mariana, no sábado ou no domingo ele terá concluído a obra com a ajuda do pintor e do Almeida carpinteiro.

Não sei avaliar estas obras de douradura e talha e retoques. Quero estar prevenido para as exigências. Assim, se vier na sexta-feira peço o favor de me trazer 60$000 réis, podendo ser em ouro a maior parte. Se não vier, pode trazê-los o rapaz, metendo-lhos no saco, e atando-lho bem, porque me parece um pouco parvo.

Hoje dou ordem para entregarem ao Sr. Nunes 150 ou 200$000 réis.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

De V. S.a
am.o obrig.mo e c.

A. Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 13 Maio.

Tenho um quarto de hora para lhe escrever porque daqui a uma hora hei-de estar com o Marquês de Ávila por causa de um negócio da Academia das Ciências, que depois de me causar uma perda séria ainda em cima me incomoda. Serei por isso breve.

Mariana, Rita, Francisco e até a moça tudo está aqui a tossir, a escarrar, a espirrar e com febre, ora um, ora outro. É por isso que não tenho avisado da partida. Deus sabe quando será. Não deixei prevenidas as coisas para mais de 8 dias, e não sei como irão.

Se por aí [*vir*] o Francisco peço que lhe diga que se o pedreiro tiver voltado, e o Antunes feito a remoção da terra que eu lhe recomendei junto ao curral novo, que se continue o muro de suporte do futuro pátio até fechar com o do curral. Se não que limpe muito bem o fundo do tanque novo de pedras,

folhas, terra, &c.ª. Pique depois todo o reboco (que não presta) até deixar as paredes bem em osso e que depois bata bem o caliço que cair, (depois de espalhado) sobre a areia humedecendo-o um pouco.

O carpinteiro, esse que vá fazer alguma coisa que tiver a fazer fora, depois de arranjar um carrinho novo e consertado os velhos se ainda o não fez.

O milho de Viana que aí deve ter chegado (16 alqueires) é para irem semeando sucessivamente como o Francisco sabe.

Se aparecer o comprador da lã que a entregue se ele a pagar pelo mesmo preço que ao José de Sá, e que se não quiser ter lá o dinheiro, o entregue a V. S.ª e bem assim o do bagaço e a renda do moinho se eles forem pagar.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José.

De V. S.ª
Am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 14 Maio.

Já agora corro o risco do azeite ordinário. Para deixar para casa e para trocar por alguma azeitona, poderia vender duas ou três pipas. Se a colheita falhar ganharei em não vender; se não falhar perderei. Mas perda ou ganho a coisa não será de grande vulto. Quem sabe mesmo se o lagar me dará vasão a trocá-lo todo por azeitona?

Quanto a dinheiro estou em dúvida; porque vendi a lã e o comprador ficou de vir buscá-la esta semana. Se vier não preciso de mandar buscar dinheiro. Se não vier, escreverei na terça-feira pelo rapaz, para ter a bondade de o trazer na sexta-feira.

Creio que no barco irá um casco de azeite fino que o Martins mandou pedir, além de dois barris que lhe foram pelo caminho de ferro. O José de Sá, de quem vai algum no casco, disse-me que este havia de partir amanhã mesmo de madrugada, porque chegou

hoje e leva tempo a medir o azeite. Veremos se chega a horas, ainda que o arrais sempre atrasa nos avisos a hora da partida.

Não sei se virá amanhã o último estrume de casa do Patroni. Se como é razão se contarem três cargas do turino por duas carradas, eu fico de perda em relação ao preço de 800 réis por carrada que ele quereria se não vendesse por junto. Ainda hoje me vieram de Santarém três valentes carradas por 1$500 réis. Preferiria que ele recebesse 10$400 em vez de 10$000 réis e me completasse 13 carradas com o estrume que se for fazendo.

Até sexta-feira.

Seu do c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 14 Maio.

José Basto vai para baixo por estar incomodado o irmão. Há-de ir numa égua do Sá, mas o rapaz tem de o acompanhar na égua ou na burra para lhe levar a bagagem. Para a burra não fazer amanhã três caminhos pareceu-me melhor ir hoje e juntamente a égua que talvez hoje mesmo possa ser ferrada. Lembrou-me isto, porque sei que tem aí onde fiquem a noite, e amanhã terá as duas cavalgaduras à hora que quiser, independente da preguiça do rapaz.

Podem vir 20$000 réis. Recebi aviso de que tinham entregue ao Il.mo Sr. Nunes os 50$000 réis.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Remeto o caixote para 30 garrafas de quartilho e com folga suficiente para serem entaladas com a palha que recomendei ao rapaz metesse dentro, escolhendo-a bem miúda. Assim pode vir água para um mês sendo lá bem rolhada.

Os nossos cumprimentos para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me sempre

Seu am.o obrig.me

A. Herculano

Vale de Lobos 16 Maio.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 17 Maio.

Vai o rapaz com a égua, e dei ordem para levar o ½ arrátel de manteiga. Espero que se for para seu uso me dê o pequeno gosto de não lhe pagar essa insignificância.

Eu não sei nada da questão da petrolina que hoje me dissessem pusesse no rol. Faz favor de dizer ao rapaz onde o deve ir comprar?

O relógio é evidente que de nenhum modo pode vir melhor do que à cabeça de um homem, e portanto lá escolherá quem o faça.

Esta semana não é preciso vir dinheiro.

Tenho minhas dúvidas de que a Mariana possa vir na sexta-feira tendo perdido decerto para as suas voltas o domingo e a segunda-feira. Entretanto, se não der novo aviso, espero-a aqui na sexta-feira.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Espero que tenha resistido, bem como a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria a estes calores de Julho ou Agosto, que nos têm vindo visitar em Maio, e que porventura darão causa a mais de uma doença.

O Joaquim leva umas poucas de beterrabas próprias para conserva em que o José de Sá me falou. A pessoa para quem são deve dar-lhes uma boa fervura, posto que não muito demorada, antes de as meter no vinagre (feitas em rodas) porque endureceram um pouco com a falta de chuva, e no lugar onde estão não se podem regar.

Peço o favor de me mandar vir duas tábuas de solho com um fio ao meio, na forma que lhe disse quando fez favor de aqui estar.

Sou como devo

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

[Vale de Lobos] Maio 25.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 29 Maio.

Pelo moço que vai com a carreta levar o azeite mando a respectiva guia para ir por pequena velocidade. Peço o favor de olhar por isso.

Aqui chegou o cimento de Portland e o carvão que já estão completamente arrecadados.

Este mês estou suprido de dinheiro, porque além de algum que trouxeram de Lisboa, fiz esta semana venda da lã e recebi a maior parte da sua importância.

Amanhã irão as cavalgaduras.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 10 Junho.

O rapaz é inexperiente das coisas do caminho de ferro, e por isso peço a V. S.ª o favor de lhe fazer entregar as encomendas que vêm de Lisboa de que vai inclusa a guia.

Se V. S.ª vir que o cesto, saco ou caixote em que elas vêm, porque não sabemos como elas estão acondicionadas, não pode vir no jumento por qualquer razão, pedimos queira abrir o volume e fazer repartir o conteúdo pelos ceirões, ou pelo menos mandar os açúcares, para o que vai um saco.

Aqui chegaram as talhas a porto e salvamento.

Devolvo a jaqueta e as calças com as que foram para modelo, porque a mulher errou completamente as medidas. As pernas das calças por mais que as puxe ficam-me meio palmo debaixo dos sapatos, e na cintura serviriam a V. S.ª. A jaqueta tem tal largura que

quando a vesti pôs-se o Mora que estava aqui, adiante de mim e abotoámo-la por cima do casaco dele sem dificuldade. O colete em compensação ficou acanhado e curto e descaído para trás na gola. Não o mando porque me parece não ter remédio e usá-lo-ei assim, visto ser para andar por aqui. O caso é que a não ter emenda pronta, sobretudo as calças, desejaria me mandasse fazer outras por um alfiate, à vista das que serviram de modelo e que torno a mandar, porque realmente estou a ponto de não ter umas calças para trazer por casa.

Peço os nossos cumprimentos para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José, a quem todos desta casa muito se recomendam.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 11 Junho.

Esta serve só para lhe dizer que o rapaz deve levar amanhã a égua, e que peço o favor de me trazer 15$000 réis em prata.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

V[ale] de L[obos] 13 Junho.

Anteontem constipei-me e tenho estado com grande quebrantamento de corpo, mas a febre remitiu. Se não tomar novo incremento, a coisa será bagatela.

O moço leva ordem para ir cedo direito aí. As aduelas que há cá são 38 e o balseiro tem 45. A diferença são 7, mas será bom vir mais alguma porque não é natural que todas tenham exactamente a mesma largura. A altura ou comprimento delas são 9 palmos.

Quanto às varas, em tendo seis polegadas no pé e um pouco mais de 30 palmos no comprimento, servem. Bom seria que além das 8 desta medida que são indispensáveis, aparecessem algumas curtas, mas reforçadas (até 12) que servissem para escoras, entre 12 e 20 palmos de comprimento.

Desejo-lhe boa ida e volta. A Mariana escreve à Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 14 Junho.

Soube ontem pelo moço que tinha chegado sem novidade da expedição à Barquinha.

Esta é só para lhe remeter o incluso sobrescrito e pedir o favor de expedir *para a estação de Coimbra* a entregar ao Ferrer [1], que ali a mandará buscar, a manta do leão, cuja redenção me pede agradeça a V. S.a. Já não contava com ela; porque quando ali se meteu no comboio, o chefe da estação, a quem perguntou se a teriam achado, respondeu que não.

Não sei se terei tempo de ir um destes dias a Lisboa. Se for, avisarei ou tocarei no ferrolho quando for.

De V. S.a
am.o obrig.mo e c.

Herculano

---

[1] Dr. Vicente Ferrer Neto de Paiva, professor da faculdade de Direito de Coimbra e dono da Quinta do Freixo, na Lousã.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 18 Junho.

Remeto a carta para o Brito. Como não sabia o nome todo dei essa forma ao sobrescrito.

Hoje mesmo escrevo ao Duque comunicando-lhe a sua resolução e que vai tratar com o Brito.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 24 Junho.

Depois de ter o jumento doente e ainda incapaz de trabalhar caiu a égua também. Foi sangrada e está incapaz de trabalhar.

Lembrei-me de mandar pedir uma égua a José de Sá, mas lembrei-me também de que a V. S.a não agradaria isso. Incluso vai um bilhete para João Urbano. Se não lhe repugnar isso, mande lá o rapaz entregá-lo.

Se por causa do tempo a Ex.ma Sr.a D.a Maria José transferir a viagem para outro dia, e V. S.a não quiser vir antes, pode o rapaz trazer os 20$000 réis.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 27 Junho.

Como me disse que a sua partida para Lisboa seria nos últimos dias do mês, previno-me com o tempo para lhe pedir o favor de me deixar 50$000 réis em prata para os jornais, soldadas do mês, e mais despesas que não podem ser feitas com libras.

Também peço o favor de deixar a consertar o meu guarda-sol *galego*, que o rapaz leva, e que quebrei a matar uma ratazana que se introduziu cá em casa.

Se não aparecer por aqui antes da partida deixe as suas ordens querendo de cá alguma coisa.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José, a quem desejamos seja bem agradável a viagem, e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 1 Julho.

Apesar de não haver periódicos soube hoje da morte do Concha e da derrota do exército liberal. A Espanha está pagando as tolices que tem feito com as suas repúblicas e federações e lutas de ambiciosos. Não tarda provàvelmente que os miguelistas se mexam, e tenho sérias apreensões de que nos incomodem muito porque não confio no governo nem no exército e porque receio que aí mesmo apareçam os reaccionários e miguelistas que necessàriamente se unem. Veremos o que sai.

Remeto dois guarda-sóis pedindo o favor de os mandar consertar, pondo-se pano novo no branco, e arranjando-se o outro com o pano velho, que com umas passagens ainda pode suprir o resto do ano.

A manteiga irá quando se puder dispensar porque as vacas dão menos leite não só porque estão a dá-lo há muito, como por causa

das ervas que já estão mais duras e em parte secas.

A Mariana pede que se aparecerem mais alguns frângãos os compre visto estar ela reduzida a dieta.

Mando uma cestinha com fruta. Não vai mais, porque sendo aí a família pouca, estragar-se-ia por fim. É perigo que não há cá.

Esta semana é de soldadas e por isso serão precisos 40$000 réis.

A Mariana deseja saber se o sapateiro aceitou as botas, e se encarregou de fazer outras que servissem.

De V. S.ª
am.º e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 3 Julho.

Há três viagens do criado a Santarém que tenho querido escrever, e sempre tenho tido obstáculos. Estas mesmas linhas são escritas perto da 1 hora da noite.

Agradeço a busca das ferramentas de que fez favor de se encarregar. Peço, porém, que não vá de propósito fazer novas diligências. A coisa não urge. Basta quando calhar.

A madeira aqui chegou. Não tem paus tão avantajados em grossura e comprimento como alguns das outras compras; mas no todo é madeira muito superior a qualquer das outras compras.

Seria agora ocasião própria de virem os rebentões dos alperches para se tirarem as borbulhas para a enxertia. O melhor modo é virem envolvidos em terra molhada metidos numa capa qualquer; ou cesta ou caixotinho, e a terra húmida embrulhada em ervas.

Peço recomendações minhas e da Mariana para a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José, cujo completo restabelecimento desejamos, e V. S.ª creia-me

Seu am.º obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 4 Julho.

Tenho andado tão apoquentado de trabalho e ao mesmo tempo de incómodos da minha bexiga que ainda não pude agradecer-lhe os últimos favores com que tem satisfeito as minhas impertinências.

É possível que preocupado por tanta coisa em que tenho que pensar deixasse de responder a alguma pergunta sua ou faltado a alguma explicação necessária, e disso peço desculpa.

Peço o favor de me remeter esta semana 20$000 réis pelo rapaz, no casio de não vir a Vale de Lobos.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

A. Herculano

FIM DO SEGUNDO VOLUME

OBRAS

DE

Alexandre Herculano

Bobo (O) — Romance histórico ..... 18$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. ..... 36$00
Composições várias ..... 18$00
Estudos sobre o casamento civil ..... 18$00
Eurico, *o Presbítero* — Romance ..... 18$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols. ..... 54$00
História de Portugal — Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos — 8 vols. ..... 144$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. ..... 36$00
Monge de Cistér (O) — Romance. — 2 vols. ..... 36$00
Opúsculos — 10 vols. Cada vol. ..... 18$00

Poesias:

Livro I, A harpa do crente. — Livro II, Poesias várias. — Livro III, Versões: de Millevoye, Béranger, Delavigne, Lamartine, etc. ..... 18$00

LIVRARIA BERTRAND